WORLD OF WARCRAFT
BATTLE FOR AZEROTH

# A GUERRA JUSTA

*Robert Brooks*

© 2018 Blizzard Entertainment, Inc.

*PARTE UM:*

# A ORDEM DA CHEFE GUERREIRA

O filho jazia inerte. Tinha morrido duas semanas atrás, mas só agora descansava.

*Eu temo por ele.*

"Não há o que temer", dissera Saurfang, tempos atrás.

Ajoelhou-se no chão frio de pedra da Cidadela da Coroa de Gelo e recolheu o menino nos braços.

*Estão mudando nossos filhos. Mudaram você.*

"Os bruxos me deram uma dádiva. Eu era poderoso antigamente. Hoje sou o próprio furacão", dissera ele. "Eu sou a guerra. Trarei glória ao meu povo até o dia da minha morte."

Como aquelas palavras soavam estranhas agora. Como soavam torpes.

Ergueu o corpo do filho e o carregou para fora da cidadela. Os olhos de dúzias de campeões repousavam sobre ele. Soldados da Horda e da Aliança abriram alas. Alguns o saudaram em silêncio, em respeito ao luto.

*Nosso filho não pode seguir seus passos.*

*Mantenha-o no nosso mundo, meu amor. Ele ficará a salvo. Intocado.*

A Cidadela da Coroa de Gelo sumiu. O frio cortante de Nortúndria foi substituído pelo sol quente e o ar úmido de Nagrand. Deitou o filho sobre uma pira apagada, perto do lugar onde sua família gozava do descanso derradeiro. O filho agora vestia os trajes simples de Garadar, o lugar onde crescera.

*Antes de partir, que nome você dará a ele?*

"Ele é meu coração. É o coração do meu mundo inteiro", respondera.

Levou uma tocha acesa à pira. Chamas alaranjadas começaram a se espalhar, primeiro entre os gravetos secos, depois entre as achas de lenha. Lampejos azuis e brancos dançavam entre as chamas à medida que o fogo aumentava. Viu-se obrigado a assistir à cena das chamas consumindo o filho. Aquela seria a última honra do menino, ele não podia virar o rosto. Viu a pele dar lugar aos músculos, aos ossos e, por fim, às cinzas.

"Ele se chamará *Dranosh*. Coração de Draenor."

◆ ◆ ◆

Varok Saurfang despertou. Nada perturbava o silêncio dos aposentos, exceto sua respiração. O rosto suado mais uma vez.

*Sonhos. Coisa mais imprestável.*

Ele não dormiu o sono dos abençoados, com visões que falavam do futuro e revelavam verdades sobre o passado. Tanto melhor. Tais visões teriam sido um desperdício. Imagine só lutar uma guerra que você sabe estar predestinado a perder ou, pior ainda, a *vencer*. Nada é mais letal para um guerreiro do que a complacência, e se o ano anterior havia ensinado alguma coisa àquele mundo, era que o destino não se compreendia tão facilmente assim.

Não, seus sonhos eram tão somente um ensopado de lembranças.

Às vezes, sonhava com batalhas de décadas atrás. Corria pelas ruas de Shattrath uma vez mais, os ouvidos zumbindo com os gritos dos draeneis e os estertores de guerreiros poderosos, envenenados pela bruma vermelha do bruxo. Perseguia humanos pelas ruas de Ventobravo, sentindo a pele arder com o calor da cidade incendiada. As duas chacinas tinham sido um deleite. A corrupção que pulsava nas suas veias o fazia matar com gosto. Nem pensava em desonra, não hesitava em derramar o sangue dos inocentes.

O arrependimento batia depois de acordar. Sentia as adagas da vergonha cravadas no peito, tão dolorosas quanto o dia em que fora libertado do sangue corrompido. Não se ressentia da dor. Dava-lhe as boas-vindas. Havia feito por merecê-la. Ela lhe pesava mais e mais a cada ano que se passava, mas ele carregaria o fardo em silêncio, com honra e sem se queixar, como penitência pelos seus erros. Era um preço pequeno a se pagar pela sobrevivência.

Quando ainda era um jovem orc, esperava uma morte rápida e honrada em batalha. Hoje em dia? Ele se perguntava se estaria fadado a enterrar todo mundo.

Saurfang se levantou do leito humilde e foi até a janela que se abria para Orgrimmar. Ainda faltavam muitas horas para a alvorada, e o frio da noite o envolveu. Uma gritaria súbita irrompeu ao sul. Ele enfiou o pescoço pela janela para olhar os portões principais, que levavam aos desertos de Durotar. Seus aposentos ficavam em uma das torres mais altas de Orgrimmar, dando-lhe uma vista ampla da cidade. Acordara incontáveis vezes ao longo do último ano com gritos e alarmes. A invasão da Legião Ardente em Azeroth tinha virado o mundo de ponta-cabeça. Demônios tentaram arrombar o portão dos fundos mais de uma vez em Azshara e, além disso, Orgrimmar pagou um preço alto pela vitória.

Agora não era para tanto. Ele mal via movimentação perto dos portões. Só se ouviam os gritos de um oficial muito bravo, que berrava com seus subordinados da guarda noturna.

*Deve ter escapado outro espião,* imaginou Saurfang.

Avistavam-se membros da Aliança em Orgrimmar com mais frequência nas últimas semanas. A chefe guerreira havia humilhado o rei de Ventobravo, Anduin Wrynn, fazia pouco tempo, por isso o rapaz tinha infestado a cidade de espiões, deixando os guardas completamente paranoicos.

Era uma estratégia astuta, já que os espiões mantinham as adagas embainhadas. Matar gente da Horda exaltaria os ânimos e deixaria as duas facções à beira da guerra, mas limitar-se a *vigiar* a Horda, evitando capturas e fazer isso com êxito por semanas a fio…

Até o mais burro dos peões entendia a mensagem: *vocês não podem ir à guerra. Nós acompanhamos cada movimento e estaremos preparados.*

Sylvana Correventos não mordeu a isca. Se a chefe guerreira tivesse soltado seus melhores caçadores de espiões em Orgrimmar, na quantidade que precisaria soltar para extirpar os espiões da Aliança, muitas vidas se perderiam, e de uma forma tal que ela não teria como usar a seu favor. Por isso preferiu não fazer nada.

"Vigiem à vontade", essa fora a resposta dela. "Vocês estão perdendo seu tempo."

Saurfang aprovou a atitude. Os tempos de guerra voltariam uma hora ou outra, como sempre. Não havia motivo para pressa.

Voltou ao leito. A chefe guerreira tinha solicitado uma audiência mais tarde.
Precisava descansar.

◆ ◆ ◆

Saurfang deixou seus aposentos ao raiar do dia para inspecionar a cidade.

O sol já tinha se erguido muito acima das muralhas de Orgrimmar quando ele chegou ao Vale da Honra. Era um dia movimentado: os monges tinham uma nova leva de discípulos para treinar. O líder pandareno Ji Pata de Fogo fazia uma demonstração de artes marciais. Pata de Fogo sorriu para o orc e fez-lhe uma mesura curta, sem interromper a lição. Saurfang o cumprimentou de volta, batendo o punho no peito, e seguiu seu caminho.

O portão dos fundos já estava aberto para os mercadores e viajantes do Ancoradouro Borraquilha. Uma nova equipe de guardas já havia assumido seu turno. "Mais relatos de gente da Aliança", informou um orc que tinha uma cicatriz na mão.

"Espiões", cuspiu um goblin com um par de adagas aninhado no colo. "Estou doido para botar as mãos num deles."

Saurfang deixou o portão dos fundos e rondou os paredões ao norte, onde tudo parecia correr bem. Ele terminou a inspeção do Vale dos Espíritos e então, ao chegar aos portões da frente, decidiu se desviar da rota costumeira. Saiu de Orgrimmar e caminhou até a costa. Os poucos mercadores e navios militares da Horda atracados ali descarregavam e se reabasteciam para novas jornadas. Antigamente viam-se mais velas recolhidas no baixio, mas hoje em dia, depois das perdas provocadas pela Legião, já não eram tantos os navios no oceano.

Saurfang reparou no vulto que se esgueirava pelo topo das muralhas e o seguira até o mar. "Eu estou vendo você", murmurou ele consigo mesmo. Em plena luz do dia, um espião teria dificuldades para deixar os muros da cidade sem ser visto. Como era de se esperar, eles julgavam o lorde supremo Saurfang importante a ponto de ser vigiado o tempo todo.

Já era quase hora de se apresentar à chefe guerreira. Saurfang tornou a cruzar os portões da frente e ouviu o som de risadas vindas lá de cima das muralhas. Ele se deteve. Sim, ouvia-se a gargalhada estrondosa de um tauren, ao que uma orquisa retrucou e todos caíram em uma risadaria escandalosa.

Saurfang galgou os degraus da escada mais próxima. Fossem quem fossem aqueles soldados, eles tinham acabado de se voluntariar para servir de exemplo do dia.

◆ ◆ ◆

Morka Bruggu tomou outro gole e arrotou bem alto. "Foi assim que eu consegui essa tralha velha." Ela tamborilava com o nó dos dedos a placa de metal afivelada à coxa dela. A peça estava praticamente rachada ao meio e a orquisa jurava que ainda emitia um brilhozinho verde à noite. Não combinava com o resto da armadura, mas nenhuma regra a impedia de usá-la em serviço. Fora conquistada pelo seu próprio esforço, afinal.

"Meu martelo contra a cabeça do lorde abissal." Ela produziu um *ploft* com as mãos. "De repente, a peça já não tinha mais serventia para ele".

O resto dos guardas grunhiu de volta. "Você quer que a gente acredite que *você* matou um lorde abissal?", perguntou o tauren.

Como ele se chamava mesmo? Lanagu? Alguma coisa assim. Ele gargalhou de chacoalhar o corpo inteiro, perdeu o equilíbrio e por pouco não despencou do alto da muralha. Tinha bebido pelo menos duas vezes mais do que a orquisa. Pelo visto, a manhã deles tinha sido regada a cerveja às escondidas.

Morka enfiou o dedo na cara dele e apertou de leve o seu focinho, fazendo com que o tauren se encolhesse todo. "Eu não disse que o derrubei *sozinha*, seu idiota de chifre lascado."

Ele afastou a mão com um safanão e zombou: "Pode falar dos chifres à vontade. É sinal de que você adora eles".

"Aqui, seu chifre" retrucou ela, fazendo um gesto que provocou a histeria geral. "Devia ter mais três dúzias de cabeças na briga. O pobre Gurak não deu conta, virou carvão". Morka tomou outro trago. E mais outro. Por Gurak. Era o mínimo que ele esperaria. Ela passou a bebida para a direita. "O lorde abissal desabou no chão. Ele ainda respirava e não parava de falar como Azeroth ia arder em chamas, sabem como são esses demônios, daí eu calei a boca dele com o meu martelo. Então tecnicamente, sim, *eu o matei*, e até onde eu saiba, isso significa que a prioridade sobre os espólios era minha."

Lanagu observou a peça na coxa da orquisa com ceticismo, porém seus olhos se desviaram em outras direções. Ele *sem dúvida* já tinha bebido além da conta. "Essa placa não ia servir nas pernas dele. As pernas eram do tamanho… da sua *casa inteira*."

A orquisa tamborilou a armadura outra vez e sorriu. "Ele usava no dedo. Meu companheiro é ferreiro, ele remodelou um pouquinho a peça e…"

*"O que vocês pensam que estão fazendo, seus tolos?"*

O rugido calou a boca de Morka na mesma hora. Era para ela sentir um frio aterrorizante na barriga, porém a cerveja não deixava espaço para mais nada. Ela se virou para a escada com um sorriso enorme.

Reconhecera a voz no ato, afinal.

"Lorde supremo Saurfang, que bom ver você!", disse ela.

Escutava de longe um alarme soando lá no fundinho da consciência. Estava bêbada em serviço e provavelmente ia se dar mal por causa disso, porém o herói da sua história de guerra favorita encontrava-se bem diante de seus olhos.

"A batalha na Encruzilhada", retomou a orquisa. "Eu estava lá com você. Vitória contra a Legião Ardente, *pela Horda!*", berrou ela a plenos pulmões, ouvindo com gosto o eco reverberar dos paredões da cidade até os limites do Vale da Força.

Percebeu, com menos gosto, que nenhum dos outros se juntou ao grito de guerra. Eles pareciam assustados, inclusive o fulano taureno, Lanagas ou coisa parecida.

E só então ela viu a expressão de Saurfang. Demorou, mas viu.

"A Encruzilhada", repetiu Saurfang com calma. "Você estava lá?"

"Sim, milorde" respondeu ela, com voz só um pouco empastada.

"Também lutou nas Ilhas Partidas?"

"Não, milorde."

"Participou da investida contra a Tumba de Sargeras? Lutou no mundo natal da Legião?" Saurfang levantava o tom de voz.

"Não fui convidada", admitiu Morka com um soluço, acrescentando com nervosismo: "milorde".

Saurfang se aproximou dela. "Não foi convidada? Precisa de um *convite* para cumprir seu dever? Então considere-se formalmente convidada a permanecer *sóbria* enquanto estiver protegendo Orgrimmar!"

O orc gritava na cara dela. Morka não ousava sequer piscar os olhos.

Saurfang levantou ainda mais o tom de voz: "Ou talvez você prefira explicar à chefe guerreira por que seus guardas bebem e caem na gargalhada enquanto espiões da Aliança passeiam pelas ruas da cidade!".

As palavras escaparam da boca de Morka antes que ela se desse conta: "Para o inferno com a Aliança e seus espiões. Não podemos deixar de nos divertir por conta deles".

Saurfang ficou perplexo. Mas era um sorriso que se alargava no rosto dele? Impossível.

"Vai ver eu devia pedir a *eles* para assumirem a guarda da cidade. Pior do que está, não fica!". Saurfang arrancou o bornal das mãos de Morka. Provou da bebida e cuspiu no chão, ofendido. "Pelo menos eles têm bom gosto para cerveja. Eu prefiro tornar a beber sangue de demônio!"

Ele atirou o bornal de couro lá de cima, então se virou para um dos suportes de aço para tochas ao longo da parede. Elas só se faziam necessárias à noite, porém o regulamento dizia que deviam permanecer acesas o tempo todo. Aquela chama, no entanto, já tinha morrido há várias horas.

"Fria! Quanta gentileza da sua parte providenciar um caminho nas sombras para cada ladino da Aliança neste continente!". Saurfang deu as costas aos guardas e berrou para que toda a cidade de Orgrimmar ouvisse, erguendo a tocha apagada bem alto: "Não é mesmo, Aliança? Eles não estão de parabéns?".

Uma labareda dançou na ponta da tocha, ficou ali por alguns momentos e depois se apagou com o vento.

Saurfang cravou os olhos na tocha. Morka cravou os olhos na tocha. Todos cravaram os olhos na tocha.

A labareda voltou e, por um instante, pareceu se curvar diante dele, num gesto claro de agradecimento. Depois desapareceu, deixando nada mais que um filete de fumaça esbranquiçado e, de alguma forma, um pouco zombeteiro.

Morka arregalou os olhos. Havia um espião da Aliança vigiando-os naquele exato instante. Não tinha outra explicação. E ele tinha acabado de fazer cada um deles de tolo.

Saurfang colocou a tocha de volta no castiçal e respirou fundo.

Morka fechou os olhos.

O discurso que se seguiu deixou os ouvidos dela zumbindo. Saurfang insultou seus ancestrais, questionou a inteligência de seus companheiros e duvidou que qualquer um deles tivesse fibra. Ele descreveu seus corpos como sacos de estrume, com flexibilidade para as posições mais indignas. Sugeriu que teria sido melhor morrerem nas mãos Legião do que desonrar sua querida Horda daquela maneira. Chegou a lamentar não tê-los oferecido a Sargeras quando ele envolvera Azeroth em seus braços, pois o Titã Sombrio na certa teria sido afugentado pelo fedor de estrume.

As palavras dele seriam passadas de geração em geração, Morka tinha certeza absoluta. Daqui a mil anos, seus descendentes acordariam no meio da noite suando frio, com as pragas do lorde supremo ainda ecoando nos crânios.

Por fim, num tom mais ríspido impossível, ele disse aos guardas que permaneceriam ali no próximo turno. E no próximo depois daquele. E só aí começaria a pensar em uma punição à altura.

E então se foi.

Os guardas trocaram olhares pasmos. Depois retornaram aos seus postos sem dizer palavra, ainda cambaleando de leve, para vigiar a estrada que levava à cidade. Se continuavam vivos, era porque vergonha não matava.

Horas depois, Morka se deu conta de que ele em nenhum momento tinha perguntado o nome de ninguém. O alívio tomou conta da orquisa. Ele não teria como designar nenhuma punição extra, afinal.

◆ ◆ ◆

Já tinha passado da hora de encontrar a chefe guerreira. Saurfang voltou para a cidade, esforçando-se para não rir.

Guardas de Orgrimmar bêbados em serviço? Coisa de cair o queixo para um comandante, mas compreensível para um sobrevivente.

Grande parte da Horda ainda vibrava com a derrota da Legião Ardente. Era para todos terem morrido e, de fato, muitos bravos soldados morreram, mas graças ao empenho de alguns campeões de coragem incomparável, o mundo continuava livre. O mínimo que se podia fazer era celebrar a vida, que estivera a um triz de ser exterminada.

Ainda assim, havia lugar e hora para celebrações. Aqueles guardas não se esqueceriam disso nunca mais.

Ele não viu ninguém guardando a entrada do Castelo Grommash. Estranho, mas não chegava a ser preocupante. A chefe guerreira era mais do que capaz de tomar conta de si mesma.

Saurfang adentrou a sala de guerra. Sylvana Correventos o aguardava sozinha. Isso também não era comum.

"Só nós dois, chefe guerreira?", perguntou ele.

"Nathanos está do lado de fora", respondeu a morta-viva. "Ele vai cuidar para que a Aliança não bisbilhote nossa conversa hoje."

"Eu não o vi."

"Não, não viu", confirmou ela.

O orc se juntou a ela na mesa enorme que ocupava o centro da sala, sobre a qual se estendia um mapa detalhado de Azeroth e seus continentes. Até mesmo a Ilha Errante havia sido desenhada a giz de cera — ela parecia se deslocar no rumo das Ilhas Partidas. Os exploradores pandarenos deviam ter ficado contentes por poderem voltar a visitar as ilhas em segurança, depois da derrota da Legião. Mais ou menos em segurança, melhor dizendo.

O mapa apresentava outras marcações mais relevantes: o último paradeiro conhecido das frotas da Aliança — nada que surpreendesse Saurfang — e alguns pontos onde batedores e exploradores haviam confrontado goblins nas redondezas de Silithus. A Aliança estava de olho nas atividades da Horda naquelas bandas, mas não tinham realizado manobra alguma para tomar o território. Por enquanto.

As marcações não deram nenhuma pista a Saurfang do motivo da sua convocação.

"Eu tenho uma pergunta para você, lorde supremo", anunciou Sylvana. "Se eu lhe desse ordens para destruir Ventobravo, como você faria isso?"

Saurfang ficou calado por um momento. Ele se perguntava se aquilo era piada, se ela estaria fazendo troça com a cara dele. Mas esta chefe guerreira não fazia piadas. "Não entendi", respondeu por fim.

Ela tamborilou o mapa com os dedos, como se pudesse esmagar o centro do poderio militar da Aliança só com a força do seu dedão. Não estava sorrindo. "É uma pergunta simples. Imagine que eu lhe desse ordens para destruir Ventobravo hoje. O que você faria?"

*Eu a desafiaria para um mak'gora, porque você só pode ter perdido o juízo*, pensou o orc. A pergunta realmente era simples, mas a resposta, desanimadora. Ele poderia demonstrar isso facilmente.

Margeavam as bordas da mesa um monte de estatuetas de pedra, cada uma representando uma unidade diferente de poder militar. Ele começou a posicioná-las no mapa, em volta de Ventobravo, concentrando-se nas forças da Aliança primeiro. Como eles se defenderiam de um cerco? Soldados nas muralhas. Balistas e canhões às suas costas para bombardear quem tentasse penetrar as muralhas. Grifos nas colinas para interceptar manobras aéreas pelos flancos. Navios no porto. Feiticeiros em todos os fronts possíveis. Ventobravo era uma cidade portuária com bastante terreno defensável.

Então Saurfang deslocou as forças da Horda para desafiá-los. Não era uma cena animadora.

"Não conseguiríamos destruir Ventobravo com um ataque direto, não por terra. Não temos navios suficientes para transportar nossos exércitos até a Floresta de Elwynn sem sermos interceptados." Saurfang apontou o oceano na costa de Ventobravo. O ataque desastroso à Costa Partida deixara uma porta aberta, mas seria praticamente impossível aproveitá-la. "A marinha da Aliança continua sendo seu ponto fraco. A nossa poderia pegar a deles de surpresa. Talvez nossa frota consiga conquistar as docas. Mas jamais conseguiria conquistar a cidade."

A frota da Horda também andava mal das pernas. Mesmo que conseguissem sobrepujar a frota da Aliança — uma probabilidade questionável, na melhor das hipóteses —, ainda teriam o mesmo problema da abordagem por terra: não havia embarcações suficientes para transportar uma força terrestre de vulto para dominar a cidade. Desembarque algum funcionaria em Ventobravo. "Eles removeriam as defesas das muralhas e enviariam ao porto, a fim de nos rechaçar", concluiu ele.

"De acordo", disse Sylvana. "Seria um desastre. Tenho esperança de logo termos uma vantagem sobre a Aliança no mar, mas ainda assim, teríamos que mobilizar nossa frota inteira para atacá-los. As outras nações da Aliança poderiam invadir nossos territórios em retaliação e nós não teríamos como impedi-los. Ciente disso tudo, como você destruiria Ventobravo, lorde supremo Saurfang?"

O orc conteve o tom de voz. "Você quer que eu minta para você, chefe guerreira? Quer que eu lhe diga que é possível, sendo que não é?"

"Não." Sylvana o fuzilava com seus olhos reluzentes. "Não pense em Ventobravo como o primeiro alvo. Pense na cidade como o objetivo final. Como você chegaria lá?"

Saurfang sentiu um frio na espinha. "Seria uma estrada longa e sangrenta."

"*Lok-tar ogar*", respondeu ela.

O orc ficou roxo de raiva. Ele sabia que não disfarçava bem, mas não ligou para isso. "Você quer tanto assim outra guerra? Depois de tudo o que nós vimos?". Ele derrubou as estatuetas de pedra pelo chão afora com um safanão. Seus lábios se contraíram, deixando presas e dentes à mostra. Ia lhes custar mil batalhas, não, mil *vitórias*, para começarem a conceber um triunfo absoluto da Horda sobre a Aliança. O preço disso seria devastador. E qual seria a recompensa? Derramar sangue da Aliança e atear fogo à meia dúzia de cidades? Ah, como a Horda festejaria ao revolver as cinzas de seus lares e dos entes queridos que perderiam na guerra. "Você não é Garrosh Grito Infernal. Por que quer tornar a enfiar a Horda em um moedor de carne?"

Sylvana não desviou o olhar, mesmo diante de um orc possesso. "Se eu me dedicasse à paz com a Aliança, ela duraria um ano?"

"Duraria", respondeu Saurfang, curto e grosso.

"Que tal dois anos? Cinco? Dez? Cinquenta?"

Saurfang sentiu que estava caindo em uma armadilha e não gostou daquilo. "Nós lutamos lado a lado contra a Legião Ardente. Isso cria elos que não se rompem assim tão fácil."

"O tempo rompe *todos* os elos." Sylvana se debruçou sobre a mesa. Suas palavras voavam feito flechas. "No que você acredita? A paz duraria cinco ou cinquenta anos?"

Saurfang imitou o gesto, ficando a poucos centímetros do rosto dela. Nenhum dos dois sequer piscava. "Tanto faz no que eu acredito, chefe guerreira. No que *você* acredita?"

"Eu acredito que os exilados de Guilnéas jamais perdoarão a Horda por tê-los expulsado de suas terras. Acredito que os humanos vivos de Lordaeron devem achar que é uma blasfêmia o meu povo ainda manter o domínio de sua cidade. Acredito que a rixa antiga entre nossos aliados de Luaprata e seus primos em Darnassus não será facilmente remediada." Um sorriso se abria no rosto da morta-viva. E não era um sorriso agradável.

"Acredito que a tribo Lançanegra não esqueceu quem os expulsou de suas ilhas", continuou ela. "Acredito que todos os orcs da sua idade ainda se lembram dos anos de puro desespero que passaram presos em campos de concentração imundos, sobrevivendo do lixo dos humanos. Acredito que todos os humanos se lembram das histórias da Horda terrível que causou tanta destruição na sua primeira invasão e acredito que culpem cada um dos orcs por tudo isso, independente do que o seu povo tenha feito para se redimir. E eu estou muito bem lembrada de que, outrora, eu e os primeiros Renegados fomos cidadãos leais da Aliança. Nós *morremos* sob aquele estandarte e nossa recompensa foi sermos caçados feito ratos. Acredito que jamais haverá paz permanente com a Aliança, a menos que ela seja conquistada no campo de batalha e nos nossos termos. Acreditando nisso tudo, responda-me, Saurfang: de que adianta adiar o inevitável?"

*Pelos espíritos, como é fria essa mulher.*

O silêncio pairou sobre eles por alguns instantes. Quando Saurfang se manifestou, já estava mais calmo. "Então devíamos discutir os preparativos da próxima guerra, e não começá-la hoje."

"É o que estamos discutindo", respondeu ela. "Você é o único ser vivo que eu conheço que já conquistou *tanto* Ventobravo *quanto* Orgrimmar, Saurfang. Segundo você, um ataque direto a Ventobravo seria impossível com as forças que temos hoje. O mesmo se aplica à Aliança? As defesas naturais de Orgrimmar bastam para repelir um ataque surpresa?"

*Não*, concluiu Saurfang num átimo. Ele se revoltou só de pensar naquilo, mas cada contra-argumento que conseguia elaborar logo caía por terra. Orgrimmar ficava mais exposta do que Ventobravo. O porto se situava fora dos muros da cidade, logo era mais vulnerável. A guerra civil contra Garrosh Grito Infernal era prova disso. Não seria fácil invadir Orgrimmar de novo, Saurfang passara anos certificando-se disso, mas era possível e ele sabia como fazê-lo. *É afastar nossa marinha, desembarcar tropas em Durotar e Azshara, isolar a cidade, lançar um cerco vindo de duas direções ao mesmo tempo, esperar a cidade morrer de fome…*

"É meu dever garantir que isso não aconteça, chefe guerreira."

"E se acontecer?"

Ele soltou uma risada amarga. "Nesse dia a Horda partirá para a batalha e morrerá com honra, porque não nos restará nada entre os muros da cidade além de uma morte lenta."

Sylvana não riu da piada. "E é meu dever impedir que *isso* aconteça."

"O rapazinho de Ventobravo não vai começar uma guerra amanhã", argumentou o orc.

Ela franziu as sobrancelhas. "Com Genn Greymane pendurado nos seus ouvidos? Veremos."

Aquilo era preocupante, Saurfang *tinha* que admitir. No calor da batalha contra a Legião Ardente, Greymane ordenara uma missão para matar Sylvana. As poucas aeronaus da Aliança que restavam acabaram destruídas.

Corria na boca miúda que Greymane ordenara o ataque sem a permissão de Anduin, mas, até onde Saurfang sabia, ele não recebera punição alguma. As implicações disso eram inquietantes e todas as explicações possíveis levavam a uma só conclusão: aquele velho worgen faria de tudo para a Aliança entrar em guerra com a Horda.

Os olhos de Sylvana reluziram. "Além disso, o rapazinho está prestes a se tornar homem. E se esse homem decidir que não lhe resta escolha, senão entrar em guerra conosco?"

Ela apontou para o mapa. Havia uma marcação enorme em Silithus, no lugar onde a lâmina do Titã Sombrio havia perfurado o mundo. "Independente do que eu fizer, *isso* vai mudar a balança

do poder. Tem aparecido azerita no mundo todo, Saurfang. Nós ainda não conhecemos seu verdadeiro potencial, nem a Aliança. Só sabemos que ela criará uma nova forma de guerrear. Como será a guerra daqui a vinte anos? Daqui a cem?"

A voz de Saurfang se reduzia a um grunhido. "Cem anos de paz é uma meta digna." Mas, assim que as palavras lhe saíram, ele quis retirar o que havia dito. Já sabia qual seria a resposta de Sylvana.

E ele seria obrigado a concordar.

A chefe guerreira não deixou por menos. "Se os cem anos de paz terminarem em uma guerra que aniquilará ambos os lados, então não terão sido uma meta digna. Terão sido uma barganha de covardes que trocaram o futuro por um conforto temporário. Os filhos da Horda e os filhos de seus filhos amaldiçoarão nossa memória enquanto ardem em chamas." A voz dela se abrandou, ligeiramente mas se abrandou. "Se a vida fosse justa, eu e você teríamos paz até o fim dos nossos dias. Nós dois já nos cansamos de guerrear, mas a guerra ainda não se cansou de nós."

*Nisso, estamos de acordo*. "Sua decisão está tomada, chefe guerreira? Você vai declarar guerra? Apesar do preço a ser pago?"

"Eu enxerguei uma oportunidade. Preciso de um plano para concretizá-la", respondeu Sylvana.

"E se eu não conseguir traçar esse plano?"

"Então é lógico que não faremos nada."

"Explique essa tal 'oportunidade', chefe guerreira", pediu ele. "Porque eu não enxerguei oportunidade alguma."

"Ah, mas enxergou. Você mesmo já disse", retomou ela. "Por que é impossível invadir Ventobravo hoje?"

"Não temos navios suficientes." Saurfang a observava com desconfiança enquanto esmiuçava as implicações daquilo. *Desde quando isso é uma oportunidade?* "Nós podemos dedicar nossos navios ao transporte ou à guerra, mas não a ambos…"

O impacto da resposta foi tanto que ele literalmente perdeu a fala. Seus joelhos fraquejaram e ele teve que apoiar os braços sobre a mesa. Passado um momento, ele tornou a olhar para Sylvana com o rosto lívido.

Ela tinha acabado de lhe mostrar uma verdade que ele não fora capaz de enxergar sozinho, era como se o mundo inteiro tivesse mudado à sua volta. Há coisa de segundos atrás, sabia do âmago do seu ser que aquela guerra era impossível…

Já agora…

"Você entendeu, não entendeu?", perguntou Sylvana calmamente.

Ele não disse palavra. Não conseguia. Andara tão concentrado em *defender* a Horda da Legião que tinha ficado cego para as consequências daquela guerra.

Havia um impasse, por assim dizer, entre a Aliança e a Horda que durou anos. Os dois lados eram poderosos e tinham forças espalhadas pelo mundo todo. Toda e qualquer ação seria respondida imediatamente com uma represália. Foi por isso que Varian Wrynn decidiu não esmagar a Horda depois do Cerco a Orgrimmar: ele sabia quantas vidas teria custado ao seu povo se levasse aquilo até as últimas consequências. Em retrospectiva, teria significado a morte de Azeroth, pois só com a força total da Horda e da Aliança é que fora possível garantir a sobrevivência do mundo.

A Costa Partida, entretanto, tinha alterado o equilíbrio, não tinha? O contra-ataque desastroso à Legião tinha destruído uma porção significativa das frotas de ambas as facções, e os meses de conflito que se seguiram só pioraram o problema. A Horda e a Aliança ainda contavam com posições fortes em cada continente, porém careciam dos meios para reforçar ou manobrar suas tropas de um front a outro.

*Até nossas marinhas se recuperarem, o alto mar será terra de ninguém.*

Isso levaria anos para mudar. E uma vez que a mudança acontecesse, não restava dúvida, o impasse voltaria e a guerra ia se tornar custosa demais.

E, por todos os espíritos, Sylvana tinha razão, por mais que Saurfang quisesse negar. A guerra voltaria um dia e, se as duas facções já tivessem se fortalecido até lá, ela devastaria nações inteiras. Quantos povos se extinguiriam da face de Azeroth nessa luta?

*Mas, até lá, os dois lados terão vulnerabilidades e um tempo limitado para tirar vantagem disso. Se pagarmos o preço, pode ser que a gente sobreviva.*

"Você pensa que podemos dominar Kalimdor", disse ele. "O continente inteiro."
Aquilo não era uma pergunta. O grosso das forças da Aliança ficava nos Reinos do Leste. O da Horda, em Kalimdor.

Sylvana inclinou sutilmente a cabeça. "Penso."

Saurfang já ruminava a estratégia. Onde a Horda teria que atacar? No Monte Hyjal? Na Ilha Névoa Lazúli? Não, só existia um centro de poderio militar da Aliança capaz de projetar suas forças para o resto do continente. "Darnassus", ofegou ele. "Teldrassil, a Árvore do Mundo. Chefe guerreira, mesmo que fosse possível…"

"*É* possível?", indagou ela. "Se nosso exército marchasse até a Costa Negra para tomar a Árvore do Mundo, a Aliança seria capaz de nos impedir?"

*Não. Não se o ataque os pegasse de surpresa. Não, contanto que a Horda não se enrascasse no Vale Gris…*

"Lorde supremo", pressionou Sylvana, "seja franco. É possível?"

"É possível", respondeu Saurfang sílaba por sílaba, "mas não sem graves consequências."

"De fato."

"Nós venceríamos uma batalha, não a guerra", explicou Saurfang. "Se o equilíbrio de poder pender para o nosso lado, a Aliança responderá à altura. Nossas nações nos Reinos do Leste ficarão vulneráveis a retaliações."

"Principalmente a minha", acrescentou Sylvana.

Ele ficou aliviado por não precisar dizer aquilo no lugar dela. Que outro alvo Greymane exigiria que a Aliança atacasse, *senão* a sede de poder de Sylvana? "Eu não sei se temos como proteger a Cidade Baixa, não enquanto a Aliança estiver unida contra nós."

"E se não estiverem?". Sylvana voltou a sorrir. "E se estiverem divididos?"

*Então a vitória será da Horda*. "Por que eles se dividiriam? Se lançarmos um ataque surpresa à terra dos elfos noturnos, a Aliança inteira buscará vingança."

"A princípio, sim. Eles ficarão furiosos, unidos pela agressão", explicou ela. "Mas o que os elfos noturnos vão querer mais do que tudo? Eles pedirão à Aliança para ajudá-los a retomar suas terras ocupadas."

*Mas a Aliança não terá forças para tal, não em Kalimdor, não sem suas frotas.*

Mais uma vez. Ela o fizera mais uma vez. Abrira a cabeça dele para uma nova possibilidade e o mundo mudou à sua volta. As implicações estratégicas giravam diante de seus olhos tal qual a Voragem. "Vai levar anos para eles sequer cogitarem retomar Darnassus."

"Agora você entendeu, lorde supremo", confirmou Sylvana. "Pense bem. O que aconteceria em seguida?"

"Eles podem tentar conquistar a Cidade Baixa… mas nós tomaremos Darnassus como refém. Os elfos noturnos não permitirão que a *sua* cidade venha abaixo se temerem que a cidade *deles* também pode acabar destruída. O mesmo vale para uma investida contra Luaprata." A cabeça de Saurfang estava a mil. *Ela tem razão. Pode ser que dê certo*. "E ainda que a Aliança concorde em retomar Darnassus… os guilneanos!"

Os olhos de Sylvana desapareceram sob a borda do capuz. "Eles perderam a nação deles anos atrás. Os guilneanos ficarão furiosos se a Aliança ajudar os kaldorei primeiro", disse ela. "O rapazinho de Ventobravo terá uma crise política nas mãos. Ele é inteligente, mas não tem experiência. O que acontecerá se Genn Greymane, Malfurion Tempesfúria e Tyrande Murmuréolo exigirem, cada um, uma coisa diferente? Ele não tem a majestade do pai. O respeito que os outros lhe prestam é mera cortesia,

não uma obrigação. Anduin Wrynn logo se tornará um líder de mãos atadas. Se a Aliança não marchar unida, cada nação agirá conforme os próprios interesses. Cada exército voltará às suas terras para protegê-las de nós."

"E assim você derrota Ventobravo." Saurfang estava espantado. Era brilhante. Destruir a Aliança não lhes custaria mil vitórias. Ia lhes custar apenas uma. Bastava uma investida estratégica e a pressão deixaria a Aliança aleijada por anos, a menos que eles realizassem milagres no campo de batalha. "A Aliança será destruída por dentro. O poderio militar deles de nada vale se agirem sozinhos. Então nós faremos um acordo de paz com cada nação e as removeremos da Aliança, uma por uma."

"Quando se quer que o inimigo sangre até morrer, abrimos um ferimento que não se fecha. Existe uma razão para você traçar esse plano no meu lugar, lorde supremo", retomou Sylvana. "No momento em que o ataque começar, não haverá mais volta. A guerra pela conquista de Darnassus tem que dividir a Aliança, e não torná-la mais unida. Isso só acontecerá se a Horda conquistar uma vitória honrada, e eu não sou cega: a Horda jamais confiaria que eu fosse lutar limpo."

Mais uma vez, ela tinha razão. Saurfang escolheu as palavras com muito cuidado: "Os preparativos vão levar tempo. Talvez não seja sequer possível, ainda mais com a Aliança vigiando cada movimento nosso."

O sorriso de Sylvana se alargou. "Eu suspeito que, logo, logo, os espiões deles se tornarão nosso maior trunfo."

*PARTE DOIS:*

# A MARCHA RUMO A SILITHUS

Um barulho do lado de fora acordou Saurfang de supetão. Ele farejou sangue. Farejou um inimigo.

*A Aliança veio me pegar.*

Ato contínuo, ele apanhou a adaga que deixava recostada no seu leito e desferiu um golpe na altura do joelho. Quem quer que estivesse ali acabaria aleijado.

A lâmina passou rasgando o ar. Ele estava sozinho nos seus aposentos.

Um rosto apareceu pelo vão da porta. "Bom dia, lorde supremo", cumprimentou-o o visitante, acrescentando em tom seco, "foi belo golpe."

"Esse seu fedor de humano não passa." Saurfang abaixou a adaga. "Isso é um perigo por aqui."

Nathanos Arauto da Praga abriu um sorriso amarelo, ainda no corredor. "Nós precisamos conversar."

Saurfang vestiu uns calções folgados e se juntou ao morto-vivo. O céu já clareava, faltava pouco para raiar o dia. Ele teria que acordar daqui a pouco, de qualquer maneira. "O que aconteceu?", perguntou.

Nathanos coçou o queixo. Foi um gesto desajeitado, como se ele ainda não tivesse se acostumado com o formato do novo rosto. Saurfang nunca chegara a perguntar ao patrulheiro Renegado como ele acabara daquele jeito. Talvez fosse melhor nem saber. Ele não receberia uma resposta franca, de qualquer forma. "Nós avistamos cinco espiões da Aliança esta noite."

Saurfang grunhiu de volta. Nada de anormal naquilo. "E?"

"Dois deles tentavam escalar a torre para chegar aos seus aposentos."

"Hunf." *Aquilo* já não era normal. Mas o mais provável é que estivessem atrás de cartas e documentos no quarto dele. "Se quisessem minha cabeça, teriam mandado mais gente. Eles conseguiram subir até aqui?"

Nathanos balançou a cabeça. "Eu dei um jeito no problema."

"É mesmo?". Só então Saurfang reparou nas manchas ainda úmidas no manto azul do Renegado. Ele puxou a adaga da bainha afivelada ao cinto de Nathanos. O patrulheiro estreitou

os olhos, mas não se opôs. Ele chegara a limpar a lâmina antes de embainhá-la, porém sem nenhum capricho.

Saurfang arreganhou as presas. *Foi por isso que senti cheiro de sangue.* "Você matou todos os dois?"

Nathanos tomou a adaga de volta. Ele desviou os olhos vermelhos. "Só um. Um humano. Ele não tinha muito a dizer." Em outras palavras, ele tinha torturado o espião antes de matá-lo. "O outro era kaldorei, eu acho. Eles ficam em vantagem à noite. Acabou escapando."

"Ótimo", respondeu Saurfang com rispidez. "Nós queremos que a Aliança pense que está no controle. A chefe guerreira mandou não perseguir os espiões. Obedeça."

"Eles não vão encontrar o cadáver", assegurou-o Nathanos.

"Nem precisam encontrar." Um espião só desaparece por dois motivos: ou ele passou para o outro lado ou morreu, e nenhum humano jamais passaria para o lado da Horda. *Nenhum humano vivo*, corrigiu-se ele. "Se chegar perto de outro espião, deixe-o fugir, entendeu? Finja que não deu conta de apanhá-lo."

"Sim, milorde." Nathanos baixou a cabeça com tranquilidade. "Suas conversas com a chefe guerreira, como têm andado?"

Saurfang baixou o tom de voz. "O que ela lhe contou?"

O morto-vivo não respondeu, o que já era resposta mais do que suficiente. *Ela não havia lhe contado nada.*

O orc se inclinou para perto dele e grunhiu: "Você sabe que não deve perguntar sobre tais coisas em público."

Nathanos não hesitou nem por um momento. "Não tem ninguém ouvindo. Enquanto eu estiver perto de você ou montando guarda no seu quarto, a Aliança não escutará uma só das suas palavras. Nem que escutem Orgrimmar inteira."

Não era uma questão de arrogância. Nathanos tinha um bom faro para ir atrás de gente indesejada e os meios para se livrar de tais pessoas. Além de ser o conselheiro de maior confiança da chefe guerreira. Se ele de fato não sabia nada, isso era um bom sinal. Significava que Sylvana tinha sido sincera. Ela tinha mesmo deixado o assunto nas mãos de Saurfang.

Então o orc decidiu se aproveitar disso. "Silithus", soltou ele.

Aquilo lhe rendeu um olhar desconfiado. "O que tem Silithus?"

"Silithus", repetiu Saurfang. "Lembre-se desse nome, mas nunca o diga em voz alta."

Com isso, Nathanos se virou para encarar o orc. "As terras em volta da espada estão protegidas, não estão? Aconteceu alguma coisa?"

"Não, graças a você, Silithus e todos os seus depósitos de azerita estão nas mãos da Horda", tranquilizou-o o orc. "Que continue assim. Eu vou enviar algumas centenas de soldados rumo ao sul daqui a alguns dias. Eles protegerão a rota e fortificarão nossas defesas em torno da espada."

Nathanos claramente suspeitava de cada palavra, mas quis ver aonde aquilo ia dar. "Proteger a rota? Em função de quê? Quantos soldados mais vamos mandar?"

"Quantos você acha que estaria de bom tamanho?"

"Nenhum", respondeu o Renegado no ato. "A Horda não tem por que desperdiçar seus exércitos em um deserto que a Aliança não tem a menor intenção de invadir. Isso dividiria nossas forças enquanto o inimigo anda à espreita na nossa cidade."

Saurfang deu de ombros. "Eu acho que a chefe guerreira concorda com você. Mas acho que vou mandar os soldados lá para baixo daqui a um mês, assim mesmo."

O orc observava Nathanos com atenção. O morto-vivo piscou uma, duas vezes e por fim aquiesceu. "Acho que eu não vou gostar muito disso. Mas, no interesse de servir a Horda, acho que vou guardar meu descontentamento para mim. Exceto em certas ocasiões. Acho que exponho minhas frustrações demais, principalmente quando há olhos inimigos para vê-las."

*Ele entendeu.* "O mais importante", retomou Saurfang, "é que a Aliança vai se perguntar o porquê dessa marcha *justo agora*. O que teria me provocado a agir? A Horda inteira vai se perguntar a mesma coisa. Dúvidas e rumores vão se espalhar. A Aliança vai fazer de tudo para descobrir a verdade."

Os olhos de Nathanos se estreitaram. Se houvesse resposta para aquela pergunta, se a Horda tivesse descoberto um motivo convincente para marchar rumo ao sul, ele com certeza saberia. "E como não conseguirão encontrar resposta alguma, mesmo contando com um exército de espiões, eles ficarão inquietos."

"Não dá para prever o que farão", acrescentou o orc. "Mas alguma coisa eles farão. Talvez isso nos crie uma oportunidade."

"O plano não é grandes coisas", comentou Nathanos, porém seus lábios esboçavam um sorriso. "Mas é uma estratégia interessante. Do jeitinho que eu gosto."

E assim, deu meia-volta e foi-se embora, sumindo escada abaixo. Agora havia três pessoas em Orgrimmar cientes do embuste que Saurfang planejava armar. O círculo se expandiria ao longo das próximas semanas, mas não muito. Nem poderia.

Para conquistar Darnassus, Saurfang teria que mobilizar a Horda para a guerra. Milhares de soldados teriam que se preparar para uma longa marcha, para recolher um sem-fim de suprimentos e para batalhar das mais variadas formas. Ele não tinha como esconder aquilo da Aliança. Inclusive, esperava que Ventobravo tivesse os suprimentos e soldados da Horda mais bem contabilizados do que ele próprio. E esperava também que seguissem cada passo da Horda naquela jornada, aproveitando todas as oportunidades que surgissem para sabotar os eixos das carroças, destruir armas e outras besteiras do tipo.

Como, então, o ataque poderia pegá-los desprevenidos?

*Fazendo com que os espiões da Aliança contem a história errada,* dissera Sylvana.

Ela tinha razão. Para que a campanha fosse bem-sucedida, os espiões da Aliança teriam que se tornar o maior trunfo da Horda. Eles teriam que informar a Ventobravo que a Horda mirava no extremo sul, não no oeste, e que estavam se preparando para uma guerra daqui a anos a perder de vista, e não daqui a semanas.

Era hora de botar mãos à obra.

◆ ◆ ◆

Nargol, o intendente, ia ficando cada vez mais horrorizado à medida que lia o pergaminho. "De onde saiu essa lista?"

"Do lorde supremo Saurfang", respondeu o mensageiro troll.

O orc coçou o queixo. "Ele está querendo demais. Eu teria que remanejar a distribuição de alimentos e nós teríamos que desembolsar uma *fortuna* para contratar tantos carretos. Os ferreiros teriam que trabalhar noite e dia. Ainda assim, levaria dois meses para juntar tudo." *Isso se acontecer um milagre.*

"Tu tem um mês", corrigiu o troll.

"*Como é que é?*". Nargol tornou a ler pergaminho. Aquilo era suprimento para alimentar metade do exército da Horda por um ano. "O que deu em Saurfang?"

O troll deu de ombros.

◆ ◆ ◆

Foi um milagre a explosão não ter matado ninguém. A forja começara a faiscar, apitar e vazar metal derretido, dando tempo para todo mundo se escafeder dali antes que ela estourasse, atirando estilhaços fulgurantes por toda a Bigorna Incandescente.

O mestre ferreiro Saru Furiácero saíra ileso, mas não parava de tagarelar. "Um dos aprendizes deve ter deixado vilardósia tempo demais no fogo. Aço demoníaco, vocês já viram como é."

O barulho assustou a cidade inteira, além do estrago que fez na parte interna do prédio. Os boatos de que a forja tinha sido vítima de sabotagem por parte da Aliança logo caíram na boca do povo.

"Quanta baboseira", dizia Furiácero aos quatro ventos. "Foi só tolice de algum aprendiz meu. Acidentes acontecem."

O lorde supremo Saurfang em pessoa fora conferir o estrago. "Orgrimmar se orgulha de cada forja e ferreiro seu", anunciou ele. "Vou me certificar de que tudo esteja novinho em folha em menos de uma semana."

O orc chegara a deixar a promessa por escrito: *Cada pepita de azerita perdida na explosão será reposta o mais rápido possível.*

Furiácero ficou confuso. Ele aceitaria de bom grado toda e qualquer azerita que mandassem, mas não tinha azerita alguma na forja no dia do acidente. Ele tinha certeza absoluta disso. Saurfang devia ter se equivocado.

*Pensando bem*, refletiu ele, *se me virem como o único ferreiro de Orgrimmar que sabe trabalhar a azerita, isso vai fazer um bem danado para a minha reputação.*

Ele guardou a carta em uma bolsa de couro, que escondeu atrás de uma chapa, na parte de baixo da sua forja favorita. Alguns dias depois, ele reparou que a chapa estava arranhada, como se alguém tivesse tentado arrombá-la. Mas era muito improvável. Nada fora roubado. Tudo, inclusive a carta, estava exatamente onde Furiácero se lembrava de ter posto.

Bom, parecia que a carta não estava no mesmo bolso, mas…

◆ ◆ ◆

Sylvana Correventos respirou fundo e sibilou de frustração. "Se não tem outra opção, eu mesma cuido deles."

Saurfang não disse palavra. A ideia era ruim, mas, por ora, era a melhor que eles tinham.

Saurfang e Sylvana tinham passado dias discutindo táticas e estratégias, e ficara claro que havia duas falhas imensas e inescapáveis no plano deles: Malfurion Tempesfúria e Tyrande Murmuréolo.

Os líderes dos elfos noturnos eram poderosos, perigosos e possivelmente imbatíveis no campo de batalha. Por mais que os kaldorei fossem pegos desprevenidos, aqueles dois seriam um terror para a Horda uma vez que o confronto começasse. Eram criaturas milenares, haviam sobrevivido a tantas coisas que Saurfang começou a recear que pudessem conter a Horda tempo o bastante para a Aliança mandar reforços. Além do mais, o Vale Gris era território deles. Ali a própria natureza lutaria pela causa dos elfos.

Sylvana daria conta de um deles… talvez. Mas, mesmo com o seu temperamento, sabia que aquilo estava longe de ser a estratégia ideal. A tática da desinformação não seria muito útil para resolver aquele dilema. Que informação falsa se poderia dar aos espiões da Aliança para convencer Darnassus a manter seus *dois líderes* afastados da guerra uma vez que ela começasse?

"Vamos esperar uma oportunidade", resmungou Saurfang. "E se ela surgir, nós a usaremos."

Sylvana concordou.

Eles continuaram se encontrando todos os dias. Aquilo seria notado, de modo que precisava haver uma explicação. Saurfang a elaborou com cuidado. Ele não criticava a chefe guerreira em hipótese alguma e professava sua lealdade a ela abertamente, como é o dever de todo orc que se preze. Por outro lado, ele sempre saía das reuniões visivelmente abalado e humilhado.

A encenação valeu a pena. Sylvana lhe mostrou um pergaminho de um espião de Ventobravo. "A Aliança suspeita que eu e você estamos a ponto de pular no pescoço um do outro", disse ela. Com um toque de ironia, acrescentou: "E eles acham que você vem pressionando uma manobra militar escancarada, apesar das minhas ressalvas."

As falsas queixas de Nathanos também não deixavam nada a desejar. Um espião vai atrás de informações secretas e não confia em praticamente nada do que ouve. Não se engana um deles com mentiras deslavadas. Para tanto, deve-se enterrar a mentira profundamente, de forma que só se possa revelá-la com grandes riscos e dificuldades. Um segredo escondido a tanto custo pelo inimigo só podia ser a mais pura verdade. Era esse o viés que embasava cada relatório enviado pelos espiões de volta aos seus mestres.

Era fácil crer que Saurfang vivesse irritado sob o comando de Sylvana Correventos, mesmo porque ele vivia, de certa forma. Era fácil crer que o velho orc estivesse doido para derramar sangue no campo de batalha, e que a rainha banshee preferisse agir nas sombras, em busca de vantagens, porque era assim que os dois haviam guerreado no passado. Eles não tinham nada a ver um com o outro. Vinham de povos diferentes. Viam o mundo de forma diferente. Não causaria espanto algum se vivessem em conflito.

Podia até ser que Aliança acreditasse que ele quisesse ir para Silithus só para se livrar dela.

E se a Aliança acreditasse mesmo nisso, como interpretar as demais informações que lhes chegavam?

◆ ◆ ◆

"Quem matar qualquer espião da Aliança receberá mil moedas de ouro", urrou Saurfang.

Um burburinho se espalhou entre os dos guardas de Orgrimmar, enfileirados diante do orc. A recompensa era significativamente mais gorda do que todas que tinham sido oferecidas até então.

"A cidade é *nossa*. Mas se a Aliança insiste em ficar, vamos mostrar como somos anfitriões generosos", declarou ele, com um sorriso debochado. Ele indicou o Castelo Grommash às suas costas com um aceno. Uma dúzia de piques lustrosos pendia da marquise da torre, a uns 15 metros do chão. "Os piques ficarão reservados para a cabeça deles. Existe vista melhor de Orgrimmar do que essa?"

O burburinho ficou mais animado. Saurfang via que muitos deles já pensavam na forma como iriam gastar as mil peças de ouro. Uma pena. Ele ficaria surpreso se até mesmo um dos piques acabasse sendo usado.

E a Aliança não deixaria de notar uma outra coisa: a chefe guerreira não tinha oferecido quinhentas peças de ouro pela *captura* de espiões poucos dias atrás? Saurfang dobrava a oferta, mas exigia os espiões mortos, não capturados. Ele queria aumentar as tensões e, para tal, desafiava sutilmente a chefe guerreira. Sinais de que um abismo se abre entre um líder e seu comandante são as melhores notícias que um agente de espionagem pode transmitir.

Sylvana ficara satisfeita. "Você aprende rápido a arte da dissimulação, lorde supremo", elogiou ela. "Mas qual é o próximo passo? O passo que fará com que todo o mundo saiba que o abismo entre nós se alarga?"

"Você tem alguma coisa em mente?", perguntou Saurfang.

"Você e Nathanos têm que sair no braço. Em público."

Saurfang se deliciou com a ideia. "Nós temos que avisá-lo. Se ele achar que estamos lutando de verdade, pode acabar me forçando a matá-lo."

◆ ◆ ◆

Nathanos empinou o nariz. "Posso bater *para valer*, lorde supremo?"

◆ ◆ ◆

"Guardas, guardas! Ajudem aqui!", berrava Morka.

*Eu peguei um,* pensou ela com uma alegria delirante. *Peguei um espião.*

Morka avistara um brilho discreto nas sombras. Ela arremessou o escudo e acertou um golpe de sorte, atordoando o ladino.

Agora o gnomo se debatia nas suas mãos, rosnando e escoiceando com uma força inacreditável para uma criatura tão miudinha. Um capuz preto cobria-lhe o rosto, sua adaga estava fora de alcance.

*Pelos espíritos, como ele é escorregadio!* Morka usou o peso do corpo para prender o gnomo no chão, ignorando as unhas que se enterravam nos seus braços. O barulho de passos significava que os reforços chegariam a qualquer segundo. Ela pelejou para alcançar uma das machadinhas que levava no cinto. Tinha esperanças de cortar a cabeça do espião antes que alguém viesse lhe roubar o prêmio.

"Vou ser breve", sussurrou ela no ouvido do inimigo. "Tem um pique esperando…"

Uma lâmina se fez sentir contra a sua garganta. "Solte-o. Devagar", disse alguém.

*É lógico. É mais do que lógico que ele não estava sozinho.* Ela sentiu cheiro de humano. A pressão da lâmina era tanta que chegou a tirar sangue. Um movimento e suas veias seriam rasgadas para que a morte viesse buscá-la.

"Solte-o *já*", insistiu a voz desconhecida.

Ela arreganhou os dentes, havia sido pega. Soltou o gnomo, que disparou de volta às sombras sem olhar para trás.

A voz humana prosseguiu: "Agora, dê um passo para trás e…".

Ela o agarrou pelo pulso e o puxou para frente. A faca caiu no chão.

Porém o agressor jogou algum tipo de pó nos seus olhos com a outra mão. O negócio produziu um clarão que deixou a orquisa cega e surda. Ela rolou pelo chão, tampando os ouvidos, incapaz de ouvir os próprios gritos. Quando outras mãos a pegaram pelos ombros alguns momentos depois, ela se debateu com vigor até perceber que eram mãos órquicas e taurenas. Mãos aliadas. Amigas. Eles a colocaram de pé e esperaram que o estado de desorientação se dissipasse.

Uma névoa vermelha lhe turvava a vista. Vergonha, raiva e humilhação se digladiavam na alma dela. "Eles escaparam", grunhiu a orquisa.

Seus companheiros correram atrás dos espiões, mas ela se absteve da perseguição, furiosa consigo mesma, sacudindo o corpo para passar a tonteira enquanto outro guarda lhe enfaixava os arranhões nos braços e no pescoço.

A lâmina do humano continuava no chão. Ela a apanhou para examiná-la. Estranho. Aquilo era aço de Orgrimmar. *Por que um humano teria uma arma destas?*

A hora seguinte passou num piscar de olhos. Morka ficou quietinha, estudando a faca, até ser abordada por um oficial.

"O lorde supremo Saurfang deseja falar com você", disse Nathanos Arauto da Praga. Ela não o conhecia em pessoa, porém conhecia sua reputação e a voz não lhe era estranha. O morto-vivo mancava de uma perna.

*O dia ainda podia piorar um bocado.* Corriam rumores de que Nathanos e Saurfang tinham brigado em frente ao Castelo Grommash no dia anterior. Estar no mesmo lugar que ambos podia acabar sendo desagradável. Morka reprimiu o desconforto. "É claro. Mostre o caminho."

Ela o acompanhou até o Vale dos Espíritos, onde ele abriu uma tenda e fez um gesto para que ela entrasse.

Temerosa, Morka adentrou o recinto. Um orc ferido e enfaixado dormia profundamente. O lorde supremo Saurfang sentava-se de pernas cruzadas e de costas para a entrada da tenda. Um dos olhos sequer se abria de tão inchado. "Foi você que pegou o espião?", perguntou ele.

"Quase, milorde", respondeu Morka. Será que Saurfang se lembraria dela? Ele não deu sinal algum de tê-la reconhecido, o que lhe causou grande alívio. "Ele estava acompanhado. Eu os deixei escapar."

"Você não foi a única. Sente-se." Ele esperou que ela se acomodasse. Indicou o orc ferido e então retomou a palavra: "O espião que você encontrou tinha atacado esse orc mais cedo. Ele é mensageiro e trazia mensagens importantes para mim."

Morka fez uma careta. "Vai sobreviver?"

"Vai, mas receio que o espião tenha levado as mensagens todas." Saurfang se inclinou para frente. "Você chegou a ver o segundo espião? O que a atacou?"

Morka balançou a cabeça. "Eu senti cheiro de humano. Ele me atacou com isto." A orquisa mostrou-lhe a faca. "Tem marcas da ferraria de Orgrimmar. Inclusive pode ter sido forjada pelo meu companheiro. Por que um humano teria uma adaga destas?"

Um sorriso estranho se abriu no rosto de Saurfang. "É uma pergunta interessante. Arauto da Praga?"

O Renegado enfiou a cabeça pela abertura da tenda. "Pois não?"

"Esta guarda está com a sua adaga", avisou Saurfang.

Os lábios de Morka se mexeram, mas nenhum som saiu deles: *"Como é que é?".*

Nathanos fechou a cara e estendeu a mão. Morka lhe passou a adaga sem dizer palavra, ao que o morto-vivo se retirou da tenda.

Saurfang observou a expressão dela atentamente. Morka não sabia o que dizer, ou melhor, se dissesse tudo o que queria, provavelmente acabaria executada por insubordinação. "Milorde, eu…"

Ele levantou a mão para interrompê-la. "A fuga do espião estava nos nossos planos. Nós queremos que a Aliança veja os documentos que ele roubou", explicou o orc com calma. "Era importante. Sinto muito. Mas entenda uma coisa: você se saiu muito, muito bem."

"Obrigada", agradeceu a orquisa num tom tranquilo, apesar do nervosismo.

"Nós estamos lhe confiando um grande segredo", prosseguiu Saurfang, "e você mostrou do que é capaz. Isso merece ser considerado. Eu vou precisar de guarda-costas para uma missão militar. Você gostaria de fazer parte dela?"

*Em vez de passar mais um ano mofando nas muralhas? Com certeza.* Aquilo apaziguou a confusão e a raiva da orquisa, mas ela não sabia o que responder.

Saurfang mudou de assunto. "Você mencionou que tem um companheiro. Ele é ferreiro?"

"É sim, lorde supremo."

"Vocês têm filhos?"

"Oito", respondeu Morka.

Saurfang arregalou os olhos. "Oito! Pelos espíritos… eu não tenho coragem nem de *tentar* tantos. Deixe-me dizer uma coisa: você lutou ao meu lado na Encruzilhada e eu espero que possamos lutar juntos novamente. Em breve, você testemunhará outra vitória que deixará seus filhos tão orgulhosos quanto aquela."

Morka falou sem pensar duas vezes: "Eu vou poder matar Aliança?"

"Vai, vai sim."

"Então eu aceito, lorde supremo", decidiu ela.

"Fique preparada. Nós marcharemos dentro de poucas semanas. Talvez até bem antes disso."

Só no dia seguinte ela foi se dar conta de que ele havia se lembrado, sem nem perguntar, que os dois haviam lutado juntos na Encruzilhada. *Ele se lembra,* sim*, do dia na muralha.*

Morka se sentiu muito, muito sortuda por ter recebido aquela segunda chance.

◆ ◆ ◆

A chefe guerreira estava absorta em pensamentos. "A Aliança mordeu a isca", disse ela. "Mas pode ser que estejamos avançando rápido demais."

Saurfang quase chegou a rir. *Justo* ela *preocupada de estarmos indo rápido demais?* "O resultado foi melhor do que o previsto. A Aliança não só mordeu a isca: ela deixou a porta escancarada. Não fazem *ideia* do que estamos armando para eles!"

A chefe guerreira tinha acabado de receber notícias chocantes de seus espiões. Ventobravo ficara tão preocupada com a aparente fixação da Horda em Silithus, que pediu aos elfos noturnos para enviar uma frota até lá e para ficar de olho nos movimentos da Horda. Naquele exato instante, a maioria dos navios kaldorei estava a caminho de Feralas, a fim de montar acampamento no alto da serra que circundava a espada de Sargeras.

Saurfang não imaginou que chegariam àquele ponto e ficou genuinamente impressionado. Tratava-se de uma manobra estratégica brilhante: dominar o terreno mais elevado e protegido, ficar de olho no inimigo e a postos para avançar com força total… Isso *se* a Horda de fato estivesse mandando seus exércitos para lá. Fora uma atitude mais perspicaz e decisiva do que ele esperava por parte de Anduin Wrynn.

E, infelizmente para a Aliança, não acabava por aí. Tyrande Murmuréolo tinha planos de permanecer em Ventobravo por semanas, a fim de arquitetar uma estratégia de longo-prazo para lidar com as estranhas manobras da Horda. Ela já havia partido de Darnassus. Era a hora perfeita para atacar.

Mas, por algum motivo, a chefe guerreira hesitava.

"Você queria lançar a investida dentro de três semanas, lorde supremo", disse ela.

"Isso quando eu achava que teríamos que bater de frente com Tyrande *e* Malfurion. Agora só precisamos cuidar de um deles," explicou-se o orc. "Teremos alguns soldados a menos, mas ainda estaremos em uma maioria de oito para um em relação aos elfos noturnos, em vez de doze para um."

Sylvana considerou a questão. "O que impede Tyrande de voltar correndo para a batalha? Transportar um exército inteiro num piscar de olhos é impossível. Transportar uma pessoa já é bem mais fácil," retrucou ela, num tom sombrio.

Era possível, Saurfang estava ciente disso, mas pouco provável. "Quantas vidas inocentes Tyrande sacrificaria para matar um punhado de soldados nossos?", interrogou ele. "Esta é a questão que ela enfrentará. Ela só ficará sabendo do ataque depois que ele já tiver começado. Quando Ventobravo se der conta, já estará mais do que claro que nós conquistaremos Darnassus. Tyrande pode adiar a derrota juntando-se à batalha depois que já tivermos avançado fundo no território inimigo, ou ela pode usar

seus poderes para agilizar a evacuação e tratar dos feridos. Se ela acreditar que não tem como nos deter, não lhe restará escolha. Ela salvará o povo dela."

Então Nathanos finalmente se manifestou: "E isso lhe dará a chance de ir atrás de Malfurion sozinha, chefe guerreira."

O olhar de Sylvana fez com que Saurfang parasse para pensar um pouco. Ela estava mais incomodada com aquilo do que ele esperava. Se a Horda matasse Tyrande e Malfurion, isso sem dúvida enfraqueceria a Aliança e seria uma grande vitória, mas o objetivo supostamente era conquistar a Árvore do Mundo. A fenda aberta dividiria a Aliança, independente de quem governasse os elfos noturnos.

Saurfang considerou, não pela primeira vez, que talvez Sylvana estivesse lhe escondendo o jogo.

*Faz alguma diferença?* ele se perguntou.

*Não*, concluiu logo em seguida. Ela não estava mentindo quanto à importância daquele objetivo e, caso tivesse planos para além da batalha por vir, bom… ela era a chefe guerreira, não era?

Sylvana tamborilava os dedos na mesa enquanto pensava. "Nós precisamos garantir que Tyrande não volte. A evacuação dos kaldorei… vai nos ajudar se eles gastarem todos os recursos de que dispõem para tirar seu povo da Árvore do Mundo antes da gente chegar, certo?"

"Eu acredito que sim, chefe guerreira", respondeu Saurfang. Aquilo reduziria a quantidade de prisioneiros de que a Horda teria que cuidar, removeria guerreiros da linha de frente para proteger a evacuação e faria com que a maior parte dos feiticeiros da Aliança tivesse que ficar em Teldrassil para ajudar, em vez de se juntar à batalha no Vale Gris.

Ela apontou algo no mapa. A Costa Negra. "Temos que assustá-los antes de chegar aqui. Se eles decidirem lutar em vez de correr, a última etapa da batalha será mais sangrenta do que todo o resto junto", refletiu. "O que podemos fazer para deixar o povo da Teldrassil com tanto medo que eles só pensem em sair correndo?"

Nathanos grunhiu: "A ameaça de morte iminente faz milagres. Não podemos levar sua nova peste conosco, chefe guerreira?"

"Não!" explodiu Saurfang. "Absolutamente não, seu grande idiota! Se massacrarmos até a última pessoa na Árvore do Mundo, uniremos a Aliança contra nós!"

"Minha sugestão é levá-la como uma *ameaça*, não uma promessa", explicou Nathanos.

"Isso não funcionaria", ponderou Sylvana. Ela pareceu considerar alguma coisa e então balançou a cabeça. "Saurfang tem razão. A Aliança jamais acreditaria que fôssemos usá-la. É impensável, exterminar uma cidade inteira sem mais nem menos — cão que ladra não morde."

"Armas de cerco", soltou Saurfang, de repente. "Podemos dobrar a quantidade de armas de cerco."

Ele foi até o mapa e começou a distribuir as estatuetas pela Costa Negra. "Se levarmos bastante armas de cerco à Costa Negra e as apontarmos para Darnassus, a vitória é nossa. Podemos bombardeá-los à vontade se eles resistirem. Eles nos confrontarão *antes* da Costa Negra, não depois. Vão preferir evacuar a perder sua cidade na batalha final. Quando chegarmos, a árvore estará desprotegida."

Nathanos estudou o mapa e aquiesceu. "Ele tem razão, chefe guerreira."

Sylvana considerou a sugestão. "Isso vai atrasar a marcha. Você terá que designar guardas para proteger os operadores das máquinas de guerra, pois eles se tornarão os principais alvos dos kaldorei." Por fim, ela aquiesceu também. "Mas vai funcionar. Ponha seu plano em curso, lorde supremo. Começamos dentro de uma semana."

Saurfang bateu o machado no peitoral. "Pela Horda", confirmou ele.

A chefe guerreira sorriu. "Pela Horda."

◆ ◆ ◆

No mesmo dia, Saurfang começou a revelar o verdadeiro plano, mas só para aqueles que participariam da primeira investida. Demorava muito tempo para organizar grandes quantidades de ladinos em qualquer plano que fosse, são indivíduos que não gostam de multidões nem de palestras, por isso o orc só conversava com dois por vez. Nathanos estava em outra parte, conversando com outros dois. Juntos, eles conseguiram mobilizar algumas centenas antes da semana se acabar.

Demorava três minutos para explicar o básico. Em investidas simultâneas por todo o Vale Gris, os infiltradores da Horda atacariam cada patrulha e entreposto noctiélfico. Pelo menos o objetivo era esse. A pressa significava que não haveria muito tempo para fazer o reconhecimento e se preparar. Se metade dos ataques vingasse, Saurfang já se daria por satisfeito. Mas ele jamais admitiria isso para os soldados.

"Alguma dúvida?", perguntou o orc aos dois ladinos diante dele.

É claro que eles tinham dúvidas. O primeiro ladino, um sin'dorei chamado Lorash Solar, apontou o mapa sobre a mesa, onde estavam marcados os entrepostos e as rotas das patrulhas noctiélficas no Vale Gris — os de que se tinha notícia, pelo menos.

"Você está nos pedindo para começar uma guerra contra a Aliança", disse ele.

"Algum problema nisso?"

Lorash franziu as sobrancelhas. "De forma alguma. Mas a recompensa oferecida não faz jus à missão. Se vocês querem que ataquemos no mesmo dia e na mesma hora…", o elfo suspirou. "Alguns de nós terão que atacar em momentos inoportunos. O risco é grande."

Saurfang considerou a questão. "Eu já lhes confiei algumas informações. Posso revelar um tiquinho a mais. O objetivo final é aqui."

Ele indicou um ponto no mapa. Darnassus.

E então esperou.

Ladino é um bicho difícil de se espantar. Saurfang se divertiu com os olhos arregalados, os queixos caídos e os olhares pasmos que eles trocaram um com o outro. Lorash chegou a gargalhar, abrindo um sorriso perverso.

Saurfang esperou enquanto eles digeriam a notícia. "A Árvore do Mundo tem valor estratégico, por isso a Horda vai ficar com ela. A cidade de Darnassus está repleta de tesouros de valor inestimável. A maior parte desse tesouro não tem valor *estratégico*, por isso a Horda *não* vai ficar com eles. Quem assumir os riscos em nome da Horda será recompensado, isso eu lhe garanto."

O outro ladino, um Renegado de nome Rifen, parecia satisfeito. Lorash tinha mais uma dúvida. "Se nosso alvo são os elfos noturnos, eu imagino que Malfurion Tempesfúria esteja envolvido."

"Você não terá que enfrentá-lo", esclareceu Saurfang.

"E se eu quiser enfrentá-lo?", questionou Lorash.

Rifen bufou e balançou a cabeça, mas não disse nada. Saurfang espalmou as mãos num gesto de indiferença. "Se derrubar Malfurion Tempesfúria em batalha, você será recompensado", respondeu ele. "Mas eu o aconselho a fugir da briga a todo custo."

As dúvidas da dupla haviam sido respondidas. *Dois a menos, falta um monte.*

◆ ◆ ◆

O dia chegou. Milhares e milhares de soldados da Horda despertaram ao raiar o dia, reuniram-se diante de Orgrimmar e começaram a separar seus suprimentos para uma marcha longa e monótona até Silithus. Nenhum deles se queixava abertamente, mas Saurfang apanhou alguns resmungando aqui e ali.

O orc não podia culpá-los. Eles estavam crentes de que Saurfang ia transferir uma grande porção das forças terrestres da Horda para Silithus, por um período de seis meses a um ano. Patrulhar o deserto por meses a fio seria uma tortura.

"Tomara que a Aliança nos ataque", ele ouviu um orc resmungar. "Todo mundo sabe que isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde."

Foi uma peleja para manter a expressão de indiferença. Era o começo de uma nova era para a Horda em Azeroth. Aquela vitória garantiria a sobrevivência deles por cem gerações e, se eles não conseguissem um lugar no mundo depois daquilo, bom, pelos espíritos, não havia nada que Saurfang pudesse fazer.

Orgrimmar inteira tinha vindo ver o exército partir. A Horda não entendia muito bem o que havia de tão importante em Silithus. E torciam para que a Aliança estivesse tão confusa quanto eles.

Um rosto conhecido abria caminho entre os soldados prensados uns contra os outros, na direção de Saurfang. O orc abriu um sorriso largo. "Meu velho amigo, como é bom revê-lo", cumprimentou-o.

Baine Casco Sangrento, grande chefe dos taurens, tomou-o pelos braços com firmeza. "Vai para a guerra sem mim outra vez?", zombou ele, num tom grave.

"Se quiser passar uns meses com a bunda sentada no deserto, fique à vontade", retrucou Saurfang, mantendo a esportiva.

"É para lá que vocês vão?". O tom de voz permaneceu inalterado, mas o olhar de Baine era frio como o gelo.

Saurfang conteve a surpresa para si. *Baine está a par do plano*, deu-se conta o orc. Ele não sabia *como*, mas o tom de voz do tauren tinha deixado claro que de alguma coisa ele sabia. *Eu tenho que parar de subestimá-lo*. Tratava-se do filho de Caerne, afinal, não era um tolo qualquer. "Vai ser bem mais rápido do que se pensa", respondeu ele com calma.

"A maior parte da Horda não compreende o objetivo desta missão. Nem por que ela deve ser levada a cabo justo agora", comentou Baine. *E eu muito menos*, foi o que ele quis dizer.

"Eu acho que vão compreender logo, logo", devolveu Saurfang. "Surgiu uma oportunidade e há perigo no horizonte. É melhor resolvermos isso de uma vez."

"E de forma honrada, eu espero", falou Baine. "Conte-me, o plano é seu ou da chefe guerreira?"

"Meu." Limitou-se a dizer o orc.

O tauren ficou aliviado ao ouvir aquilo. "Então desejo-lhe boa sorte. Lute com honra, meu amigo. Lok-tar ogar."

"Lok-tar", repetiu Saurfang.

Era hora de partir. Saurfang ordenou à imensa caravana militar, com todas as suas carroças, armas de cerco e soldados, que iniciasse a marcha. Baine deu um passo atrás, sem tirar os olhos de Saurfang, mesmo quando a caravana já se amiudava ao longe.

◆ ◆ ◆

Nathanos ia na carroça logo atrás de Saurfang.

A chefe guerreira tinha acertado ao passar as rédeas do plano para o orc, isso Nathanos não podia negar. Saurfang aprendera a arte da guerra antes de ele ter aprendido a andar, coisa mais do que visível. Ele fizera por merecer a reputação que tinha. Havia se sacrificado bastante pela sua gente e a Horda confiava nas decisões tomadas por ele, mesmo nos dias mais sombrios.

*Por mais que Sylvana tivesse mais de mil vezes provado o seu valor, o povo* continuava *desconfiando dela.*

Muita gente na Horda carecia de perspectiva e força de vontade. Sylvana já vira o que havia no pós-vida com os próprios olhos. Ela sabia o que aguardava do outro lado da existência. O que mais podia fazer, senão agir de acordo com aquele conhecimento? Se as atitudes dela às vezes pareciam cruéis, bom, a vida era cruel. A existência é fugaz. Os planos dela ultrapassavam o horizonte da mortalidade e isso assustava muita gente.

Mas não assustava Nathanos. Aquilo o *deleitava*.

Saurfang virou-se no assento, voltando-se para ele.

O Renegado soergueu a cabeça. *Agora?*

Saurfang fez sinal afirmativo. Agora.

O sol estava a pino. A Horda se encaminhava para o entroncamento que levava aos Sertões. Ignorada por quase todos na caravana, a primeira investida contra os elfos noturnos já havia se iniciado. Se tudo estivesse correndo conforme o plano, os elfos noturnos já deviam estar morrendo àquela hora. Logo mais, se instauraria o pânico. Depois os contra-ataques. Depois o desespero, pois Sylvana Correventos era implacável e os kaldorei sentiriam isso no âmago do seu ser.

Nathanos não era um sonhador por natureza, mas já imaginava a vitória. Logo, ele estaria sob os galhos da Teldrassil, caminhando pelas ruas de Darnassus e tirando vidas kaldorei nas próprias terras deles. Só tinha que esperar. Assim seria pelo simples fato de que Sylvana tinha decidido que sim.

Não lhe restava dúvida. Nem quanto a ela, nem quanto ao plano.

◆ ◆ ◆

Lorash sentiu pena daquele grupo kaldorei. A líder deles os obrigava a marchar para cima e para baixo na floresta, como se fossem novos recrutas que só se disciplinam na base do chicote. A menos que seus olhos o enganassem, todos ali eram veteranos calejados, e não calouros. O excesso de treino era um perigo: exaurir a motivação da elite da tropa é um dos piores erros que um líder pode cometer.

A exaustão deles para o ladino era vantagem, mas ele ainda sentia um pingo de compaixão. Ele também já tivera péssimos líderes.

Infelizmente, embora a oficial estivesse cansando seus soldados, ela exigia que ficassem em formação perfeita o tempo todo. Aquilo o irritava. Nenhum retardatário para eliminar. Ele gostava de atacar de cima, mas não correria aquele risco em plena luz do dia, não enquanto os elfos noturnos permanecessem em campo aberto, alertas e trabalhando em equipe. Seria uma ótima forma de matar uma meia dúzia e acabar morto.

Já se passava mais de meia hora que ele e Rifen deviam ter se lançado ao ataque. O tempo corria. A distância era curta dali até o Refúgio Brisaprata, um dos entrepostos kaldorei. Outros ladinos haviam sido designados para atacar o local. Ainda que não sobrassem sobreviventes, as patrulhas noctiélficas não tardariam a encontrar os mortos. Uma vez que compreendessem quantos entrepostos kaldorei haviam sido atacados, eles se tornariam presas ainda mais difíceis.

Uma folha farfalhou atrás de Lorash. "Já voltou?", murmurou ele.

O Renegado se esgueirou em silêncio até os arbustos onde ele se encontrava. A folha esmagada tinha sido uma cortesia: ladino algum é tolo a ponto de se acercar de um colega de classe sem anunciar sua chegada.

"Eu contei pelo menos uma dúzia, talvez mais", informou Rifen. Ele cutucava distraído a clavícula exposta, mania que dava gastura em Lorash.

"Já estamos atrasados", murmurou ele. "Se não atacarmos logo, vamos ter que recuar."

Dois contra doze. E eles teriam que confrontar sentinelas. Inimigos muito perigosos. A única coisa que impedia Lorash de sugerir um recuo imediato era o prêmio diante de seus olhos. "Acho que a comandante elfa noturna está entre eles", anunciou.

"A comandante do Vale Gris?", perguntou Rifen visivelmente mais animado. "Qual delas?"

Lorash soergueu o braço lentamente, de modo a não chamar a atenção de ninguém. "Aquela elfa alta. Rosto coberto de cicatrizes. Bate com a descrição."

Eles estavam a cem passos de distância, mas não havia como deixar de notar as cicatrizes. Rifen não se manifestou.

Esperaram mais alguns minutos. Os elfos noturnos marchavam para lá e para cá e então, só porque algum deles não estava em sincronia perfeita com o resto do grupo, a comandante os forçava a realizar uma série de exercícios físicos torturantes.

Lorash suspirou. "Eles não vão parar. Você é quem sabe, Rifen. Eu vou seguir a sua deixa."

"Normalmente, minha sugestão seria recuar porque amanhã virá outra recompensa", sussurrou o Renegado com tranquilidade. "Mas eu nunca matei uma comandante. E ela está esgotando as pessoas responsáveis por protegê-la. Vamos chegar mais perto."

Lorash deu de ombros e se aproximou um pouco mais. Nenhum dos dois fazia ruído algum. Conversa agora nem pensar, não tão perto assim; Agora ficariam só na mímica.

O galope de um animal chamou sua atenção. Alguém se aproximava. Os dois ladinos viram uma sentinela elfa noturna, montada a sabre-da-noite, atropelar os arbustos a caminho da tropa.

"Comandante, comandante!", bradou. "Nós estamos sendo atacados!"

Todos os elfos noturnos se voltaram para ela.

Um lapso breve, porém útil. Os elfos não prestariam atenção no resto do mundo enquanto se reuniam em torno da recém-chegada.

Rifen cutucou o braço de Lorash. *Fique aqui*, sinalizou ele. Então o Renegado rastejou do arbusto até uma árvore e começou a escalá-la sem fazer o menor ruído. Lorash não teria como impedi-lo, não sem alertar o inimigo.

*Acho que a hora é agora*, pensou ele. Atacar de cima ainda lhe parecia arriscado. Porém, Rifen estava de olho na glória. E na recompensa.

Lorash só pescava alguns pedaços da conversa entre os elfos noturnos. A batedora informou que ataques múltiplos haviam sido lançados contra os entrepostos espalhados pelo Vale Gris. Aquilo causou bastante rebuliço. A comandante começou a urrar ordens tão alto que abafaria qualquer ruído produzido por Rifen.

Lorash ergueu os olhos para o parceiro, que se arrastava ao longo de um galho, preparando-se para mergulhar. Seria uma entrada dramática.

O elfo sangrento apalpou as mangas silenciosamente para conferir as shurikens escondidas, depois sacou as adagas. Ele revestia cada lâmina sua com um tipo diferente de veneno, e cada veneno servia a um propósito. Um arranhão seria mais do que suficiente.

Rifen se soltou do galho e caiu feito um raio. Lorash rangeu os dentes. A comandante estava só começando a distribuir as ordens. Daqui a uns minutinhos o grupo já teria se dispersado. *Raio de sujeito impaciente.*

O sabre-da-noite — um druida elfo noturno, é lógico — levantou o focinho, farejou algo e soltou um rugido de alerta.

Tarde demais.

Rifen tinha as adagas perto de si e mirou para embaixo. Ele caiu nas costas da comandante, esfaqueando-a feito louco enquanto os dois tombavam nos arbustos e dando um susto no resto dos elfos. Antes que eles tivessem tempo de reagir, Rifen já tinha se posto de pé e passado a adaga no pescoço de outro elfo. O sangue jorrava.

*Chegou a minha hora de brilhar.* Talvez Lorash pudesse distrair o grupo para dar tempo a Rifen de fugir. O ladino cobriu a distância em três saltos e desferiu uma cutilada, matando um. Então foi cuidar do resto. De Rifen só se via um borrão no meio dos elfos noturnos, ao passo que Lorash os rondava feito um espectro.

Seis elfos já tinham tombado antes de conseguirem revidar, o que significava que era hora de partir. *Nós não recebemos ordens para lutar limpo,* pensou Lorash com um sorriso no rosto. A comandante estava morta. Missão cumprida.

Ele deu um passo atrás, virou uma sombra e desapareceu, mas os elfos noturnos não entraram em pânico. Eles disparavam flechas e magias por entre as árvores, torcendo para acertá-lo em plena fuga. Lorash ficou paradinho, recostado em uma árvore, até não sobrar mais ninguém olhando na sua direção.

Um grito roufenho de dor veio pôr fim no sentimento crescente de satisfação. A fuga de Rifen não dera tão certo. Lorash arriscou um olhar ligeiro, a tempo de ver o ladino Renegado caindo sob o peso de um sabre-da-noite. Ele tinha perdido um braço, que jazia a alguns metros de distância.

Lorash cerrou os dentes. Com um ferimento daqueles, Rifen estava perdido. *Maldição.* O resgate seria impossível, ainda mais com tantos kaldorei tendo sobrevivido. Lorash podia fugir ou morrer.

Uma escolha fácil.

Ele se arrastou por quase cem metros antes de se arriscar a se levantar e sair correndo. *Um de nós sobreviveu, o outro morreu e nós matamos seis.* Ele se perguntava se Saurfang consideraria a missão bem-sucedida.

◆ ◆ ◆

Nathanos observava Saurfang atentamente agora que a caravana se aproximava do entroncamento. Aquele era o último momento para desistir da ideia. Seria tolice, mas Saurfang poderia

mandar a Horda inteira dar meia-volta e retornar para casa. Uma vez rumassem para o norte, em direção ao Vale Gris, a Horda daria um passo sem volta.

Ele ainda não havia anunciado sua decisão aos condutores à frente da caravana. Nathanos saltou da sua carroça, correu até a do orc e continuou acompanhando-a a pé mesmo.

"As ordens, lorde supremo?", perguntou sem emoção.

"Ainda temos tempo", respondeu Saurfang.

*Vai ver ele perdeu a coragem.* O morto-vivo deixou que a voz ficasse mais agressiva. "Está esperando o quê?"

O olhar firme de Saurfang ao se voltar para o Renegado o fez perceber que o orc não sentia um pingo de medo. Ele só se preparava para o que estava por vir. "Pode dar a notícia, se quiser. Nós vamos para o norte."

Nathanos sentiu uma pontada de vergonha. Ele correu até a frente do comboio para ter uma conversa com os condutores das primeiras carroças e os oficiais mais próximos. "Saurfang tem novas ordens para vocês. Quando nós chegarmos ao entroncamento nos Sertões Setentrionais, dobrem à direita."

"Como é?", perguntou um tauren. "Dobrar à *direita*? Para o Vale Gris?"

"Foi o que Saurfang mandou fazer. Obedeça", respondeu Nathanos.

Meia hora depois, houve certa hesitação quando no entroncamento. Todos tinham se preparado para virar à esquerda, rumo à Encruzilhada e depois Silithus. Mas, no fim, eles acabaram obedecendo.

Uma inquietação se espalhou pelo exército inteiro assim que eles se deram conta da mudança. As conversas morriam tão logo surgiam, pois todos tinham perguntas, mas ninguém tinha as respostas.

Saurfang se limitava a olhar para frente e parecia satisfeito com a decisão.

◆ ◆ ◆

Morka não disse nada, porém não conseguia evitar a troca de olhares com os outros guardas. Eles pareciam tão chocados quanto ela. Mas, à medida que a Horda marchava rumo ao Vale Gris, ia encaixando as peças do quebra-cabeça. Todas aquelas tarefas estranhas que Saurfang havia lhe dado, todos aqueles atos clandestinos, ela não sabia o que pensar daquilo tudo. Mas ele também lhe prometera que logo mais ela lutaria contra a Aliança.

Ela caminhava ao lado da carroça de Saurfang e, ao olhar para ele, ficou claro que ele havia planejado tudo aquilo. O que Morka testemunhava ali não era um desvio do plano, e sim o desenrolar de uma estratégia ambiciosa. Só não conseguia entendê-la ainda.

Em menos de uma hora, o comboio avistou as antigas fortificações da Horda nos limites do território. Alguns anos atrás, a Paliçada Mor'shan servira de baluarte contra as investidas noctiélficas nos Sertões, porém o lugar foi abandonado assim que Garrosh Grito Infernal foi deposto.

Deveria haver elfos noturnos naquelas fortificações. Não havia. Em vez disso, havia dois ladinos da Horda: um orc e um goblin sentados confortavelmente no parapeito da estrutura, com as pernas balançando no ar. Eles acenaram para o comboio que se aproximava, deflagrando novo burburinho entre os soldados.

Assim que a carroça de Saurfang passou sob a paliçada, ele ficou de pé em cima do veículo, de modo que todos no comboio o vissem. "Soldados da Horda, ouçam minhas palavras!", bradou ele.

A caravana estacou no ato. Todas as conversas e papos morreram. Ninguém queria perder uma palavra sequer. Morka mal respirava.

"Nós não vamos para Silithus. Silithus nunca foi nosso destino", anunciou Saurfang em alto e bom som. Àquela altura, ninguém da Horda se surpreendeu ao ouvir a revelação. "Nós embarcamos em uma missão com um objetivo simples: conquistar Darnassus, a terra dos kaldorei."

O orc deu-lhes um tempinho antes de prosseguir. "A Aliança não sabe que estamos chegando. Eles não se *preparam* para a nossa chegada. A primeira investida já foi lançada e os elfos noturnos do Vale Gris estão desnorteados. Mas isso não quer dizer que será fácil. Eles lutarão com garra. Lutarão desesperadamente. Mas não são páreo para a Horda!"

Foi como se uma represa tivesse se rompido: a caravana inteira irrompeu em urros, brandindo armas e punhos no ar. Saurfang deixou que a gritaria se avolumasse mais e mais, então fez um gesto para pedir silêncio. Coisa que obteve em menos de um segundo.

"Eu não posso lhes dar seis meses de paz no deserto", anunciou ele com um sorriso. Então levantou a voz num grito que fez tremer as folhas das árvores em volta. "Só posso lhes dar é alguns dias de glória! Lok-tar ogar! *Pela Horda!*"

Morka e seus milhares de irmãos e irmãs se juntaram ao grito de guerra. A reposta não fez tremer as árvores. Fez tremer montanhas.

E ainda faria tremer o *mundo*.

*"Pela Horda!"*

*PARTE TRÊS:*

# A BATALHA DO VALE GRIS

A luta se intensificou ao cair da noite. Contra os kaldorei, era mais do que esperado. Banhados pela luz de Eluna, eles se esgueiravam pela floresta feito predadores, tocaiando qualquer inimigo que se atravesse a dar um passo sequer em direção ao seu lar.

"Milorde, eles queimaram as pontes", rosnou uma das batedoras Renegadas. Ela trazia uma cicatriz fresquinha sob a armadura, mas o que lhe restava de carne parecia intocado. "Nós suspeitamos que eles tenham queimado todas."

Saurfang grunhiu. O Rio Felfarren não era dos mais largos nem dos mais fundos, mas as chuvas recentes o haviam engordado. "Arme as máquinas de guerra perto do rio. Disparem sem parar. Forcem os elfos a buscar abrigo. E continuem procurando para ver se eles não deixaram nada passar batido. Qualquer ponte serve. Um tronco largo. Qualquer coisa."

A batedora bateu continência e saiu correndo. Ela repassaria as ordens para todos os batedores que encontrasse. Saurfang deu uma última olhada no mapa e fez outra marcação nele. Ele já suspeitava que os elfos noturnos fossem oferecer resistência ali. Tratava-se de um obstáculo natural, ainda que mais estreito rio acima — mais fácil de atravessar e, portanto, mais defendido? O orc decidiu ir até lá para descobrir. "Nós vamos para o norte" informou ele aos seus ajudantes de ordens.

Eles enrolaram o mapa e o guardaram em um tubo que havia sido tratado por um dos maiores magos da Horda. Ele era a prova de fogo, corrupção e quase toda sorte de estrago físico. O elfo sangrento que o carregava tinha ordens de fugir sem lutar ao primeiro sinal de conflito. O plano de verdade estava na cabeça de Saurfang, mas, caso os elfos noturnos viessem a arrancar-lhe a cabeça do corpo, coisa que tentariam fazer de todas as formas, a chefe guerreira precisaria daquele mapa para dar continuidade à guerra.

Só levou alguns minutos para preparar o posto de comando de Saurfang para partir. Ele não precisava de uma hierarquia complexa de oficiais para lhe bajular e atender-lhe os caprichos. Bastava um pequeno círculo de bons estrategistas que pudessem comunicar suas ordens rapidamente aos grupos dispersos de soldados. Acrescentava-se a isso um contingente decente de guardas habilidosos para frustrar possíveis tentativas de assassinato e estava formado um grupo relativamente pequeno. Como tinha que ser. Aquilo era uma floresta. A batalha ali não se daria entre exércitos que marcham em fileiras regulares e organizadas — Saurfang detestava essas coisas, de qualquer forma. Seriam mil escaramuças desesperadas por entre as árvores. A mobilidade seria crucial. O conhecimento do terreno

seria crucial. A Horda estaria em desvantagem em ambos os aspectos. O território pertencia aos kaldorei. Porém, os elfos noturnos estavam em grande desvantagem numérica e tinham sido pegos com a guarda baixa.

Uma vez desferido o primeiro golpe, a farsa cuidadosamente orquestrada por Saurfang e Sylvana se fizera em pedaços. Só havia um motivo plausível para a Horda marchar sobre o Vale Gris, e esse motivo era conquistar Teldrassil e a cidade que se erguia sobre seus galhos. Ventobravo decerto já estava ciente do ataque e com certeza mandaria reforços.

Mas, com certeza, eles também estavam cientes de que os reforços não chegariam a tempo. Só por milagre. Os elfos noturnos sabiam que estavam lutando para defender sua terra natal e que seria praticamente impossível salvá-la.

No entanto, dali até Darnassus ainda ia muita distância. Não seriam necessários muitos desastres para atravancar a Horda completamente.

Um *baque* surdo ecoou pela floresta, seguido pelo estrondo distante e crepitante de uma explosão. Saurfang apontou no rumo da explosão. "Por ali". O resto dos soldados foi atrás. Em questão de instantes, eles se depararam com meia dúzia de máquinas de guerra arruinadas e em chamas, entre as fileiras da Horda. Os soldados tentavam desesperadamente apagar o incêndio, como se as armas ainda tivessem salvação.

"Deixem isso para lá!", rugiu Saurfang. "As máquinas já eram! Cuidem dos mortos e feridos e *tratem de descobrir quem fez isso!*"

Os soldados varreram a floresta na retaguarda, depois as margens do Rio Felfarren, mas os culpados não foram encontrados.

*Aqueles elfos noturnos se safaram,* rosnou Saurfang. O orc não se deteve. Os soldados precisavam mesmo sofrer um baque para voltar ao estado de espírito próprio da guerra.

A uma curta distância, atrás das linhas de frente, via-se outro grupo de armas de cerco. Um dos oficiais da unidade, um orc com cara azeda e um sorriso amarelo, sentava-se ao lado de um demolidor em estado impecável. Ele bateu uma continência apressada assim que Saurfang se aproximou. "Milorde, como é bom vê-lo."

Saurfang se impôs com um tom de desaprovação. "Que tal ir combater ao lado da Horda? Ou o clima aqui está mais agradável?"

A pele verde do oficial chegou a ficar roxa. Não se podia insinuar que um orc fosse covarde sem que ele levasse isso para o lado pessoal. "Você nos mandou ficar a uma distância segura. Por questões de proteção."

"Quem vai proteger essas armas de uma emboscada? Você? Sozinho?", Saurfang enfiou o dedo no peito do oficial, empurrando-o para trás. "Tem um exército inteiro a poucos passos adiante. Talvez *eles* possam protegê-lo."

O orc se interrompeu, como quem se lembra de algo. "A que distância estamos das linhas de frente?"

"Várias centenas de metros, milorde."

Ele rosnou para o oficial: "E qual é o alcance máximo dessas armas?".

"Algumas centenas…", balbuciou o orc de volta.

Saurfang se voltou para a equipe de artilharia. "Nós vamos avançar. *Agora!*"

Eles obedeceram de pronto. Assim que puseram os olhos no rio, o lorde supremo se deparou com dezenas de soldados da Horda abrigados atrás de árvores tombadas. Vários pedregulhos jaziam ao redor deles. Um tauren olhou para cima, avistou Saurfang e acenou-lhe freneticamente. "Afaste-se, milorde. Nós estamos sob fogo inimigo!"

"É mesmo? De que direção?", perguntou o orc.

"Nós não sabemos!"

Se olhares matassem, o olhar que Saurfang lançou ao oficial teria feito isso. A cara que ele fez era de quem queria morrer. "Então nós vamos lhes dar cobertura. Alinhem as máquinas!"

As armas de cerco foram posicionadas sem demora. O oficial da unidade podia até ser fraco, mas as equipes de artilharia não o eram. Assim que ficaram prontas, eles se voltaram para Saurfang. Com um gesto do orc, seis rochedos sobrevoaram o Rio Felfarren e caíram do outro lado, provocando um impacto que ele sentiu na planta dos pés. Balançou a cabeça em sinal de aprovação.

"Excelente. Outra vez. Façam com que eles tenham medo de pôr os pés para fora."

Enquanto eles recarregavam, Saurfang cercou o oficial. "Eu lhe desejo sorte na batalha adiante", disse ele com calma. "Espero receber notícias das suas muitas vitórias nas linhas de frente. Entendido?"

"E-entedido, milorde."

"Ótimo." Isto posto, Saurfang foi-se embora, deixando o orc com cara de tacho para trás.

O grupo de comando de Saurfang prosseguiu rumo ao norte. Uma dupla de batedores trolls veio ter com ele. A parte mais acalorada da luta se dava logo ao sul de Xavian, antigas ruínas élficas que haviam se transformado em um pequeno lago. Os elfos noturnos resistiam com força total do outro lado do rio, segundo os trolls, impedindo todas as tentativas de cruzá-lo. Toda vez que a Horda avançava, os elfos noturnos permitiam que eles cruzassem o rio, os cercavam e os destruíam.

Eram notícias preocupantes. Os kaldorei não deveriam estar em quantidade suficiente para fazer aquilo em mais de um lugar ao mesmo tempo.

"Muito bem", declarou Saurfang, mandando os batedores de volta ao campo de batalha.

Saurfang deixou as informações cozinhando em fogo baixo, enquanto escutava por alto seus subordinados discutindo as opções.

"Os elfos noturnos estão em maior quantidade do que o previsto?"

"Se eles tiverem reforços, vamos ter que mudar completamente de estratégia."

Saurfang os interrompeu: "Nós vamos para Xavian". Os elfos noturnos não tinham como estar na quantidade que aparentavam estar. Era impossível. E era hora de pressioná-los para tirar a prova.

◆ ◆ ◆

Lorash Solar ouviu o cão de um rifle estalar bem alto. Ele virou o rosto lentamente para a direita. A alguns passos de distância, justo onde não podia alcançar com um golpe de adaga, o cano frio de uma arma mirava bem no meio da sua testa. Lorash ficou paradinho. Seus dedos buscavam as shurikens escondidas na manga.

O goblin que manuseava o rifle o encarava atentamente. "Luaprata?", sussurrou ele.

Lorash sorriu. "*Doral ana'diel?*"

O goblin abaixou a arma e cuspiu no chão. "Vocês elfos são todos iguais para mim."

O pedido de desculpas provavelmente não iria além daquilo. Lorash contemplou a floresta à sua volta. Havia um punhado de vultos um tanto suspeitos a algumas árvores de distância. Ele fez um gesto silencioso para o goblin: *mire ali*.

O goblin apontou o rifle na direção indicada por Lorash, cobrindo o lado direito de uma árvore. O elfo se esgueirou até o lado esquerdo, adagas prontas para atacar.

Não havia ninguém atrás da árvore.

Ele se voltou para a próxima árvore suspeita e se esgueirou adiante. Sentiu mais uma vez que o goblin lhe dava cobertura. Nada naquela árvore tampouco. Assim como na seguinte e na outra depois dela. Só então relaxou e voltou para perto do aliado.

"Bom, até que foi divertido", comentou o goblin, conferindo a pólvora.

O elfo sangrento estendeu a mão para um aperto. "Meu nome é Lorash. E o seu?"

O goblin imitou o gesto. "Xique-xique."

Lorash levantou uma sobrancelha. "Seu nome é *Xique-xique*?"

O goblin fez cara de que ia cuspir outra vez. "Apelido a gente não escolhe, amizade. Não na minha quebrada. Os seus amigos é que te dão."

"Eles o chamavam de Xique-xique? E você deixava?"

O goblin azedou no ato. "Você vai insistir nesse assunto? Sério mesmo?"

Lorash achou melhor não. "Eu perdi o meu parceiro. Você também está sozinho?"

"Perdeu?" O goblin franziu o cenho. "Perdeu tipo vocês se separaram, ou perdeu tipo…"

"Ele morreu. Mas levou uma comandante elfa noturna junto."

"Parabéns para ele", ironizou Xique-xique, fazendo uma careta logo em seguida. "Foi mal. Não quero bancar o otário. Ficar por trás das linhas inimigas me estressa, sabe qual é?"

"Eu entendo." O Rio Felfarren estava a vários quilômetros de distância e o barulho das armas de cerco da Horda reverberava ao longe. Ali era território noctiélfico… por enquanto. Lorash tinha uma ideia para mudar aquela situação. "Você tem uma mascote?"

"Tenho a Capitã comigo."

"Sei." Lorash não fazia ideia do que o Goblin estava falando. "Os elfos noturnos estão se deslocando rápido demais. Devem ter grupos correndo de um embate para o outro. Toda vez que a Horda tenta atravessar o rio, eles vêm correndo nos impedir. Pelo visto está dando resultado. Você viu alguma coisa assim?"

O goblin bufou baixinho: "É, vi sim." Ele apontou para cima, indicando os galhos. "Os druidas estão correndo aos bandos lá no alto. É só ir descendo. Eles estão pertinho da trilha."

*Eles estão correndo por cima dos galhos?* Interessante. Isso explicava por que Lorash vinha tendo tanta dificuldade para encontrar rastros no chão. E correndo em bando… perigoso. Eficiente, se passassem despercebidos, mas perigoso. Bastava pisar em um galho podre na hora errada e o bando inteiro despencaria no chão.

"Isso me parece uma bela oportunidade, meu amigo", disse Lorash. "Quantos são?"

"Um monte", respondeu Xique-xique.

"Que tal me ajudar a reduzir esse montante?"

Xique-xique sorriu e deu um tapinha na cartucheira. O retinir das balas de metal respondeu à pergunta.

◆ ◆ ◆

Saurfang tinha uma forte impressão de que sabia o que estava acontecendo. Os elfos noturnos mandavam seus melhores guerreiros rio acima e rio abaixo, reforçando os pontos onde a Horda tentava pressioná-los. Eles deixavam o destacamento avançar um pouco, depois de cruzar o rio, e então armavam uma emboscada. Não era má ideia, porém não serviria a longo prazo. Só a exaustão já poria fim na estratégia até a hora da alvorada, isso se os invasores da Horda não eliminassem os grupos itinerantes antes.

Ainda demoraria horas para amanhecer e Saurfang não estava muito disposto a esperar. Os sobreviventes dos ataques malogrados do outro lado do rio relatavam sem exceção a presença de druidas entre os inimigos. Havia algumas formas de se resolver o problema. O orc encarava o desafio com gosto.

*Por todos os deuses e espíritos do cosmos, como é* bom *lutar uma boa guerra.*

Convocou a presença dos feiticeiros nas redondezas. Em questão de minutos, um septeto variado, composto por magos, bruxos e xamãs havia atendido ao chamado. Perfeito. "Eu quero que vocês se juntem às unidades de artilharia por uma hora", disse ele.

O orc explicou o plano em termos simples. Os ouvintes arregalaram os olhos. De susto? De empolgação? Enquanto ele falava, o diabrete de um bruxo troll começou a tremer de medo. O mestre fez menção de estapear o demônio e ele se aquietou, choramingando baixinho.

"Algum problema?", perguntou Saurfang.

"O diabinho tá com medo de botar fogo na mata. O incêndio pode sair de controle", explicou o troll.

"É por isso que não vamos usar fogo vil. Estamos entendidos? Xamãs, cabe a vocês manter as coisas em ordem. Não dificultem o trabalho dos outros. Se a mata se incendeia, é o fim do ataque."

Aquilo deu a Saurfang algo no que pensar. E se os elfos noturnos ateassem fogo à própria floresta? Com o Vale Gris em chamas, o avanço da Horda ia por água abaixo e grande parte de suas forças não conseguiria escapar do fogo. Ele não tinha pensado nisso.

*É impensável,* concluiu o orc. *Não tem a menor chance de eles botarem fogo no próprio território.*

"Aguardem o sinal", instruiu ele. "Se passar mais de uma hora, voltem aqui para receber novas ordens."

Um murmúrio de confirmação e o grupo foi pôr mãos à obra. Saurfang mandou os ajudantes de ordens se preparem para partir outra vez. "Nós temos que encontrar a chefe guerreira."

Quinze minutos depois, eles a encontraram perto do rio, rumo ao sul. Sylvana Correventos e Nathanos Arauto da Praga tinham se juntado a um grupo de arqueiros, que fazia chover flechas sobre

forças noctiélficas reunidas por detrás de um dique. Sylvana notou a chegada do orc. "Continuem atirando", ordenou ela aos outros.

Saurfang se juntou com Sylvana e Nathanos. O patrulheiro Renegado se queixou: "Nós não estamos chegando a lugar algum com o seu plano, lorde supremo."

O orc o ignorou. "Chefe guerreira, você já esteve por trás das linhas inimigas?"

"Um pouco. Reconheço uma armadilha de longe. Ele está lá, Saurfang, a minha espera", falou Sylvana.

*Malfurion Tempesfúria*. A chefe guerreira não demonstrava medo algum. Saurfang, porém, foi tomado por um calafrio. Enfrentar a possibilidade de uma morte honrada em batalha era uma coisa. Em um duelo contra Malfurion, ele não tinha dúvidas de que perderia. "O que você quer fazer em relação a ele?"

"Se você romper as fileiras inimigas, ele virá atrás de você", respondeu Sylvana. "E eu irei atrás dele. Enfrente-o por alguns minutos. Eu o rechaçarei."

Era um bom plano. "Lok-tar ogar", fez o orc, já se pondo a caminho. O melhor lugar para a investida seria uma parte mais estreita do rio, ao sul. "Começaremos em breve. Pela Horda!"

Os arqueiros em volta urraram e rugiram de volta: "Pela Horda!".

◆ ◆ ◆

Os druidas eram silenciosos. De um silêncio assombroso. Devia ter meia dúzia deles vindo — não, mais do que isso —, muito embora Lorash só ouvisse alguns passos bem de leve e o estralejar dos galhos por causa do peso. A maior parte assumira a forma de grandes felinos, sabres-da-noite fortes e ligeiros que saltavam de um galho para o outro sem o menor esforço. Alguns assumiam a forma de pássaros, as asas abertas em toda sua envergadura enquanto planavam logo abaixo da copa das árvores.

Lorash ficou impressionado. De cima ficavam invisíveis sob a copa das árvores, ao passo que por baixo eram protegidos pelos galhos e folhas. Mas, por mais silenciosos que fossem, não tinham como se esconder do luar que se derramava por entre a folhagem.

*Não como eu posso*, pensou Lorash.

Ele se empoleirava sobre um galho a vinte metros do chão, imóvel, a espera. Havia se posicionado sob a sombra do tronco e se transformado *ele próprio* em sombra, de modo que ninguém o visse. Uma mão se apoiava na árvore. A outra empunhava uma adaga, porém, ao ver os druidas se aproximando, guardou a arma. Ainda chegaria a hora do cara a cara, mas precisava trazer os elfos noturnos para o chão primeiro.

Eles chegariam em questão de segundos. Lorash se soltou do tronco e se agachou no galho, equilibrando-se sobre os calcanhares. Sacou algo das mangas. Duas shurikens — pontas envenenadas, metal raspado e lixado de modo a não refletir o luar — presas entre o indicador e o dedo do meio.

Os olhos dos sabres reluziam no escuro. Ele via cada uma das presas que se projetavam das suas bocarras, cada pluma de cada pássaro.

Um dos sabres passou diante do ladino aos saltos. O druida virou o rosto e olhou bem na direção dele, mas não parou de correr. A boca do elfo sangrento se contorceu num sorriso perverso, quase que involuntariamente.

Metade dos druidas já tinha passado por ele da mesma forma quando ele resolveu atacar. Seus pulsos giraram. As mãos se abriram. As shurikens voaram. Dois pássaros bateram as asas espavoridos e aos guinchos enquanto o veneno agia. Um bateu de frente com uma árvore, produzindo um ruído angustiante, enquanto o outro foi traçando uma espiral até o chão.

Ainda lhe restavam seis shurikens. Outras duas zuniram pelo ar. Uma acertou; a outra errou.

O bando se virou para trás. Eles sabiam que estavam sendo atacados, mas não sabiam de onde. Lorash fez o favor de lhes mostrar. Ele saltou do galho, passando por um feixe de luz, aterrissou em um ramo da árvore vizinha e saltou para a próxima.

Rosnados e grunhidos ecoavam às suas costas. A perseguição havia começado. Ele pôs-se a correr a toda velocidade pela mesmíssima rota por onde os druidas haviam vindo. No mínimo, os levaria para longe das linhas de frente.

Os galhos estremeciam sob seus passos. Os druidas rogavam à floresta que impedisse sua fuga. Em questão de momentos, os galhos lhe fugiriam dos pés, os cipós se enroscariam nos seus tornozelos e sabe-se lá se a casca das árvores se abriria para devorá-lo. Ele já tinha escutado casos assim.

Pousou no galho de uma árvore toda retorcida, capaz de suportar o peso de apenas uma criatura. O ladino se voltou para os seus perseguidores e lançou mais duas shurikens pelo ar. As duas erraram o alvo, mas fizeram com que os elfos noturnos se dividissem. *Sobravam mais duas.*

Uma druidesa deu o bote. A bocarra de felino aberta, com as presas prontas para rasgar-lhe a garganta. Lorash se abaixou, sacou as adagas e desferiu um golpe para o alto. Com a cabeça e o pescoço banhados em sangue, ele ouviu os estertores estrangulados e gorgolejantes da druidesa enquanto ela despencava do alto da árvore.

Os outros druidas rugiam furiosos. Lorash se levantou, sorriu e acenou com as adagas ensanguentadas. *Podem vir. Venham vingar sua amiga.*

Quatro saltaram para cima dele na mesma hora.

Ele se deixou cair com toda a calma do mundo, então fincou a adaga no tronco da árvore, detendo a queda na metade do caminho. Depois desceu direto para o chão. Por ter calculado mal a distância, seus joelhos reclamaram em alto e bom som, mas suportaram o baque, de modo que ele ignorou as queixas.

Lá em cima, os druidas todos pousaram no galho ao mesmo tempo. Ele se partiu imediatamente com o peso, fazendo com que caíssem. A maior parte desabou com tudo, Lorash chegou a sentir o chão tremer sob seus pés no momento do impacto. Enquanto o restante descia para ajudar, o ladino pôs mãos à obra. Os druidas atordoados não tinham muita chance, ainda mais contra lâminas embebidas em veneno. Raízes irrompiam da terra, mas ele se esquivava como quem dança.

Um guincho terrível machucou seus ouvidos. Garras afiadas e um bico pontiagudo vinham ao seu encontro.

*BUM!*

O estrondo foi ensurdecedor. A ave sofreu um espasmo como se tivesse sido baleada na cabeça. Ela caiu em cima de Lorash, prendendo-o no chão com seu peso morto.

Não, não estava morta, ainda não. O elfo sangrento sentia o coração da ave bater com força. Uma punhalada resolveria aquilo, mas ele continuaria preso debaixo do cadáver.

*BUM!* Trovejou o rifle de Xique-xique novamente. Lorash ouviu o goblin assobiar em meio ao caos. "Pega eles, Capitã!"

Lorash se debatia e empurrava, tentando se libertar.

*BUM!*

*Pela Nascente do Sol, como atira rápido esse goblin!* Então ele parou de pelejar. Havia escutado um barulho diferente, um barulho que nunca ouvira em batalha alguma. Uma criatura imensa se embarafustava pela floresta, seus passos entoando um estranho refrão.

*Xique-xique-xique-xique…*

Então ele ouviu gritos.

Quando finalmente conseguiu se livrar do pássaro, encharcado de suor e sangue, os disparos e berros já haviam cessado. Por sobre os cadáveres dos druidas, erguia-se um monstro. "Você deve ser a Capitã", disse Lorash.

A rastejante imensa, de quatro patas, estalou as garras — ou seriam pinças? — e se voltou para ele. O bicho batia na sua cintura. Xique-xique saiu do arbusto pisando forte, sorriso escancarado, o rifle ainda fumegante apoiado no ombro. A rastejante de carapaça azul clara era quase da altura do goblin e devia pesar o dobro.

"Nada mau, né?"

Lorash nem imaginava que um rastejante pudesse servir para outra coisa além de iguaria deliciosa. Guardou o pensamento para si. "Não, nada mau mesmo. Eu não sabia que esses bichos podiam viver fora do mar."

"Vivendo e aprendendo, não é mesmo?" Xique-xique se pôs a admirar o trabalho bem feito. "A menos que meus olhos me enganem, ela derrubou mais gente do que você, camarada."

Ele estava equivocado, mas por muito pouco. Feridas feias, no formato das pinças da Capitã, laceravam pelo menos meia dúzia de druidas. Mas, antes que Lorash pudesse elaborar uma resposta, ele sentiu um tremor sob seus pés. O elfo ficou imóvel, escutando.

E então sussurrou: *"Esconda-se."*

O goblin se escafedeu noite adentro. A expressão marrenta tinha sumido da sua cara. "Ô, se escondo."

Eles se esconderam atrás de uma árvore bem larga e ficaram de tocaia. A rastejante foi atrás, enfiando-se nos arbustos. O barulho ficou mais alto. Xique-xique puxou o cão do rifle lentamente, porém o elfo pôs a mão na arma.

"Não", fez ele só com o movimento dos lábios.

O caçador assentiu com a cabeça num gesto duro. A Capitã, bendita seja entre todos os frutos do mar, ficou paradinha, sem fazer ruído.

O barulho ficava cada vez mais alto. Quase passou pela árvore deles. Lorash arriscou uma espiadela.

Um cervo imenso se erguia em meio aos druidas mortos.

Lorash ficou tenso. *Aquele não é...?*

De repente, brumas vieram envolver o cervo. Ao se dissiparem, revelaram um elfo noturno alto, de corpo musculoso, com garras de metal afiveladas aos punhos e uma galhada imponente sobre a cabeça, erguendo-se entre os corpos dos seus, caídos em batalha.

Lorash se escondeu de volta atrás da árvore. O coração acelerado, mas não de medo. Não. Aquilo estava longe de ser medo. Ele vinha esperando aquele momento desde que o lorde supremo Saurfang lhe revelara o verdadeiro plano.

Xique-xique o encarava. "Quem é?", perguntou ele, imitando-o.

"Malfurion", respondeu o ladino.

O goblin engoliu em seco. Sua garganta chegou a estalar.

Então Malfurion disse com uma voz suave: "Fiquem descansados, meus irmãos e irmãs. Seu sacrifício não será em vão. Eu lhes juro".

As mãos de Lorash procuraram as mangas. *Mais duas shurikens.* Teria coragem? Matar Malfurion com certeza mais do que absoluta garantiria a vitória da Horda, mas essa não era sua preocupação agora. Será que o veneno o paralisaria por pelo menos um segundo? Se metade das histórias sobre ele fossem verdade, podia bem ser que não.

Uma mão agarrou o ladino pelo pulso. Ele ignorou aquilo e continuou repassando seu plano de ataque.

*Sair do esconderijo… disparar… recuar… correr… ficar atrás dele…*

A mão apertou mais forte. Lorash enfim se voltou para o goblin, franzindo a testa. Xique-xique articulava alguma coisa em silêncio, mas o elfo não conseguia distinguir as palavras. Era como se ele falasse uma língua estrangeira. Então se deu conta de que ele lhe rogava pragas de que só a boca suja de um goblin seria capaz. Mas Lorash pegou o espírito da coisa: *Se você for lá, quem vai matar você sou eu.*

Só depois de vê-lo assentir, o goblin relaxou. Eles esperaram Malfurion terminar de prestar as solenidades e saíram correndo dali.

Xique-xique soltou um suspiro de alívio do fundo do peito. "Você perdeu o juízo, camaradinha?"

"Eu quero a cabeça de Tempesfúria", respondeu Lorash, indo direto ao ponto. "Você me ajuda a emboscá-lo quando ele recuar?"

O goblin bufou bem alto. "Você é uma figura mesmo." Depois fez uma careta, balançou a cabeça e conferiu a munição. "A resposta é não. Não sem outros, sei lá, 20 a 25 soldados para dar uma força. Mas até lá eu te dou cobertura."

Eles se embrenharam na floresta. A rastejante foi atrás, obediente.

*Xique-xique-xique-xique…*

◆ ◆ ◆

Um mago disparou uma bola de fogo gigantesca rumo ao céu. Ela banhou a floresta com uma luz alaranjada que podia ser vista a quilômetros de distância. Tinha chegado a hora.

"Horda! A mim!", urrou Saurfang, lançando-se ao rio. Aquele seria apenas um ataque dentre muitos outros. Pelo menos duas dúzias de investidas ocorreriam ao mesmo tempo. Os elfos noturnos não teriam como resistir a todas elas.

Dois magos, um orc e um troll, tinham tido a ideia de congelar aquela parte do Rio Felfarren, criando uma ponte para o grupo de ataque. A ideia era tão simples e brilhante que Saurfang concordou na hora. Enquanto o orc avançava, gritos de guerra ressoavam às suas costas num coro de mais ou menos cinquenta vozes, acompanhados do sibilar agudo dos mísseis mágicos que as armas de cerco atiravam por sobre suas cabeças. Os mísseis explodiam assim que tocavam o chão, iluminando a floresta. Saurfang aproveitava os clarões para varrer as sombras, a procura de inimigos escondidos. Não viu nenhum.

Então ele escorregou no gelo e só enxergou o céu. O orc soltou outro urro, desta vez de indignação, ao chapar as costas no rio congelado. Muitos soldados da Horda passaram por ele. Alguns outros escorregaram e caíram ao seu redor. Ele se pôs de pé às pressas, com um rosnado, e tratou de sair do gelo para a terra firme. Ouviu a luta antes mesmo de vê-la: lâmina contra lâmina, urros e berros.

O feitiço de um mago relampejou pela floresta, provocando outro clarão. Foi o suficiente para ver um druida em forma de sabre em pleno bote. Saurfang deu uma só machadada. O inimigo morreu antes mesmo de cair no chão.

*Um abate honrado*, entoou sua alma num cântico.

Ele correu direto para a luta. Uma flecha repicou na gola da sua armadura — *essa foi por pouco.* O orc girou o machado, segurando a lâmina lá embaixo. Então desferiu uma cutilada ascendente que teria partido uma elfa ao meio, caso ela não tivesse pulado para trás. Porém a adversária não recuou. Ela saltou sobre ele com tanta coragem que o orc não teve tempo para reagir. O chute acertou logo acima da armadura, bem na têmpora. Saurfang chegou a ver estrelas enquanto cambaleava. Só não desmaiou por pura teimosia.

A elfa investiu contra ele outra vez. *Ela está desarmada!* A dor que sentia na cabeça, no entanto, sugeria que aquilo não fosse de todo verdade, pensando bem. Os punhos e pés de um monge já são armas por si só.

Por mais habilidosa que fosse, não deixou de revelar um ponto-fraco. O empenho com que fugia da lâmina adversária indicou ao orc que ela estava concentrada até demais nela. Saurfang descreveu um *loop* duplo com o machado e, assim que ela se agachou, ele se inclinou para a frente e plantou a sola da bota na barriga dela. A elfa foi atirada para trás e caiu nos arbustos. Apesar de não ter chegado a morrer, Saurfang se voltou para o resto da batalha: ficar absorto em um duelo, quando há dúzias de inimigos a poucos passos, é uma bela forma de morrer rápido.

Uma dupla de guerreiros da Horda cortava as raízes e galhos que irrompiam do solo. Saurfang foi ajudá-los. Ele não conseguiu identificar o druida responsável, mas isso pouco importava. Assim que as plantas foram eliminadas, os três avançaram contra a retaguarda noctiélfica. O jogo virou depressa.

Se os kaldorei de fato contavam com uma unidade de elite para reforçá-los, ela devia estar em outro ponto do conflito, ou então — o que era menos provável — tinha sido emboscada e destruída.

A desvantagem numérica dos kaldorei era grande demais para que vencessem, suas fileiras já se desmanchavam. Ainda assim, eles não fugiram.

*Aqui não é lugar para lutarem até a morte, seus tolos.*

Ou será que era? Os elfos noturnos decerto não guerreavam feito tolos. Saurfang sentiu um frio na barriga. Eles deviam ter motivo para ganhar tempo. E só havia um motivo para isso.

Ele levantou a voz por sobre o rebuliço. "Agrupar! Juntem-se a mim! Em formação!"

É claro que naquele caos tamanho, jamais seria ouvido por todo mundo. Um orc com um machado em cada mão passou correndo por Saurfang, bradando um grito de guerra. O lorde supremo bateu-lhe com a haste do próprio machado, mais ou menos na altura dos tornozelos, ao que ele caiu de cara em um monte de terra. "Agrupar!". Tornou a rugir. "Em formação!"

Seu apelo alçou voo. Os guerreiros da Horda começaram a entoar em coro: "Em formação! Em formação!".

Aos poucos, os soldados foram se desvencilhando de suas respectivas batalhas. O orc do tropicão se pôs de pé num pulo e foi para perto de Saurfang, ainda ofegante, quase lacrimejando por causa da humilhação. O lorde supremo fingiu que não tinha visto nada. "Atravesse o rio de volta", mandou ele. "Reúna os magos, os bruxos e os xamãs, todo mundo que tiver o domínio da magia. Traga-os para cá *agora mesmo.*"

O orc bateu o punho no peito e saiu em disparada, sem dizer palavra, espanando a armadura suja de terra.

Saurfang instruiu os outros a formarem pequenos grupos. "Arqueiros na retaguarda. Escudos na frente. Os feiticeiros ficam no meio. Preparem-se para o contra-ataque."

Quase todos os soldados da Horda já tinham obedecido a ordem. Os elfos noturnos tinham dado um passo atrás porque, afinal, não eram tolos. Aquilo confirmou as suspeitas de Saurfang. *Cadê ele? Cadê essa armadilha?* O orc observava a mata escura em busca de sinais.

*Achei.*

Ao longe, via-se uma silhueta contra os feixes do luar, um elfo com penas no braço e uma galhada na cabeça, os olhos brilhando na escuridão. Um por um, os soldados da Horda foram-no avistando.

Os reforços chegaram pelo rio. Saurfang distribuiu as ordens sem desviar os olhos. "Magos à esquerda, bruxos à direita, xamãs comigo. A postos!"

Todos lhe obedeceram, encontrando seus lugares e pondo-se a postos. O elfo permanecia estático ao longe. Passou-se um minuto… dois… três… absolutamente nada se movia.

Saurfang teve paciência. Mas nem todos tiveram. "Lok-tar ogar!"

Ele virou o rosto para a direita. O brado viera de um pequeno esquadrão de guerreiros orcs a uma curta distância, ainda ensopados da travessia do rio mais para o norte. Eles tinham avistado o elfo e lançado uma investida.

"A mim! Juntem-se a mim!", urrava Saurfang.

Tarde demais. Os olhos do elfo se voltaram para os orcs. A floresta do Vale Gris ganhou vida. Os gritos de guerra a plenos pulmões morreram de súbito. Não se ouviram a gritaria e os clangores característicos dos combates prolongados, bastou um movimento brusco na escuridão e os corpos encouraçados caíram por terra.

O elfo não movera um dedo sequer. Tamanho era seu domínio sobre a natureza. Ele tornou a cravar os olhos em Saurfang, sua voz reverberava por entre as árvores. "Estas terras não são suas, lorde supremo", declarou Malfurion Tempesfúria.

"Agora são", respondeu o orc, muito calmo. "Você e seu povo têm a chance de partir em paz. Não a deixe passar, arquidruida."

"Paz?". A raiva nas palavras do elfo era tremenda. "A Horda pagará com sangue cada palmo de terra conquistado."

As fileiras da Horda se agitaram, impossível dizer se por nervosismo ou empolgação. Se alguém por um golpe de sorte derrubasse Malfurion, na certa viraria lenda. A ideia já fazia a cabeça de muitos dos soldados.

"Não façam nada enquanto eu não mandar", sussurrou Saurfang. E então, aos berros: "Pode vir, Tempesfúria. Venha nos tirar daqui."

Malfurion não se mexeu. Ele limitou-se a observá-los.

Armara uma armadilha. Saurfang tinha certeza. Os elfos noturnos tinham resistido com muita garra e sacrificado vidas demais naquele rio para que não tivesse um motivo. Se a Horda tivesse insistido na investida, se tivesse sucumbido à sede de sangue e se perdido nos prazeres de massacrar um inimigo alquebrado, ela teria ido de encontro a Malfurion sem nem suspeitar. Mas só uns gatos pingados tinham mordido a isca.

O resto dos elfos noturnos recuou. Malfurion ficara sozinho. O kaldorei teria que bater em retirada. Uma vez perdida aquela porção do rio, perdia-se o rio inteiro. A Horda logo o atravessaria,

cercaria Malfurion e tornaria sua fuga impossível. Por mais forte que fosse, tombaria se optasse por lutar ali.

Além disso, na certa suspeitava que Sylvana Correventos estivesse à espreita, escondida nas sombras, só esperando para emboscá-lo.

Por essas e outras, Saurfang decidiu esperar. Assim ele não teria como ser derrotado.

Malfurion também estava ciente disso. Passados alguns minutos, ele finalmente deu um passo atrás, desaparecendo na escuridão sem dizer nem mais uma palavra. Um monte de soldados da Horda suspirou de alívio, alguns de decepção. Saurfang esperou mais alguns minutos só para garantir que o perigo tinha passado, então levantou a voz uma vez mais.

"A Horda tomou o Rio Felfarren", informou ele.

Urros de vitória irrompiam por todos os lados. Armas e escudos se chocavam. Um mago elfo sangrento lançou uma bola de fogo de comemoração para o céu. Saurfang não fez nada para impedi-los. *Deixe Malfurion fugir aos vivas de seus inimigos. Deixe os kaldorei saberem que a derrota já vem vindo.*

O orc mandou mensageiros rio acima e rio abaixo para espalhar a notícia, e não tardou para que o burburinho da festa se fizesse ouvir. A Horda havia conquistado um dos poucos obstáculos que a separava da vitória. A batalha tinha apenas começado e o restante dela não seria fácil, porém…

O plano ia dar certo. Logo mais, a Horda realizaria uma conquista magnífica e honrada.

E que belo prêmio Darnassus não daria.

◆ ◆ ◆

Lorash pendia do alto de uma árvore, os pés trançados em volta de um galho. Com as ideias assentadas, porém ansioso. *Muito* ansioso.

Ah, sim. Ele tinha esperado aquela oportunidade por muito, muito tempo.

Xique-xique até que tentara dissuadi-lo. "Você perdeu o juízo, amizade. Você e eu não vamos dar conta de encarar Malfurion Tempesfúria na raça."

"Se o pegarmos de surpresa…"

"Não vou botar a Capitã nessa, tá me ouvindo?" O tom foi determinado. "Se quer se matar, você que se mate sozinho."

E lá estava Lorash, sozinho. O ladino ouvira a voz trovejante de Malfurion e as provocações de Saurfang ao longe. Muitos dos elfos noturnos haviam passado por ali ao bater em retirada, por isso ele

suspeitava que Malfurion faria o mesmo. O líder noctiélfico teria que se reunir a eles para planejar o próximo passo da defesa.

E podia ser, podia bem ser que Malfurion passasse distraído. Ele acabara de sofrer uma derrota. Devia estar com a cabeça cheia.

O estralejar suave das folhas provocado pelos passos que se aproximavam trouxe um sorriso ao rosto de Lorash. *Pelo meu pai… pela minha mãe… pela minha gente!*

Ele soltou os pés. Mergulhou de ponta rumo ao chão, uma adaga em cada punho. Havia calculado o tempo perfeitamente. Malfurion se encontrava logo abaixo e não olhava para cima.

Lorash descreveu um arco com cada adaga. No instante em que se cruzassem, encontrariam o pescoço de Tempesfúria, cortando-lhe a cabeça.

Mas jamais se cruzaram.

Malfurion deu um passo para o lado. Assim que Lorash se estatelou no chão, as raízes das árvores irromperam da terra e açoitaram-lhe os pulsos. Ele soltou as adagas. Gritou de susto ao despencar em cima do ombro direito e do pescoço. Sentiu uma pontada lancinante de dor. O braço direito ficou dormente, mas ele ainda conseguia se mexer.

Outras raízes vieram lhe privar dos movimentos que lhe restavam. Antes que pudesse se pôr de pé, elas o agarram pelos pulsos, tornozelos e pelo pescoço, prendendo-o e imobilizando-o no chão.

*Maldição.*

Debateu-se contra as raízes por um breve momento, mas não adiantou nada. Elas já poderiam tê-lo matado, tomado-lhe a vida, ou decepado-lhe os braços e as pernas. Mas não fizeram nada disso. Ao passo que o elfo sangrento encarava Malfurion com ódio, o outro lhe devolvia um olhar de piedade.

"Isto não faz sentido. Esta invasão *não faz sentido*", disse Malfurion num tom suave. "Irmão, nós não somos inimigos."

As adagas de Lorash jaziam a alguns passos de distância. Mas era como se estivessem a mundos dali. Ele tinha duas shurikens escondidas nas mangas e mais nada. Não lhe restava dúvida de que morreria se tentasse atirá-las. A menos que conseguisse distrair Tempesfúria.

"O resto da Horda, eu consigo conceber. Sylvana, consigo conceber", continuou Malfurion, "mas os nossos povos viviam juntos antigamente. Nós lutamos juntos as mesmas guerras e morremos uns pelos outros. Essa foi a nossa verdade em tempos idos, como foi alguns meses atrás, nas Ilhas Partidas. Não há motivo para os meus kaldorei e os seus sin'dorei ficarem divididos."

Estrangulado pelas raízes, Lorash só conseguiu chiar de volta: "E quem criou essa divisão, Tempesfúria? Quem exilou o meu povo?".

"Eu me lembro bem dos rostos de cada um que partiu naquele dia. O seu não se encontrava entre eles," argumentou Malfurion. "Você está invadindo as *minhas* terras por que ouviu histórias de antes de ter nascido? Ou está só obedecendo cegamente as ordens da sua chefe guerreira decaída? Não consigo decidir o que é pior."

Lorash continuava vivo e muito surpreso com o fato. *Malfurion quer conversar.* Um líder do povo noctiélfico acreditava genuinamente que os elfos sangrentos não tinham motivo para tomar parte naquela batalha.

Ele lhe explicaria o motivo com a maior satisfação.

"É verdade, tudo isso aconteceu antes de eu ter nascido", concordou ele. "Nasci nas Clareiras de Tirisfal. Quando menino, tive que fugir com a minha família e o resto do meu povo. Lembro-me de vagar sem rumo por anos. Lembro-me de um inverno interminável, preso no pico das montanhas. Lembro-me de meu pai sair para caçar, apesar do frio, e de perder um dedo congelado, depois outro. Lembro-me do dia em que ele sequer voltou. Quantos dos seus morreram congelados, Malfurion? Nós também compartilhamos essa história?"

O elfo noturno não teve resposta. Lorash sorriu por dentro. Ele não tinha como usar suas adagas, mas ainda podia fazer Tempesfúria sangrar.

"Lembro-me da guerra centenária contra os trolls", prosseguiu o elfo sangrento. "Lembro-me de ver os restos mortais dos meus amigos de infância decorando as cabanas e vilarejos dos Amani. Troféus, sabe? Por acaso foram os kaldorei que vieram ao nosso socorro naquela época? Não. Lembro-me do dia em que a própria morte marchou sobre as nossas novas terras. Quando minha mãe morreu e foi transformada em morta-viva para servir ao exército do Lich Rei, quem teve que matá-la para dar-lhe o descanso eterno? Foi você, Malfurion, quem lutou ao nosso lado enquanto tomavam nossas terras?"

"Meu povo tinha acabado de expulsar a Legião Ardente e de perder as próprias terras nesse meio-tempo", respondeu Malfurion com rispidez. "E apesar dos anos de guerra entre as nossas facções, nós nunca atacamos as suas terras. Nunca sequer *sonhamos* com isso."

"Eu não sonhei com outra coisa", retrucou Lorash.

"Então fico contente que seu povo não esteja tão perdido quanto você."

"Já eu me contento com que você viva para ver o meu povo conquistar as *suas* terras", insistiu o ladino. *Até onde dá para levar esta conversa?* Seu coração lhe dizia que já tinha ido longe demais. Sua alma lhe pedia para ir ainda mais longe. "A ideia por acaso lhe dá desgosto? Os templos de Eluna repletos de sin'dorei?"

Então viu o movimento súbito de um vulto com o rabo do olho. Alguém se aproximava.

Malfurion olhou para cima. Ele também tinha percebido.

"Você", disse o elfo noturno.

"*Ishnu-dal-dieb*," entoou Sylvana Correventos, erguendo o arco.

Aquela era a chance de Lorash. Sua única chance. Suas mãos lutavam contra as raízes, esticando os dedos desesperadamente para alcançar as duas últimas shurikens. Tudo ocorreu num piscar de olhos.

E neste piscar de olhos, travou-se uma guerra acima dele.

O elfo sangrento acompanhou o embate com assombro. Flechas feitas de sombra e feitiços esverdeados dardejavam pelo ar. Uma explosão de poder sombrio lançou Malfurion para trás, ao que Lorash sentiu as raízes que o prendiam se afrouxarem.

Ele soltou os braços, segurando as shurikens com tanta força que as pontas furaram-lhe a palma das mãos. Não ligava de acabar envenenando a si próprio. Estava tão perto, *tão perto*…

Malfurion olhou para ele, para as armas nas suas mãos, e a raiz em torno do seu pescoço o apertou ainda mais.

Lorash ouviu um estalo de algo se partindo. Seus olhos continuavam abertos, as ideias continuavam a mil, porém seu corpo não o obedecia. O pulmão não se enchia de ar. O corpo inteiro dormente. A cabeça se anuviando.

"Seu povo não conquistou minhas terras *ainda*." Ele ouviu Malfurion dizer. As palavras teriam sido para ele ou para Sylvana? Não sabia ao certo.

Alguns momentos se passaram. Sua visão se escurecia. Aquilo devia ser efeito do próprio veneno. Sylvana Correventos pairava diante dele, dizendo coisas que não conseguia discernir. Se ainda a via ali, provavelmente Malfurion tinha recuado.

*Maldição. Ele continua vivo.*

Lorash tinha fracassado. Ele se perguntava se encontraria sua família do outro lado.

◆ ◆ ◆

Xique-xique adentrou a clareira com cautela. A Capitã veio correndo logo atrás.

Lorash jazia inerte no chão. Uma raiz enroscada no pescoço, a cabeça e o corpo formando um ângulo nada anatômico.

"Vixe", arquejou o goblin.

A chefe guerreira se virou para ele, o arco ainda transbordando poder sombrio, os olhos vermelhos penetrando-lhe a alma. "Você o conhecia?"

"A gente estava lutando junto." Xique-xique não pôde deixar de perguntar o óbvio: "Ele não segurou a onda, né?"

"Não. Desafiou Malfurion sozinho e morreu por conta disso", respondeu ela.

"É, pelo visto a hora chega para todo mundo", resmungou o goblin.

Então a chefe guerreira fez algo que ele jamais esperaria. Ela sorriu.

"Sábias palavras", disse ela. "Apresente-se ao lorde supremo Saurfang. A guerra está só começando."

*PARTE QUATRO:*

# VITÓRIA NA COSTA NEGRA

Uma mão apertou o ombro de Saurfang. "Nós chegamos, lorde supremo", avisou-lhe Morka.

Ele acordou imediatamente. "A luta está feia?"

Morka balançou a cabeça. "Já terminou."

Saurfang saltou da carroça e olhou para o céu. O sol continuava baixinho, ele não tinha dormido muito tempo, talvez uns quinze minutos. Após dias de luta, aquilo era um luxo. Não aliviaria o peso da fadiga, mas já dava para arejar um pouco as ideias.

Um lago se abria à sua frente. Bem no meio dele, uma ilha dividia as águas em duas, e naquele pingo de terra erguia-se um vilarejozinho kaldorei: Astranaar. Um dos últimos baluartes noctiélficos a caminho da costa. Completamente arrodeado de água, só duas pontes lhe davam acesso — um lugar perfeito para levantar acampamento. Se os elfos noturnos já o tinham perdido, então a vitória da Horda fora mesmo avassaladora.

"Eles não defenderam Astranaar?" indagou Saurfang.

Morka deu de ombros. "Os elfos noturnos já estavam mortos quando chegamos. Os batedores disseram ter identificado sinais de envenenamento nos corpos. Nossos infiltrados devem ter sido bem… produtivos."

Impressionante. Saurfang faria questão de saber quais ladinos tinham sido responsáveis por um serviço tão bem feito. "Revirem o vilarejo mais uma vez em busca de sabotadores e tragam tudo que encontrarem para a estalagem. Astranaar é o último posto de comando que precisamos conquistar no Vale Gris", explicou ele. Talvez pudesse até se dar ao luxo de tirar um cochilo em uma cama de verdade, em vez daquela carroça dura correndo por uma estrada toda esburacada.

◆ ◆ ◆

Fazia silêncio — tanto silêncio quanto se pode fazer em um campo de batalha.

Sylvana Correventos se ocultava em um emaranhado denso de árvores, muitos quilômetros adiante das linhas de frente da Horda, a caça de Malfurion Tempesfúria, de onde ouvia o estardalhaço de mais de cem escaramuças distantes. Os brados dos vitoriosos e o lamento dos moribundos, de longe pareciam todos iguais: o grito disforme da guerra.

Sylvana ignorava o ruído. Caçava um alvo maior, isso se tornasse a encontrar os rastros deixados por ele.

Malfurion Tempesfúria vinha se saindo melhor do que o esperado naquele jogo. Não se deixara encurralar nem uma vez sequer. Há dias que enfrentava a Horda com garra, estraçalhando as suas fileiras e tornando a sumir floresta adentro tão logo Sylvana o vislumbrava. Não se deixava dominar pela raiva.

Mas isso não alteraria em nada o resultado da batalha. Ele não tinha como ignorar esse fato.

Onde estaria agora, se não ali? Sylvana quebrava a cabeça com o problema sem deixar de perscrutar a floresta ao seu redor. Ali — naquele lugar exato — fazia *silêncio* mesmo. O tipo de silêncio que só se ouve na presença da morte. Dezenas de cadáveres a cercavam, todos eles da Horda.

"No fim, a morte vem para todos", sussurrou ela para os corpos.

Um breve discurso fúnebre, porém não existiam palavras capazes de aliviar o tanto que aqueles soldados haviam sofrido antes do fim.

Sylvana já tinha visto a morte nas mais variadas formas e circunstâncias. Todo cadáver conta uma história. Os vestígios do horror estavam escritos na grama e nas folhas amassadas, no chão revolvido pelas raízes que haviam subido à superfície em busca de braços e pernas e, é claro, na terra calcinada que marcava o local do massacre.

Um grupo de elfos noturnos, composto principalmente por druidas e magos, havia se escondido no meio do matagal. Quando o bando da Horda passou por eles, os kaldorei dispararam flechas, feitiços, lâminas e toda sorte de instrumento bélico, incapacitando praticamente todos os invasores.

Os trinta soldados da Horda vieram abaixo em questão de segundos. Os druidas haviam convocado a natureza para subjugar a maior parte, enquanto os magos prendiam os que sobraram no gelo. Talvez um ou dois tenham tido uma morte rápida. O resto permaneceu vivo, porém indefeso.

E só então deu-se início à matança.

Aqueles soldados da Horda não tinham morrido em uma explosão de fogo, eles tinham queimado lentamente, em agonia, aos berros. Os elfos noturnos fizeram tudo em seu poder para prolongar o horror, para maximizar a dor.

*Malfurion se transtornaria se visse o que seu próprio povo tinha feito,* pensou Sylvana. *A ferida está aberta e sangra. Mas como é patético o ódio desses elfos.*

Os kaldorei sabiam que estavam em minoria. Sabiam que suas terras estavam perdidas. Podia até ser que alguns deles soubessem lá no fundo, assim como ela sabia, que Darnassus seria reduzida a

cinzas um dia. E a única coisa que eles podiam fazer com toda sua raiva era causar sofrimento àqueles pobres coitados.

Tinham se valido do seu poder não para vencer uma batalha ou ganhar tempo para a evacuação, mas para causar dor e nada mais. Sua fúria os despira de qualquer valor civilizador, de qualquer resquício de honra, e enfim mostraram quem realmente eram.

Era isso que a guerra fazia. Essa era a *serventia* dela: dar a seres civilizados permissão para fazer o impensável. Só assim se alcança o impossível.

Sylvana aprendera isso da forma mais difícil. Lição que muitos outros jamais aprenderiam.

Malfurion… mesmo com raiva diante do inevitável, não perdia a compostura. Talvez nem fosse capaz de perdê-la.

*E é por isso que ele vai ser derrotado.*

Saurfang algum dia compreenderia aquilo? Ele vislumbrara o mesmo abismo que ela. Seu filho, Dranosh, fora a própria encarnação da honra, mas isso não fez um pingo de diferença quando a morte veio lhe buscar. Saurfang vira o filho dançar feito uma marionete nas mãos do Lich Rei. A alma do orc se machucara naquele dia. Ele chegou a acreditar que estava arruinado.

Sylvana suspeitara intimamente que ele jamais voltaria a guerrear. Mas ele voltou. A ferida não havia se fechado: ele simplesmente aprendera a conviver com ela. Agora parecia imaginar que a honra o manteria de pé até o fim dos seus dias.

A honra era tudo que lhe restava. A honra e a Horda. Sylvana nem calculava o que Saurfang seria capaz de fazer se qualquer uma dessas duas coisas lhe fossem tomadas.

*Ele se tornaria meu inimigo, um inimigo terrível.*

Felizmente para ele, honra e comedimento eram exatamente o que ela precisava naquele momento. Talvez o orc encontrasse uma morte gloriosa no campo de batalha antes de ter que tomar uma decisão que poderia muito bem vir a arrasá-lo.

*Ou vai ver esse orc velho acaba me surpreendendo*, cogitou ela. *Vai ver ele passa a encarar o mundo como ele é e decide lutar ao meu lado. Caso contrário, bom…*

*Aquilo podia esperar.*

Malfurion passara um tempo na fronteira norte do Vale Gris, depois partiu para o sul. Sylvana tinha certeza disso. Por algum motivo, ele não passara por este matagal. O que teria chamado a sua atenção?

Havia muitas possibilidades. Não se ouvia barulho de batalha ao sul. Astranaar ficava naquela direção. Era para o vilarejo ter virado uma zona de guerra. Se não tinha virado, fora de propósito.

Ela deixou o matagal e partiu rumo ao sul. Seus instintos mandavam-na para Astranaar.

◆ ◆ ◆

A batalha chegava ao fim. Saurfang estava ciente disso. A Horda estava ciente disso. Os elfos noturnos pareciam estar cientes disso, pois lutavam com mais desespero do que nunca.

Ele se debruçou sobre a maior mesa no saguão da estalagem, estudando o mapa do Vale Gris junto dos seus estrategistas cuidadosamente. Seus subordinados já haviam marcado os últimos movimentos da Horda e aparições da Aliança no mapa. As linhas de frente tinham dado um salto no extremo sul e o lado norte vinha se recuperando depressa. Malfurion fizera um estrago na Horda naquelas bandas, porém os reforços já tinham chegado para substituir as perdas. Pelo menos no mapa, os últimos focos de resistência noctiélfica no Vale Gris estavam sendo soterrados por uma avalanche de marcas de giz de cera.

Não restava mais um baluarte noctiélfico sequer, dos Sertões Setentrionais a Astranaar. Os batedores kaldorei aproveitavam cada oportunidade que tinham para semear o caos por trás das linhas da Horda, mas isso não era motivo para preocupação. As rotas de abastecimento estavam bem protegidas e as linhas de frente contavam com suprimentos bastantes para cercar Darnassus, em todo caso.

*Nós tomamos o Vale Gris*. Ele não se atreveu a dizê-lo em voz alta. Melhor não provocar o destino, especialmente quando o próprio Saurfang não tinha certeza. A vitória tinha sido fácil demais.

Além disso, o Vale Gris não era o objetivo final: era só uma peça do quebra-cabeça.

Saurfang correu os dedos pelo litoral, da beira do Vale Gris até a Costa Negra, onde a Horda lançaria o cerco contra Darnassus. "Temos que iniciar os preparativos da investida final", anunciou ele.

"Não vamos parar antes da Costa Negra?", questionou um orc.

"Vamos ancorar no litoral, ao sul." Saurfang indicou um ponto não muito distante: o Assentamento Zoram'gar. A Horda não fazia muito uso da instalação desde que Grito Infernal tinha sido deposto. Seria um bom lugar para se reagruparem. "Tem uma clareira entre o Vale Gris e a praia. Os Elfos Noturnos jamais nos desafiarão em campo aberto. Vamos ganhar a costa com facilidade."

"A frota noctiélfica pode regressar a qualquer momento", lembrou um elfo sangrento. "Se a sorte estiver do nosso lado, ainda estão a dias de viagem, mas pode ser que cheguem de Feralas ainda hoje à tarde. Nós ficaríamos expostos ao fogo inimigo na praia."

"Se a frota nos bombardear em vez de evacuar o resto da cidade…". Então Saurfang parou de falar. Era exatamente o que a frota faria, não era? Aqueles navios podiam evacuar um bocado de elfos noturnos da Árvore do Mundo, mas não teriam tempo de subi-los a bordo. Mais cidadãos escapariam se a frota os segurasse, em vez de auxiliar na evacuação. "Você tem razão. Quantas armas de cerco ainda nos restam?"

A pergunta gerou uma discussão. Comparadas as informações de cada um, os estrategistas concluíram que os elfos noturnos tinham destruído ou danificado cerca de metade das máquinas de guerra da Horda. Uma cifra grande demais para o gosto de Saurfang, mas também não era nenhuma catástrofe. Afinal, tratava-se do alvo principal dos elfos noturnos. Se a Horda não conseguisse levar as armas de cerco até a Costa Negra, não teriam cobertura ao atacar a Árvore do Mundo.

*Mas ainda temos o suficiente. Mais do que suficiente.* O orc expediu mais ordens: "Tragam as armas de cerco para cá. Elas ficarão protegidas até tomarmos a costa."

Durante toda uma hora, as equipes de artilharia foram chegando com mais máquinas na cidade, estacionando-as na rua principal de Astranaar. Saurfang mal reparou na movimentação, concentrado que estava nas novas informações que seus subordinados traçavam no mapa. Alguém desenrolou a carta dos oceanos entre Kalimdor e os Reinos do Leste e marcou o progresso dos reforços da Aliança. A frota deles encontrava-se a dias de distância. Tão longe que não fazia diferença.

Ainda faltava um longo caminho a ser percorrido pela Horda, o orc recordou a si mesmo, um *longo* caminho. E ele seria pavimentado com mortes e sacrifícios, porém a mesma estratégia que os trouxera até ali também os levaria até a costa oeste.

A luta tinha tomado um ritmo que os elfos noturnos não tinham como impedir. Os exércitos de Saurfang avançavam em pequenos grupos até encontrar resistência, então punham-se a lutar. Os elfos noturnos só tinham gente para deter as fileiras inimigas em um ou dois pontos, Malfurion por si só já contava como outra linha de frente, porém Sylvana corria no seu encalço, desafiando-o a permanecer tempo o bastante em qualquer lugar que fosse para que ela o pegasse. Todas as demais partes da ofensiva iam botando pressão. Se recuavam, os elfos noturnos eram fustigados pelos batedores da Horda; se mantinham suas posições, acabavam cercados. A Horda não precisava romper as defesas noctiélficas, já que podia simplesmente contorná-las.

Falando assim, tudo parecia muito simples e fácil. Guerras não eram nem uma coisa, nem outra.

Muitas vezes os soldados da Horda se lançaram em armadilhas. Malfurion fazia um estrago em todas as linhas da Horda, matando qualquer um que fosse tolo o bastante para confrontá-lo em batalha. Botando na ponta da pena, as baixas da Horda eram maiores do que as dos kaldorei.

Ainda que lhe deixasse desgostoso, Saurfang já previa aquilo. Não se invade a terra, tampouco se põe em risco a casa do seu inimigo sem pagar um certo preço.

*Se este for o preço para acabar com a próxima guerra antes mesmo de ela começar, vai valer a pena.*

Um mensageiro chegou à estalagem: um Renegado que trazia a marca da guarda pessoal da chefe guerreira. "Lorde supremo Saurfang? Aqui fora, agora."

Saurfang lançou-lhe um olhar fulminante por um breve momento. *Esse sujeito precisa aprender a ter respeito*. Então ele voltou sua atenção para os mapas outra vez. "Transmita a mensagem e suma daqui."

"A chefe guerreira está esperando por você. Não vai obedecer às ordens dela, lorde supremo?", perguntou o morto-vivo.

Se Saurfang tivesse falado daquele jeito com seu primeiro chefe guerreiro, o Mão Negra, sua cabeça rolaria na mesma hora. No entanto, ele obedeceu. *Não vale a pena matar um sujeitinho desses.* Deu três passos no rumo da porta e então se lembrou do machado, que ainda jazia sobre a mesa. O cansaço confundia-lhe a cabeça. Soltou um grunhido e voltou para buscá-lo.

Morka, a guarda, passou por Saurfang com os olhos cravados no mensageiro. "Qual é o seu nome, garoto de recados?"

"Sou emissário da minha rainha", disse ele. "Isso deveria ser suficiente para alguém como *você.*"

Saurfang cerrou o punho em torno do machado. "Ela lhe fez uma pergunta", rosnou ele. "Qual é o seu nome?"

"Você tem suas ordens, lorde supremo. Quanto tempo mais vai desobedecer à chefe guerreira?", questionou o Renegado, indiferente.

O orc rangeu os dentes. Ele lançou um olhar breve para Morka e deu um passo adiante.

"Não acredito que você dê a mínima para a chefe guerreira", falou. Nem mesmo o mais fervoroso dos Renegados agiria daquela maneira. Já alguém que estivesse tentando *imitar* um Renegado… "Diga, elfo noturno, como Malfurion o chama?"

A expressão do mensageiro não se alterou, porém seus dedos se moveram… na direção da cintura.

Seria o suficiente. Saurfang brandiu o machado e rugiu: "Empunhe suas lâminas, assassino, ou morra fugindo!".

Então investiu contra o inimigo.

O espião disfarçado sacou as adagas que trazia escondidas. A ponta das lâminas exalava um filete preto de fumaça. Um reles arranhão provavelmente já seria fatal. Enquanto Saurfang dava uma machadada, o assassino ajoelhou-se e desferiu um golpe contra as pernas do orc.

*Ele deve ser jovem*, pensou o lorde supremo. Um guerreiro mais experiente jamais arriscaria sua única chance de sobrevivência com um golpe complicado daqueles.

Antes que as facas triscassem nele, sua bota foi de encontro ao queixo do assassino, pondo-o de pé novamente. O machado acertou em cheio, trespassou-lhe o pescoço e só parou ao tocar a coluna.

O disfarce se desfez e Saurfang olhou bem nos olhos do elfo noturno que tentara assassiná-lo. Ele *era* jovem, não passava de um menino, em anos noctiélficos. O orc puxou o machado de volta e deixou o inimigo cair ao chão. O rapaz desabou com um baque surdo, encharcando as tábuas de sangue. Os olhos ainda fixos em Saurfang.

O orc jamais se esqueceria daquele rosto. Eis aí uma das verdades terríveis da guerra: os jovens morrem e os sobreviventes são amaldiçoados com as recordações. "Descanse em paz", desejou-lhe. "Você morreu com honra. Ninguém pode pedir mais do que isso."

O rosto do elfo se contorceu e, por um instante, Saurfang acreditou que ele fosse chorar. Mas não, com seu último suspiro, o ladino moribundo cuspiu nas botas do orc, manchando de sangue e saliva a armadura. Só então morreu.

Morka se acercou do lorde supremo, uma machadinha em cada mão. A luta acabara tão rápido que ela não teve sequer a oportunidade de usá-las. "Valente até o fim", observou. "Seu povo ficaria orgulhoso."

Saurfang concordou. *Quanta fibra. E sequer chegou a falar o nome.*

"Você fez um bom trabalho ao identificar o assassino", elogiou. "Mas ele não devia ter chegado até aqui em hipótese alguma."

Saiu da estalagem rosnando. Havia equipes de artilharia, guardas e soldados por todos os lados. Astranaar estava apinhada de gente da Horda e ninguém tinha reparado que havia um estranho andando entre eles. Ninguém fora tirar satisfação com ele.

Seria um prazer explicar-lhes o absurdo nos mínimos detalhes.

"Ouçam bem!", anunciou. Todos se voltaram para ele e logo viram o sangue no machado e na armadura. "A Horda precisa de um lembrete de que *estamos em guerra?* A Horda precisa…"

E então se deteve. Os instantes seguintes duraram toda uma eternidade. A cabeça cansada já não acompanhava o instinto de sobrevivência conquistado a duras penas. Aquele menino não tinha sido enviado para matá-lo.

O objetivo dele era levar Saurfang para *o lado de fora.*

Na pressa de dar uma lição nos guardas, o orc fizera exatamente o que o menino queria. *Você acabou de se matar, seu velho tolo.* Então se atirou de volta na estalagem. O chão estremeceu quando Malfurion Tempesfúria pousou bem onde ele se encontrava um segundo atrás.

*"Lok-Narash!"* bradou ele. *Às armas!*

Seus conselheiros e estrategistas já formavam uma fileira no saguão, pondo-se a postos para protegê-lo. Como é típico da arquitetura noctiélfica, aquela construção apresentava três paredes vazadas, permitindo-lhes ver o caos que corria solto do lado de fora. As equipes de artilharia desembestaram a correr para longe de Malfurion, mas mesmo assim tombavam com flechas e lâminas cravadas nas costas.

O elfo não viera sozinho. Aquele seria a última cartada dos kaldorei no Vale Gris, um golpe para decapitar o comandante das forças inimigas. E Saurfang caíra como um pato. Astranaar era uma ilha com acesso limitado. Fácil de defender.

Impossível de fugir.

E ele acabara de se abrigar em uma construção completamente desguarnecida. Para combater um arquidruida.

*Chegou o meu fim.*

O estardalhaço aumentava lá fora, a estalagem se escureceu. Malfurion Tempesfúria adentrou o recinto com os olhos fixos em Saurfang. Três dos conselheiros do lorde supremo arremeteram contra o inimigo.

"Parem!" berrou o orc.

Com um só movimento das garras afiveladas aos punhos, Malfurion acabou com a raça dos dois orcs e do elfo sangrento. Então deu um passo adiante, erguendo-se sobre os cadáveres.

Morka puxou Saurfang pelo ombro. "Fuja, lorde supremo", aconselhou ela. "Nós vamos ganhar tempo."

Não ganhariam coisa nenhuma. Não mais do que um piscar de olhos. Chegara a hora de morrer com honra. "Pegue os mapas", sussurrou o orc. "Leve-os para a chefe guerreira."

Morka arregalou os olhos, porém Saurfang lhe deu as costas e rugiu: "Malfurion Tempesfúria, eu o desafio para um Mak'gora!".

As palavras soaram bizarras para os seus ouvidos. Que importava a um elfo noturno um duelo órquico até a morte? Tanto fazia. Malfurion tinha vindo atrás dele. Não sairia correndo para perseguir um bando de conselheiros.

Saurfang olhou para os outros soldados da Horda na estalagem. Ao notar a confusão deles, levantou ainda mais a voz: "Tempesfúria é *meu*, bando de imprestáveis! Se não estiverem fora desta estalagem em cinco segundos, quem vai matar vocês sou eu!".

Morka parecia furiosa, mas obedeceu. Ela catou o estojo com os mapas e saiu em disparada. Os outros logo a seguiram.

Malfurion não desviou os olhos do orc nem por um segundo. "Um duelo, Saurfang?", perguntou o arquidruida com uma voz suave, tão suave quanto o olho de uma tempestade, como a terra fresca de um túmulo recém cavado. Ele deu um passo adiante até onde Saurfang esperava. "Você acha que eu ligo para os seus duelos?"

"Pode fugir se estiver com medo", retrucou o orc. O blefe fora só para ganhar tempo. A única vitória que podia conquistar ali era torcer para que os últimos movimentos da Horda chegassem às mãos de Sylvana, possibilitando assim que a batalha prosseguisse. "Ou me enfrentar e ver qual de nós tombará."

Malfurion sequer respondeu. Ele ergueu os braços. A estalagem estremeceu. O piso e o teto de madeira rangeram e estalaram.

Os lábios de Saurfang se repuxaram num rosnado. O poder da natureza não estava na pancada de um murro ou no corte de uma lâmina. Estava numa floresta que era reduzida a cinzas pelo fogo e voltava a crescer dentro de poucos anos. Estava numa cidade imponente dominada pela vegetação após uma década de abandono. Estava nas milhares de gerações de presas e predadores, que caçavam e sobreviviam obedecendo a instintos ancestrais.

Nas mãos de um druida, aquele poder se condensava de séculos a um minuto. Nas mãos de Malfurion…

A estalagem e tudo que houvesse dentro dela voltaria à terra em questão de segundos.

Saurfang deu um salto, brandido o machado, enquanto cipós e raízes deixavam a estalagem em pedaços. Malfurion se esquivou do golpe sem o menor esforço, e então suas garras de metal voaram em direção à cabeça do orc feito dardos. Ele as defletiu com a haste do machado. Foi por um triz.

Saurfang rugia, o machado zunindo no ar, porém o segundo ataque de Malfurion se enfiou por uma fresta na armadura do ombro do orc.

O sangue pingava no chão. Raízes, um sem-fim de raízes, uma *floresta inteira* de raízes se enroscava nos tornozelos do orc. Ele se desvencilhava delas como quem dança, cortando as plantas sempre que vinham agarrá-lo.

Quando partes da estalagem começaram a desabar em volta da cabeça do orc, ele se resignou à morte. Com um adversário do quilate de Tempesfúria, não havia desonra alguma na derrota. O único dever de Saurfang era encarar seu fim sem se render.

Uma explosão súbita o lançou pelos ares, deixando-o atordoado. Fechou os olhos. *É o fim*. As mãos ficaram dormentes, chegaram a formigar por causa do poder sombrio que devastava a estalagem já em ruínas…

*Poder sombrio?*

Saurfang abriu os olhos. Malfurion não olhava para ele. Com os braços cruzados, protegia o rosto de uma flecha envolta em sombras e brumas de cor violeta, que explodiu bem na sua cara. Uma luz esmeralda penetrou a escuridão e o elfo se lançou contra Sylvana Correventos, que já tinha outra flecha pronta para um disparo à queima-roupa.

Saurfang fez menção de se levantar, porém suas pernas não obedeciam os seus comandos.

Então a estalagem desabou em cima dele, soterrando-o na dor e na escuridão. Mas ele não estava morto. Ainda não.

A morte não devia doer tanto assim.

◆ ◆ ◆

"A coisa mais irritante nos elfos noturnos", resmungava Nathanos sozinho, "é que eles são estoicos demais."

Quase toda criatura vacila ao se ver diante das presas afiadas da morte iminente. Um animal assustado pode correr a uma velocidade sobrenatural, porém quando a inevitabilidade da morte se confirma, o bicho acaba se entregando. Dá-se o direito a um último descanso, pelo menos na hora da morte. Os kaldorei não viam as coisas dessa forma. Nathanos se viu forçado a caçar cada um deles até as últimas consequências.

A brincadeira já tinha perdido a graça fazia tempo.

Ele regressava a Astranaar, fulo da morte-viva. Dezenas de elfos noturnos, inclusive Malfurion Tempesfúria, tinham escapado do vilarejo depois da investida. Ele próprio só conseguira abater dois e duvidava muito que alguém mais tivesse posto as mãos num sequer. Até Sylvana que era Sylvana devia voltar de mãos abanando.

Acontece que ela caçava a maior das presas. Já ele não tinha desculpa.

O caos já se dissipara em Astranaar. Os feridos recebiam os devidos cuidados, os mortos foram identificados e os vivos retomavam os afazeres da guerra, ainda que ligeiramente abalados. Nada se comparava a enfrentar uma criatura cujo domínio da natureza se estendia por mais de dez mil anos.

*O mínimo que pode acontecer é esse povo ingrato da Horda finalmente passar a respeitar a chefe guerreira como ela merece.* Várias e várias vezes, Malfurion viera esmagar as tropas da Horda, porém ela sempre intervinha. Centenas, talvez milhares de vidas tinham sido salvas graças a ela.

Sempre fizera por onde conquistar o respeito de seus súditos, mas agora teria sua devoção total e absoluta.

*Já tinha passado da hora.*

Um punhado de soldados escavava os destroços da estalagem do vilarejo, onde aparentemente Saurfang tinha tombado. Se os rumores fossem verdade, o orc sucumbira em um duelo contra Tempesfúria. Nathanos reconheceu a orquisa que supervisionava o resgate. *Foi ela que arrancou a minha adaga,* recordou-se ele, surpreso.

"Ele teve uma morte tranquila?", perguntou o Renegado.

Morka dirigiu-lhe um olhar muito irritado. "Da última vez que o vi, ainda estava vivo. Que tal me ajudar?". O tom era desaforado.

Nathanos se pôs a revirar os destroços sem dizer mais nada. Estivesse Saurfang vivo ou morto, a Horda precisava seguir adiante, e quem fosse mais sentimental teria dificuldades de fazer isso enquanto não descobrisse qual tinha sido a sina do lorde supremo.

Dez minutos depois, alguém gritou: "Ele está vivo!" Uma enxurrada de mãos veio levantar as últimas vigas e pranchas de cima do comandante orc, que foi colocado de pé aos hurras de cada um dos soldados em Astranaar. Estava acabado, ensanguentado, mas, sem sombra de dúvida, vivo.

*Ótimo. Seria uma pena perder a morte de um orc tão cabeça-dura.* Nathanos esperou os curadores avaliarem o estrago — um punhado de cortes, algumas costelas quebradas e um monte de arranhões, todos remediados na mesma hora — antes de se aproximar do lorde supremo. Saurfang se sentou nos destroços, recuperando o fôlego e olhando para o chão.

"Dormiu bem?", perguntou o morto-vivo.

O orc tossiu e bufou: "Faz dias que não durmo tão bem. A quantas anda a batalha?"

"Eu é que lhe pergunto, lorde supremo", devolveu o Renegado. "Qual é o nosso próximo passo?"

"Tempesfúria escapou de você de novo?" O olhar do orc foi severo.

Nathanos reprimiu a raiva. "Depois de ter escapado de você? Sim."

O orc cuspiu. "Então prosseguiremos conforme o planejado. O que andam dizendo os batedores? Para onde os elfos noturnos recuaram?"

Morka tomou a palavra: "Eles estão partindo do Vale Gris. Parece que vão abandonar estas terras".

Um burburinho se espalhou entre o exército da Horda. Os soldados na rua principal abriram alas. Sylvana Correventos tinha regressado e foi direto até Nathanos.

Para a decepção de todos, não trazia a cabeça de Malfurion em uma bandeja.

Saurfang levantou a voz: "É verdade, chefe guerreira? Eles abandonaram a região?".

Sylvana assentiu. Então se dirigiu à multidão: "O Vale Gris agora pertence a Horda".

Um rugido subiu pelos ares e se espalhou depressa entre o exército. Os soldados erguiam armas e punhos, entoando gritos de vitória. Nathanos não sorriu. A guerra ainda não estava vencida.

Sylvana se voltou para Saurfang. Baixou a voz de modo que apenas Saurfang e Nathanos a ouvissem em meio àquela barulheira. "Você ainda consegue lutar, lorde supremo? Está preparado para o fim?"

O orc bateu a cabeça do machado contra a armadura. "Estou pronto, chefe guerreira. Vamos conquistar Darnassus em nome da Horda."

◆ ◆ ◆

Os elfos noturnos tinham se retirado completamente do Vale Gris. Assim que a Horda percebeu que não havia mais emboscadas, armadilhas, nem inimigos, ela avançou com tudo. Todos queriam estar no front quando chegasse a hora de atacar a Árvore do Mundo. A promessa de glórias bailava na cabeça de cada um dos soldados e Saurfang sabia disso.

As linhas de frente do exército chegaram à costa oeste de Kalimdor dentro de poucas horas. Saurfang avaliou o terreno sem demora. A estrada que cruzava as florestas encantadas do Vale Gris dobrava para o norte, rumo a uma floresta menor. Aquele caminho ia até a Costa Negra sem desvios.

A resistência seria feroz. Os elfos noturnos só tinham aberto mão do Vale Gris porque a região não lhes oferecia mais nenhum ponto estratégico. Já ao longo do litoral, a cordilheira intransponível de montanhas espremia a floresta em uma faixa estreita de terra. A batalha derradeira pela defesa de Darnassus sem dúvida tomaria lugar ali.

A operação ficaria no encargo de Malfurion. Quanto mais a Horda demorasse, mais tempo o arquidruida teria para se preparar.

Saurfang ordenou ao exército que montasse um acampamento improvisado na praia, perto das ruínas do Assentamento Zoram'gar. Os elfos noturnos jamais deixariam a proteção das árvores para atacá-los em campo aberto, de modo que a Horda poderia consertar seus equipamentos, comer, beber, descansar e tratar de suas dores e mazelas sem medo de uma represália.

"Falta pouco, companheiros da Horda", anunciou o orc. "Esta é a última chance de descansar. Estejam prontos. Nós tomaremos a Árvore do Mundo antes que a noite caia."

Saurfang e Sylvana se acocoravam diante do mapa a fim de planejar os passos finais. Eles concordaram que não havia necessidade de manobras complicadas: bastava avançar, encontrar o inimigo e cuidar dele como a Horda fazia de melhor.

"Eu lidero a investida", propôs o orc. "É melhor você ficar atrás".

Aquilo lhe rendeu uma sobrancelha erguida por parte de chefe guerreira. "Malfurion estará lá, lorde supremo", lembrou-lhe a morta-viva.

"Eu quero que ele bote todas as cartas na mesa. Tempesfúria quer a minha cabeça. Ele não vai esconder o jogo. Nós precisamos ver qual é a extensão das suas defesas para planejar um jeito de subjugá-las."

Sylvana torceu os cantos da boca. "Eu posso ficar na beirada da floresta se você quiser." Estava na cara que ela não esperava que o orc fosse sobreviver ao embate.

Não se podia culpá-la por isso.

Não faltaram voluntários para acompanhar Saurfang. Dez minutos depois, ele e mais de cem soldados da Horda se embrenhavam na mata ao norte, mantendo certa distância uns dos outros, mas não tanta que não pudessem lutar juntos se preciso fosse. O orc empunhava o machado com firmeza, varrendo as árvores adiante com o olhar, à espera do momento em que Tempesfúria se revelaria.

Passaram-se minutos. A Horda avançava passo a passo em silêncio, exceto pela terra e folhas batidas sob seus pés. O terreno não era plano, mas tampouco de travessia difícil. Córregos magros cortavam a floresta e, cada vez que cruzava um deles, Saurfang esperava que flechas fossem passar zunindo pela sua cabeça, ou que raízes se enroscassem nos seus tornozelos a fim de puxá-lo para debaixo d'água. Nenhuma das duas coisas aconteceu. Alguns fogos-fátuos voejavam para lá e para cá, porém eram criaturas inofensivas em pequenas quantidades. A maior parte não descia abaixo dos galhos.

A floresta estava quieta. Parada. Vazia. Os soldados da Horda não paravam de olhar para cima, inspecionando a copa das árvores, porém a folhagem não era tão densa quanto no Vale Gris. O brilho

dos fogos-fátuos oferecia luz abundante, banindo as sombras. Os elfos noturnos não teriam como emboscá-los ali.

*Não tem a menor chance de eles terem abandonado este lugar*, pensou Saurfang. Mas era o que parecia.

Não demorou para que ele avistasse a praia da Costa Negra através das árvores, e nenhum sinal do inimigo até então. Vislumbrou certa movimentação ao longe: elfos noturnos civis, evacuando a Árvore do Mundo. Alguns apontavam para Saurfang e para a Horda, dando gritos de alerta.

*Malfurion está esperando anoitecer?* O sol despencava no horizonte, porém a Horda ganharia a Costa Negra muito antes de escurecer se não enfrentasse resistência.

O orc sentiu um arrepio. Seus instintos lhe diziam que ele se jogava em uma armadilha, mas recuar antes que ela fosse disparada não adiantaria nada. Seguiu adiante. *Temos que obrigar Malfurion a sair da toca.*

Um fogo-fátuo passou diante de seus olhos. Ao tentar espantar a criatura com um abano, foi picado na palma exposta da mão esquerda. O bicho danou-se a rodopiar, depois pousou no seu cocuruto, cobrindo-lhe a cabeça.

Saurfang rosnou ao sentir a pele arder com outra picada. Deu um safanão exagerado no bicho. Mais fogos-fátuos esvoaçaram das árvores, agitados e arredios. O orc imaginou que não tivessem gostado muito do que ele tinha acabado de fazer.

Maldições e pragas resmungadas chamaram sua atenção. Outros membros da Horda tentavam afugentar os bichos. Saurfang ficou imóvel. Não era incomum os fogos-fátuos se ajuntarem e se assanharem logo antes do pôr do sol, porém eles não eram agressivos daquele jeito. Normalmente não.

Ele já tinha visto aquilo antes, não tinha?

Do topo do Monte Hyjal, um senhor demoníaco avançava contra Nordrassil, a fim de reclamar seu poder para a Legião Ardente. Saurfang havia lutado naquela batalha, represando desesperadamente um mar de demônios…

…enquanto Malfurion Tempesfúria convocava a ajuda de seus ancestrais…

…e milhares, não, *milhões* de fogos-fátuos atenderam ao seu chamado…

Em pequenas quantidades, os fogos-fátuos eram inofensivos.

Em grandes quantidades…

"Recuar!", urrou Saurfang. "Horda, recuar agora! Corram!"

A maior parte dos soldados obedeceu a ordem, mas muitos não reconheceram o tamanho do perigo e demoraram a fugir.

Uma voz trovejou pela floresta, prometendo vingança: "*Ash Karath*", entoou Malfurion Tempesfúria.

Baixou dos galhos uma muralha viva, maciça e reluzente de fogos-fátuos. Eles cercaram os lerdos e retardatários, envolvendo-os num casulo de luz de onde só escapavam os gritos agonizantes.

"*Corram!*" berrou Saurfang novamente e, desta vez, não houve hesitação. A Horda escafedeu-se em busca de abrigo, largando armas, escudos e armaduras para trás. Nenhum deles estivera no Monte Hyjal no dia fatídico, porém todos conheciam a história muito bem.

Os fogos-fátuos arremetiam contra a armadura do lorde supremo. Ele cobriu a cabeça com os braços e pôs-se a correr desesperadamente. As picadas furiosas dos fogos-fátuos, ancestrais dos kaldorei, tentavam penetrar a armadura, para queimar-lhe a carne, enterrar-se nos ossos e tripas, rasgá-lo por dentro.

Os fogos-fátuos tinham destruído um senhor demoníaco com seu poder. Os reles mortais da Horda, eles massacrariam.

As botas pesadas de Saurfang perigavam tropeçar nas raízes e pedras ao longo do caminho. Uma pisada em falso e ele estaria morto. Não parou de correr enquanto não escapou da mata e irrompeu na praia. Ofegante, ele se voltou para trás para ver quantos tinham sobrevivido.

Mais de cem soldados da Horda tinham entrado na floresta. Menos de uma dúzia chegou à praia, perto do Assentamento Zoram'gar. Os fogos-fátuos zumbiam com raiva à beira da mata, voejando sem rumo, só esperando para tornar a envolver a Horda no seu abraço. Eles formaram uma barreira maciça do mar até as montanhas, protegendo a floresta ao norte de ponta a ponta.

Sylvana observava tudo a céu aberto, completamente imóvel e com uma expressão indecifrável.

Os fogos-fátuos abriram uma brecha estreita na barreira para que os soldados da Horda enxergassem lá dentro da mata. Sobre uma pequena elevação, viam-se Malfurion Tempesfúria e muitos outros elfos noturnos.

"Isto acaba agora," declarou Malfurion. Sua voz se projetou da floresta até a praia. "A Horda não vai mais dar nenhum passo para dentro de nossa terra, não sem pagar com as próprias vidas. Isso eu juro."

Os fogos-fátuos cerraram as fileiras e Malfurion desapareceu.

Sylvana não tirou os olhos do lugar onde o elfo se encontrava.

Saurfang contemplou a cena, organizando as ideias. O terror havia passado. Agora, considerava as alternativas estratégicas. Os fogos-fátuos não arredariam o pé dali. Cairiam em cima de qualquer inimigo que se aproximasse.

*Não dá para cruzar aquela linha. Não vai ser fácil.* Ele podia lançar o exército inteiro naquela armadilha mortífera, mas não estava convicto de que a Horda venceria. Podia até ordenar aos magos que ateassem fogo a cada uma daquelas árvores, mas não tinha certeza de que o fogo se espalharia, pois os fogos-fátuos podiam arrodear as chamas e dissipar o calor.

Armas de cerco. Eis a resposta: atacar por sobre as árvores de uma distância segura até que Malfurion e seus aliados se vissem forçados a bater em retirada. A Horda já tinha dominado a praia. Saurfang só tinha que…

"Aliança! Navios da Aliança ao sudoeste!"

O grito perfurou seus pensamentos e o coração de Saurfang apertou. Clarões de disparos eclodiam no mar. Glaives e balas de canhão sobrevoavam as águas e o estardalhaço das explosões se fazia ouvir ao longo da praia, abrindo buracos imensos entre as fileiras da Horda.

A frota noctiélfica tinha voltado. Talvez os navios estivessem esperando longe das vistas de todos, logo depois da primeira curva na faixa costeira, a Horda cair na armadilha de Malfurion. Agora podiam disparar contra o exército inimigo sem risco de retaliação.

*Os elfos noturnos conseguiram o seu milagre*. A Horda não teria como defender a praia. Seria uma carnificina se não recuassem. "Voltem às árvores! Voltem ao Vale Gris!", bradou Saurfang.

Seus subordinados ouviram o apelo e, sem demora, a Horda executou a manobra: recuou. O fogo da Aliança os afugentou para o abrigo da floresta ao leste.

Sylvana não arredou o pé de onde estava. Ela mal olhava para o oceano. Saurfang e seus guardas permaneceram perto dela, à borda da floresta ao norte. A frota não dispararia contra eles, não ali, tão próximos dos espíritos de seus ancestrais.

"Os elfos noturnos nos encurralaram, lorde supremo", reclamou Sylvana. Ela parecia irritada.

"É, encurralaram mesmo."

"Não podemos entrar na floresta e não podemos trazer nossas armas de cerco à praia, ou vamos perdê-las", refletiu a morta-viva. "Os reforços da Aliança vão chegar antes de podermos resolver essa situação na força bruta. Você discorda?"

"Não, chefe guerreira." Saurfang não conseguia imaginar uma solução para o dilema. E, sim, o método da "força bruta" gastaria muito tempo, se é que funcionaria. Talvez, *talvez,* com um trabalho em equipe entre magos, bruxos e xamãs, a Horda conseguisse forçar os fogos-fátuos a recuar uma árvore por vez e ir destruindo cada árvore, eliminando palmo por palmo a barreira natural. Mas administrar isso tudo sob ataque marítimo? A operação se arrastaria por semanas. Até lá, os reforços da Aliança já teriam chegado e seria impossível atravessar as águas a partir da Costa Negra.

Se continuasse daquele jeito, os elfos noturnos venceriam a batalha.

Agora era a Horda que precisava de um milagre.

Sylvana se aproximou dos fogos-fátuos, observando-os com calma. Saurfang rangeu os dentes, mas não disse nada. Ela encarou a muralha de vagalumes como se encarasse o próprio Malfurion. E talvez não estivesse de todo errada.

A morta-viva girou nos calcanhares. "Eu estou preparada para enfrentar Malfurion em um duelo."

Saurfang não conseguia se lembrar de ter ouvido ideia pior, muito menos em circunstâncias tão dramáticas. "Chefe guerreira…"

Ela o cortou: "Eu sei. Eu estaria enfrentando a ele, o resto do seu exército *e* os espíritos de seus ancestrais por conta própria. Vai ser uma situação… difícil de se superar", reconheceu num tom seco. "Mas a vitória está quase nas nossas mãos. Eu não vou voltar atrás."

Os navios noctiélficos tornaram a disparar. Os projéteis explodiram ali perto, lançando gêiseres de areia pelos ares. Alguns dos soldados de Saurfang se encolheram. Sylvana não. O orc tampouco. *Estão só testando o alcance,* concluiu ele.

"Os fogos-fátuos só são perigosos em bando", comentou. "Você acha que consegue… matá-los, chefe guerreira? Um tanto bom?"

Sylvana conferiu as criaturas por um momento, depois balançou a cabeça. "Um tanto que não faria diferença. Mas nós podemos dispersá-los. Leve quem você quiser, Saurfang, e entre na Selva Maleva. Encontre um caminho até a Costa Negra, passando pelas montanhas, e se enfie na mata por trás. Assim que ouvir vocês atacando, eu liderarei o restante da Horda no front. Nós pressionaremos Malfurion pelos dois lados. É hoje que ele cai."

"Chefe Guerreira, não tem uma trilha sequer na Selva Maleva", ponderou ele.

"Descubra uma ou abra caminho", respondeu ela com frieza. "Deixe as armas de cerco sob meu comando, junto com os guardas que souberem nadar."

"Nadar?", repetiu o orc.

"Vou precisar deles para cuidar da frota", esclareceu a morta-viva.

◆ ◆ ◆

"Quantos contrabandistas você conhece?", perguntou Saurfang.

Nathanos apertou os olhos. "Como é que é?"

"A chefe guerreira nos mandou encontrar uma rota que passe pelas montanhas da Selva Maleva." O orc despiu-se da armadura, jogou água no rosto e bebeu um cantil inteiro num gole só. Seria uma jornada árdua. "Deve ter uma estrada para Hibérnia por lá. A menos que o mercado negro dê uma volta imensa por Azshara para transportar suas mercadorias" — *apesar de que, com Gallywix no comando, isso não me espantaria* —, "deve ter uma rota secreta em alguma parte da Selva Maleva. Algum lugar que dê acesso à Costa Negra, longe das vistas dos kaldorei."

"Contrabandistas não costumam anunciar seus serviços", respondeu o ladino, "e na certa vão querer distância do lorde supremo."

"São ordens da chefe guerreira, Arauto da Praga", rosnou o orc. "Nós só precisamos de *um* contrabandista que seja mais leal à Horda que ao dinheiro. Você não conhece *ninguém* que possa ajudar?"

"Conheço alguém", assumiu Nathanos.

"Encontre essa pessoa e traga-a para cá." Então Saurfang se voltou para os guardas. "Quem de vocês sabe nadar bem?"

Quase todos levantaram a mão.

Morka tomou a palavra: "Eu quero acompanhar você, lorde supremo".

Ele balançou a cabeça e tornou a vestir a armadura. "Eu preciso de velocidade, não de proteção. E a chefe guerreira precisa de nadadores. Cumpra as ordens dela, vejo vocês depois da batalha.

Ele pulou na sela de um lobo silvestre e tomou as rédeas. Os outros ginetes trataram de fazer o mesmo. "A Selva Maleva não será nada gentil conosco" informou-lhes o orc. "Mas ou nós triunfamos, ou a Horda sucumbe. Avante!"

Ele cravou os calcanhares nas costelas do lobo. A fera saiu em disparada, rumo ao Vale Gris. Nathanos praguejou, furioso por ter sido deixado para trás.

Saurfang não sentiu um pingo de compaixão. *Ele alcança a gente*. Se havia uma coisa que Nathanos jamais faria, era decepcionar a chefe guerreira.

A fila de ginetes se alongava às costas de Saurfang. A poeira que levantavam pairava no ar, obscurecendo o pôr do sol.

◆ ◆ ◆

Chegou a hora do crepúsculo. Sylvana permanecia perto da floresta, a poucos passos do enxame de fogos-fátuos. Eles giravam por entre as árvores, agitados por causa da presença dela. A morta-viva sentia a fúria, a ira deles. Até aqueles espíritos tão gentis dos kaldorei desprezavam Sylvana pelo que ela representava.

A chefe guerreira deixou-se envolver pelo ódio. Saber que eles a detestavam era doce como o néctar. Eles adorariam fazê-la em pedaços, mas teriam que avançar a céu aberto para tal e isso os deixaria vulneráveis. Mesmo depois da morte, aquelas criaturas ainda se apegavam à existência.

Ela compreendia o impulso perfeitamente.

Um dos fogos-fátuos rodopiava ansioso, tremendo de tanta raiva. Sylvana sorriu para ele. "Pegue-me, se puder", sussurrou.

O fogo-fátuo se lançou pelos ares sozinho, mirando bem na cabeça da chefe guerreira. Sylvana agarrou-o em pleno ar, fazendo-o guinchar em pânico. O espírito tremeluzente não parava de se retorcer e de se debater.

A morta-viva o segurou diante dos olhos para examiná-lo de perto. "Você quer defender os vivos?", perguntou ela.

A luz do bicho bruxuleava de tanto terror.

"Este é o seu único desejo agora? Proteger seus descendentes?" Ela fez uma concha com a outra mão, prendendo o bicho, que pelejava para escapar. "Você fez um péssimo serviço em vida. Por que na morte seria diferente?"

Então esmagou-o, fazendo com que seu poder sumisse ao som dos estalidos. Ao abrir as mãos, só restava um pó escuro. Ela esfregou uma palma na outra e deu as costas para a floresta.

*Falta pouco, Malfurion. Muito pouco.*

Os navios noctiélficos tornaram a disparar, muito embora não tivessem alvo definido. Os projéteis caíam na praia vazia, matando um punhado de rastejantes e só. Tratava-se de intimidação pura e simples.

Os batedores da Horda repassavam a Sylvana tudo o que viam nas lunetas. Os navios contavam com tripulação completa, algumas inclusive complementadas por arqueiros, e estavam bem abastecidos para uma missão demorada ao sul de Kalimdor.

O mais sensato seria a artilharia bombardear as embarcações até elas recuarem. Infelizmente, a chefe guerreira perderia quase todas as armas de cerco sob seu comando. Ela só daria essa ordem em último caso.

Por enquanto, não faria nada. Os navios que ficassem ali, desperdiçando balas na praia, ela podia esperar. Aproveitaria o tempo para se preparar para a próxima etapa da batalha: a etapa que decidiria tudo, de um jeito ou de outro.

Voltou ao seu exército, na floresta ao leste. "Soldados da Horda, ouçam com atenção…"

◆ ◆ ◆

"…vocês estarão em menor número. Com menos armas. Eles vão matar cada um de vocês assim que os virem. Ainda que não os matem, seus companheiros da Horda podem acabar fazendo o serviço deles por acidente", discursou Sylvana. Depois sorriu. "E então… quantos de vocês se prontificam a lutar?"

Todos que se encontravam reunidos diante dela levantaram a mão, inclusive Morka. *Isto vai dar uma história e tanta para os meus filhos*, pensou ela. Ainda que não sobrevivesse, eles cantariam canções sobre cada um que tivesse tomado parte naquele raide, ela estava certa disso.

"Muito bem", prosseguiu a chefe guerreira. "Equipes de artilharia, fiquem abrigadas enquanto eu não entrar na floresta ao norte. Só então saiam para a praia e comecem o bombardeio. Nadadores, mergulhem assim que Saurfang lançar o ataque."

Conforme fora ordenado, os voluntários se organizaram em pequenos grupos. Quinze por navio, era assim que fariam a limpa. Contra uma tripulação kaldorei completa, de fato estariam em minoria. Mas o objetivo não era lutar limpo, ah, mas não mesmo. Sylvana distribuíra os magos entre as equipes de artilharia. O contra-ataque da Horda viria na forma de projéteis explosivos e instáveis, sob efeito de artes arcanas, capazes de deixar um navio inteiro em chamas.

Morka despiu-se da armadura e só manteve um punhado de adagas presas ao cinto de couro. Ela nadaria sob as salvas da artilharia para eliminar os navios que estivessem fora do alcance das armas de cerco da Horda.

*Ou melhor ainda,* pensou ela*, para tomar os navios em nome da Horda.*

Pirataria aprovada pela chefe guerreira. Podia haver coisa melhor?

◆ ◆ ◆

A irritação de Nathanos já havia se dissipado muito antes de ele alcançar Saurfang. Agarrava-se com firmeza às rédeas do raptor Lançanegra enquanto o bicho corria pela Selva Maleva. A fera ofegava a cada passo, porém mantivera o ritmo por todo o Vale Gris, mesmo carregando duas pessoas nas costas.

O outro passageiro, um troll chamado Rejiji, resmungou o caminho inteiro. "Eu achei que a viagem fosse ser mais agitada", repetia ele sem parar.

Enfim, Nathanos avistou o grupo volumoso de soldados de Saurfang mais adiante na estrada. O raptor estacou de súbito, fazendo com que Rejiji fosse arremessado pelos ares e despencasse no chão.

O morto-vivo desmontou do raptor com destreza e foi conferir se o troll estava bem. Só faltava agora era a fonte de informação da Horda quebrar o pescoço em um acidente imbecil, porém Rejiji se pôs de pé num salto, as faces avermelhadas de tanta vergonha.

Saurfang fingiu que não tinha visto a gafe. "Nathanos, nós não conseguimos encontrar a rota por conta própria. Você trouxe uma solução para o dilema da Horda?"

"Trouxe", respondeu o morto-vivo, indicando o troll. "Esse sujeito aí tinha ligações com a tribo Lança Partida."

O orc franziu as sobrancelhas. "Lança Partida?"

"Eles moravam perto da Costa Negra", explicou Rejiji, sacudindo a terra do seu manto. "Fugiram depois do Cataclismo."

"Então tem um caminho que liga a Selva Maleva à Costa Negra?", indagou Saurfang.

Rejiji empinou o queixo. "É o que andam dizendo. Tem muita gente fugindo por essa rota. A jornada não vai ser mole, mas ouvi dizer que eu posso ficar com tudo que eu encontrar."

"Você ouviu direito." O orc lançou um olhar desconfiado para Nathanos. "Mas nunca atravessou esse caminho por conta própria?"

"Não, lorde supremo", esclareceu o troll.

"Consegue achá-lo?"

O contrabandista deu de ombros. "É provável."

◆ ◆ ◆

Ao meio-dia, Saurfang estava exausto.

O troll não mentira quanto às dificuldades da jornada. A rota que levava à Costa Negra não era bem uma trilha, mas um penhasco. É certo que o solo e as rochas íngremes contavam com apoios o bastante para que os soldados da Horda galgassem a montanha e descessem do outro lado. Eles teriam que deixar as montarias para trás, mas isso já era esperado.

A maior parte dos soldados terminou a escalada sã e salva. Um bom punhado tinha escorregado e teria que atravessar de volta a Selva Maleva inteira enquanto cuidavam dos ossos quebrados.

Rejiji escalava como se já tivesse percorrido aquele caminho mais de mil vezes. *E provavelmente já tinha mesmo,* pensou Saurfang. Ele não ficou bravo por causa da mentira. Nathanos tinha razão, contrabandista algum ia admitir aquilo para o lorde supremo. Se o troll preferia fingir que tinha ficado sabendo da rota por meio dos refugiados Lança Partida, ele compraria a lorota, ainda que o sistema de cordas e roldanas instalado ao longo do caminho deixasse bem claro que se tratava de uma rota de contrabando.

Uma vez vencido o pico da montanha, Saurfang teve acesso a uma vista desimpedida da Costa Negra pela primeira vez em muito tempo. Dali se via tudo ao norte até a Árvore do Mundo, e praticamente tudo até o ponto onde a Horda estava encurralada, ao sul.

Sob as montanhas, na Costa Negra, elfos noturnos civis perambulavam pela praia. Eles tinham saído de Darnassus em barcos pequenos e pareciam esperar embarcações maiores para fazer uma longa jornada.

Saurfang indicou os barquinhos para Nathanos. Não estavam muito protegidos. Seriam destruídos no instante em que os elfos noturnos compreendessem que a batalha estava mesmo perdida. "Assim que chegarmos à praia, tome os barcos", instruiu ele com calma. "Eles nos serão úteis quando conquistarmos a árvore."

Ele esperava por alto que Nathanos fosse contrariá-lo, porém o Renegado concordou. "Eu quero estar na primeira investida contra Darnassus", disse ele.

"Ótimo", devolveu-lhe o orc. "Vamos esperar a chefe guerreira para irmos todos juntos."

Dali se via o restante do exército noctiélfico, espalhado por entre as árvores, protegendo Malfurion Tempesfúria, que se encontrava no topo de uma colina bem no centro da floresta.

Não havia fogos-fátuos perto do elfo. Eles estavam todos nas linhas de frente, retendo o grosso das forças da Horda.

Saurfang e o resto do grupo desceram em silêncio até as ruínas do assentamento Lança Partida, que tinha sido abandonado exceto por uma grande família de raposas, que se escondeu no instante em que viu a Horda se aproximar.

"Vocês sabem o que fazer", sussurrou o orc para os soldados. "Sabem qual é o objetivo."

Ele espiou os kaldorei por detrás de uma ribanceira. "Nós vamos tomar a praia, a floresta e depois Darnassus."

Saurfang saltou por sobre a ribanceira e desceu em disparada. Nathanos e as centenas de soldados da Horda que haviam seguido o lorde supremo através das montanhas o acompanharam, ecoando seu grito de guerra.

"Pela Horda!"

◆ ◆ ◆

Sylvana sorria. Os fogos-fátuos tremeluziam. Eles pareciam confusos. Indecisos. Alguns deixaram o front e voltaram correndo para as árvores.

Um grito inconfundível ecoou pela floresta. "Pela Horda!" O ataque pelos flancos havia começado.

*Excelente trabalho, Saurfang.*

Tinha chegado a hora. Sylvana se enfiou no meio de um amontoado de fogos-fátuos. Ela estendeu a mão, em busca daqueles ciscos de vida que eram os ancestrais dos kaldorei. Antes que tivessem tempo de atacar, ela soltou o seu poder. A dor e o horror das tão, tão terríveis dádivas que o Lich Rei havia lhe dado escaparam-lhe pela boca num guincho, e uma fumaça escura começou a irradiar dela.

Os fogos-fátuos caíram ao seu redor, tremeluzindo nas suas tentativas fúteis de reter a vida, como flocos de neve à luz do sol. A Horda rugia seus gritos de guerra e avançava pela floresta atrás dela, clavas e lâminas em punho.

Sylvana puxou uma flecha e se embrenhou na floresta. Nenhum fogo-fátuo chegou perto. Os soldados da Horda batiam neles com as clavas e com o dorso das lâminas em pleno voo. Alguns bruxuleavam e desapareciam. Muitos limitaram-se a fugir.

*Malfurion sabe que está tudo acabado.* Ele tinha decidido poupar seus ancestrais de um fim inevitável nas mãos da Horda.

Não demorou para que ela o visse, a sua espera. O resto da Horda mantinha distância, porém ela foi ao encontro do elfo sem hesitar.

Ele tinha um aspecto pesaroso. "Não há perdão para isso, Sylvana."

"Eu sei", respondeu ela.

E o momento para conversar passou.

*Lok-tar ogar,* pensou a morta-viva, incapaz de reprimir um sorriso atrevido.

Às suas costas, na praia, as armas de cerco disparavam seus projéteis. Depois ouviram-se as explosões, tanto em terra quanto no mar.

◆ ◆ ◆

Morka veio à tona para respirar e emergiu em um mundo em chamas.

*A chefe guerreira não estava brincando,* pensou a orquisa, reprimindo o pânico. *Que perigo, isto aqui.*

As máquinas de guerra da Horda disparavam salvas flamejantes no mar, espalhando as chamas por entre a frota noctiélfica com seus explosivos arcanos. Em troca, os navios mandavam saraivadas de balas de canhão e glaives de volta para a praia.

O grupo de infiltradores da orquisa passou pelas linhas de frente da frota mergulhando, subindo à superfície apenas para tomar um arzinho de poucas em poucas braçadas. Em breve, até isso já seria arriscado. Os projéteis mágicos das armas de cerco eram mortais, cuspiam fogo mesmo debaixo d'água, ardendo obstinadamente, como se o oceano fosse tão inflamável quanto uma floresta assolada pela seca.

Os nadadores se viram forçados a mergulhar por quase um minuto inteiro antes de encontrar uma porção d'água livre das chamas.

O grupo de Morka emergiu ao seu redor, quase sem ar. Ela fez as contas de cabeça: *Onze… doze… quatorze…* Não faltava ninguém. Era praticamente um milagre.

O último a vir à tona foi um tauren. Ele cuspiu um oceano inteiro antes de se recompor. Então lançou um mau olhado para Morka. "Nós já *passamos* da frota", rosnou ele.

"Fique à vontade para voltar", retrucou a orquisa. Então ela o observou mais atentamente. "Eu não conheço você?"

Ele bufou, engolindo um pouco d'água por acidente. Levou um tempinho para controlar o acesso de tosse. "Nós tomamos umas em Orgrimmar, não faz muito tempo."

"Ah! *Ah…*". Como era o nome dele mesmo? Lanagu? Alguma coisa assim. Ela chutou: "Você está pronto, Lanagas?".

O tauren ficou confuso. "Meu nome é Hiamo."

"Eu sou péssima com nomes. Preparado?"

Ele aquiesceu. Os outros se ajuntaram ao redor. Morka deu as últimas braçadas até o navio noctiélfico e escalou-o pela lateral, apoiando os dedos nos vãos entre as tábuas de madeira, até alcançar as escotilhas dos canhões.

A orquisa espiou por uma das aberturas. Ela estava voltada para o alto mar em relação ao navio. Do lado de dentro, a tripulação kaldorei recarregava e disparava os canhões e lançadores de glaives. Através das portinholas do lado oposto, ela vislumbrou navios naufragando em chamas. Aquela embarcação permanecia intocada, no entanto. As armas de cerco da Horda tinham alvejado os navios mais próximos da praia primeiro.

Ninguém manejava os canhões do lado de cá. Ninguém sequer prestava atenção. Afinal, qual era a chance de o inimigo se aproximar pelo *oceano?*

Hiamo se dependurou na mesma portinhola e espiou o lado de dentro. "O que você acha?", sussurrou ele.

Morka esperou chegar mais um pouco de gente. Uma ideia se formava. "Eu pensei em duas opções. Nós podemos atear fogo em algumas partes, tornar a mergulhar e nadar quase um quilômetro por debaixo das chamas", propôs ela.

Um elfo sangrento levantou a sobrancelha para a orquisa. "Ou?"

"O que vocês acham de voltar à Costa Negra de navio?"

Cada um dos rostos ali presentes sorriu de volta para ela.

◆ ◆ ◆

Saurfang se esgueirava pela floresta. Os kaldorei tinham tentado se defender dos dois lados ao mesmo tempo, porém sucumbiam. Suas linhas de frente se rompiam, suas fileiras se desmanchavam.

Agora os sobreviventes faziam a última coisa que um exército derrotado pode fazer: amontoavam-se em pequenos grupos para se defender por todos os lados até finalmente virem abaixo. Saurfang acreditava ter visto uma oficial noctiélfica de alta patente, uma sentinela, continuar lutando mesmo depois de alvejada por um punhado de flechas. Corajosa. Honrada. E totalmente perdida.

O orc enfrentava quem encontrasse pela frente, mas restavam cada vez menos elfos de pé. Ele perseguia os barulhos de uma batalha terrível. Perto da praia, duas criaturas poderosas se entreveravam num confronto monstruoso.

*A chefe guerreira está confrontando Tempesfúria sozinha.*

Se Sylvana tombasse, caberia a Saurfang dar cabo do serviço. Ele não sabia sequer se daria conta do recado.

A luta ainda estava a muitos e muitos metros de distância. Saurfang se aproximava aos poucos, observando os clarões violeta escuro e verde esmeralda adiante.

Uma tremenda explosão de escuridão derrubou as árvores em torno, provocando grande estardalhaço. O orc se jogou atrás de algo para se abrigar e alguma coisa voou pelos ares, trombando no tronco das árvores antes de se estatelar no chão a poucos passos de distância.

A coisa levantou a cabeça: um elfo.

Saurfang identificou a galhada. Sem pensar duas vezes, arremessou o machado.

No instante preciso em que a arma se soltou das suas mãos, ele quis chamá-la de volta. Tratava-se de Malfurion Tempesfúria, vivo, preparando-se para retomar a luta contra a chefe guerreira.

O machado rodopiava no ar, cruzando a distância num segundo.

Malfurion não percebeu o golpe. Não até sentir a lâmina cravada nas costas.

Ele cambaleou, ergueu os olhos para o céu noturno e soltou um suspiro. Então foi ao chão. O cabo do machado se projetava no ar, enterrado na carne do elfo.

Em vez de se deleitar, Saurfang ficou horrorizado.

Aquilo era errado. Era… vergonhoso.

Guerra é guerra, mas o orc já tinha perdido um duelo contra Tempesfúria. E agora o atacava pelas costas.

*Um golpe sem honra,* refletiu ele, atordoado. *Um herói de dez mil anos de guerras. Eu próprio já lutei ao lado dele. E agora o derrubei feito um covarde.*

Não queria nem olhar para o que havia feito, mas sentia-se obrigado. Malfurion jazia de bruços, sangrando, soltando arquejos roucos e custosos.

"Eu sinto muito", desculpou-se o orc.

"Não sinta."

Saurfang se virou para Sylvana, que sorria logo ao lado, satisfeita. "Bom trabalho."

"Eu não queria interferir", explicou-se ele.

"Eu não estava conseguindo finalizar a luta. Ele estava desperdiçando meu tempo." A morta-viva arrancou o machado do elfo noturno, fazendo jorrar sangue da ferida. Ele grunhiu de dor, mas limitou-se a isso.

"Acabe com ele e ponha um fim nisto logo", pediu o orc.

Sylvana sopesou o machado, considerando a questão. Então se voltou para Saurfang. Ele não conseguia lhe decifrar a expressão, mas não gostou nem um pouco dela.

A chefe guerreira lhe devolveu o machado. "Deixo isso por sua conta, lorde supremo."

"Foi você quem lutou."

Sylvana já se afastava. "Mas a vitória foi sua. Nada disso, nem a batalha, nem a derrota de Malfurion, teriam acontecido sem você. Você conquistou essa honra. Tome um ar, se quiser, depois corte-lhe a cabeça. Encontro você na Costa Negra."

E, assim, ela desapareceu por trás de uma ladeira ao norte.

Saurfang ficou atordoado. *Você conquistou essa honra.*

Ele tornou a contemplar Malfurion. "Eu sinto muito mesmo."

Malfurion virou o rosto. Fitando o orc com um olho só, ele rouquejou: "Você liderou a Horda a serviço da morte. Vai se arrepender do que fez hoje até o fim de seus dias".

"Você lutou bem, Malfurion", elogiou o orc. "Descanse com honra. Você merece."

Ele ergueu o machado. Então hesitou. Passaram-se segundos, depois minutos inteiros, e Saurfang não foi capaz de trazê-lo abaixo.

Sentiu uma luz cálida despejar-se sobre seu corpo. Ela continha em si tristeza, esperança e amor. Talvez Eluna estivesse dando as boas-vindas a Malfurion na outra vida. Talvez aquilo tornasse a situação aceitável.

*Mas essa cabeça não é minha.*

Talvez fosse mais honrado deixar Tempesfúria viver.

*Aos cuidados de Sylvana? Seria mais misericordioso acabar com ele ali e agora.*

E, no entanto, o machado não se mexeu.

E então, de repente, já não conseguia mexê-lo nem se quisesse.

Uma luz intensa envolveu Saurfang, paralisando-o, imobilizando cada um dos seus músculos. Uma pancada forte acertou sua cabeça, lançando-o para trás. Ele caiu feio. O ar deixou seus pulmões numa baforada só, no instante em que ele se estatelou no chão. Ao olhar para cima, deparou-se com a luz de Eluna em toda sua fúria e beleza.

Tyrande Murmuréolo.

Ela se erguia sobre o companheiro com os braços levantados, um vestido branco ondulando ao sabor da brisa. Doze focos da luz de Eluna pairavam sobre a cabeça de Saurfang, prontos para dar o golpe de misericórdia.

O orc não se mexeu. Sentia a cabeça latejar. As adagas de luz tremulavam sobre si.

Tinha vindo abaixo pelo poder da justiça? Era mais do que justo.

Mas assim como ele hesitava, Tyrande também hesitava. Ela se ajoelhou lentamente, sem tirar os olhos do orc, enquanto repousava a mão sobre Malfurion. A terra se iluminou no momento em que a elfa usou seu poder para estancar o sangramento, fechar as feridas e puxá-lo de volta da beira da morte.

Alguns instantes depois, ela se levantou. "Você não o matou. Por quê?"

O orc decidiu contar-lhe a verdade: "Eu ataquei sem honra. Eu não tinha direito de acabar com ele."

Aquilo só fez irritá-la ainda mais. "Essa guerra *inteira* não tem honra. Que doença é essa que você tem? Como você ousa derramar tanto sangue a troco de nada!"

"Nós ousamos porque é preciso", respondeu Saurfang. "E nós precisamos vencer."

O rosto de Tyrande se ensombrou. Os pontos de luz pairavam sobre a cabeça do orc, apontados para o seu pescoço. "A Horda pode até vencer essa batalha, Saurfang, mas nós vamos recuperar a nossa casa."

"Talvez", concedeu o orc.

"Como você poupou Malfurion, eu vou lhe dar uma escolha", propôs a elfa. "Você pode morrer tentando impedir que eu o leve, ou pode ficar aqui, deitado no chão, e sobreviver."

Nada mais justo. Saurfang grunhiu: "Você também tem uma escolha. Levá-lo de volta a Darnassus, onde vocês dois vão cair quando a invasão acontecer, e para um lugar bem longe daqui, onde os dois vão sobreviver".

Ela não disse palavra. Com a mão livre, pegou uma pedra branca com símbolos azuis brilhantes. Alguns momentos depois, ela e Malfurion tinham desaparecido por completo.

Saurfang piscou. Para onde eles teriam ido? Para o bem deles, o orc torceu que não fosse Darnassus.

Ele se pôs de pé e sacudiu a terra da armadura, ignorando as dores e feridas. Malfurion se recuperaria e, quando voltasse à batalha, ele faria a Horda pagar com sangue. Saurfang não tinha a menor dúvida.

Ademais, tinha retirado um fardo pesado dos ombros. Malfurion ter sobrevivido era uma coisa correta. Uma coisa honrada.

◆ ◆ ◆

A tripulação noctiélfica totalizava mais ou menos 25 cabeças. Cerca da metade tinha morrido no início do combate e Morka contou mais cinco que se jogaram ao mar ao ver que o jogo vinha virando a favor da Horda.

Sete elfos noturnos se renderam. A maior parte deles feridos e todos encarando cheios de ódio os soldados da Horda, que celebravam a vitória no navio.

"O que vamos fazer com eles?" perguntou Hiamo, girando uma lança noctiélfica nas mãos imensas na maior pachorra.

Morka lançou aos prisioneiros — *seus* prisioneiros — um olhar breve.

"Comecemos pelo começo. Vamos pedir aos nossos amigos para pararem de atirar em nós", instruiu ela. "Alguém recolha a bandeira!"

Um goblin trepou no mastro e baixou a bandeira kaldorei. Eles não tinham nenhuma bandeira da Horda para içar no lugar dela, mas a mensagem ficou bem clara. Logo ouviram o burburinho da comemoração vindo da praia.

Uma luneta rolou pelo convés ensanguentado. Morka apanhou-a. Abriu o instrumento em toda sua extensão e percorreu o campo de batalha, observando os outros navios noctiélficos. "Alguns pegando fogo… um foi capturado ao sul… o resto todo fugindo." A orquisa fechou a luneta e sorriu para o resto dos soldados. "Vitória da Horda!"

"Pela Horda!" gritaram os outros de volta.

Morka se ajoelhou diante de um dos elfos noturnos feridos. Um corte se abria no seu antebraço esquerdo e ele estancava o sangramento com a outra mão. "Diga, Kaldorei, você consegue nadar machucado desse jeito?"

"Não," respondeu ele.

"Então imagino que você terá que ficar no navio", continuou ela, num tom ameno. "Você e seus amigos sabem navegar, não sabem?"

O elfo não disse palavra.

Ela aquiesceu como se ele tivesse dito que sim. "Que notícia fantástica, porque eu e meus amigos não sabemos. Você nos levaria até a Teldrassil?"

O elfo cuspiu no chão do convés. Vários soldados da Horda caíram na gargalhada.

A orquisa se inclinou para perto dele, abrindo-lhe o sorriso mais falso do mundo. "Se quiser ficar no *meu* navio, pode tratar de trabalhar. Hiamo, o mar ainda está em chamas?". Ela fez a pergunta sem desviar os olhos.

O tauren respondeu cantarolando: “Está sim, ó capitã”.

“Faça sua escolha, kaldorei. Trabalhe ou comece a nadar.” Então acrescentou, levantando a voz: “Isso serve para o resto de vocês também”.

Ninguém escolheu o mar.

Em poucos minutos, a embarcação guinou para o norte. Não foi uma jornada fácil. A ajuda dos elfos noturnos vinha com relutância. Através da luneta, Morka observou que as armas de cerco já partiam para a Costa Negra e que iam bem mais rápido do que o navio.

Não se importou. Tomou o leme nas mãos e pôs-se a girá-lo com um sorriso no rosto. Até que poderia se acostumar com aquela vida.

Além do mais, daqui a pouco assistiria à maior vitória da Horda e da primeira fila.

◆ ◆ ◆

As sentinelas não se rendiam. Mesmo quando o mar de soldados da Horda inundou a Costa Negra, eles perseveraram na luta, abrindo mão da vida para dar uma chance aos cidadãos da Teldrassil de evacuarem.

Sylvana não fez objeção. Mais inimigos mortos? Menos prisioneiros? Elas lhe faziam um favor.

Encontrava-se longe das linhas de frente, com o arco nas costas. A batalha estava vencida, mas não terminada. A Horda tomava a praia aos poucos. A vitória estava ao alcance, logo depois de uma faixa estreita de mar calmo. Ninguém queria cair justo agora.

Nathanos se retirou da confusão das linhas de frente. Sylvana cruzou olhares com ele e ergueu uma sobrancelha. O Renegado se aproximou, limpando o sangue das lâminas distraidamente. “Cadê o Saurfang?”

“Cortando uma cabeça: o maior troféu desta batalha”, respondeu ela.

Os olhos dele se arregalaram. “*Ele* matou Malfurion?”

“Como você acha que os kaldorei vão receber a notícia?”, perguntou a morta-viva. “Seu líder lendário, que os guiou por dez mil anos de terrores e provações, morto por um orc com um machado?”

“Bem mal, imagino.”

“É o que eu imagino também”, ponderou ela.

Nathanos fitou algo muito atrás da chefe guerreira. Apertou os olhos. “Lá vem ele, chefe guerreira. Não vejo troféu algum.”

Sylvana se virou para trás. Saurfang de fato irrompia da floresta, com a cabeça erguida e as mãos vazias. Ela sentiu uma leve irritação. Talvez o orc tivesse feito alguma tolice, como queimar o corpo para que não se pudesse fazer nenhuma parte de troféu. Parecia contente até demais, considerando o quanto estava transtornado agora há pouco. "Onde está a cabeça de Malfurion, lorde supremo?"

"Presa no pescoço dele, até onde sei", respondeu o orc.

Ela não achou graça. "E onde está *o pescoço* dele?"

Saurfang sustentou o olhar sem a menor hesitação. "Em Ventobravo, provavelmente. Tyrande interviu e o levou embora."

Era difícil alguma coisa deixar Sylvana sem palavras.

Não durou muito tempo. "Malfurion está *vivo*?", rosnou ela. "Você o deixou *escapar*?"

Os lábios dele não sorriram, ao contrário dos olhos. Ele estava feliz — *feliz!* — com aquilo. "Eu não tinha como deter Tyrande. Talvez você teria."

"De repente eu cometi um engano ao confiar em você", retrucou a chefe guerreira. Ela fez menção de pegar o arco. *Não. Ainda não,* decidiu.

Nathanos ficou do lado dela, com palavras frias e mordazes. "Quantas vidas da Horda Tempesfúria tomará como vingança, Saurfang? Esse sangue manchará as suas mãos."

"Lidarei com isso quando acontecer." Limitou-se a dizer o orc.

Nathanos deu um passo à frente, ficando cara a cara com o lorde supremo. "Você vai lidar é comigo. Cada gota de sangue que Malfurion derramar, eu vou cobrar de você, nem que eu tenha que…"

"Já chega. O que está feito, está feito", interviu Sylvana. "A batalha ainda não terminou."

Ela se afastou. Pouco depois, ouviu passos na areia às suas costas. Seu campeão e o lorde supremo a seguiam, ambos segurando suas benditas línguas. Ela conseguia imaginar perfeitamente a expressão de cada um deles: Saurfang em paz; Nathanos espumando, mas não queria que vissem a dela. Não até que a raiva tivesse se apaziguado. Precisava pensar.

*Malfurion vai sobreviver.* Não conseguia acreditar naquilo.

Tirou o arco das costas, puxou uma flecha e disparou. A seta sobrevoou a Horda e se enterrou nas costas de uma líder sentinela. A elfa noturna ainda lutava com garra, apesar das outras flechas já fincadas no corpo. O golpe de Sylvana finalmente a derrubou por terra. Com a sua queda, as últimas fagulhas de resistência na Costa Negra se apagariam. A morta-viva tornou a guardar o arco.

Eles não batalhavam por um pedaço de terra. Saurfang estava mais do que ciente disso. Tomar a Árvore do Mundo era uma forma de abrir uma ferida que jamais se fecharia. Perder suas terras *e* seus líderes findaria a nação kaldorei, isso se não findasse os próprios kaldorei. Ainda que perdessem um líder só, já seria o bastante para criar uma onda de desespero. As feridas daquela batalha sangrariam, se infeccionariam, necrosariam, e apodreceriam a Aliança de dentro para fora. Anduin Wrynn se lançaria numa guerra desesperada, a procura de um milagre, porque só um milagre seria capaz de salvá-los.

E eis que o milagre já tinha se feito. Um milagre realizado pelas mãos honradas de um tolo orc velho.

*E uma chefe guerreira confiante demais.* Melhor distribuir a culpa com honestidade. O erro fora tanto dela quanto de Saurfang.

A conquista de Darnassus abalaria o povo kaldorei. Eles chorariam seus mortos, temeriam pelos prisioneiros e estremeceriam só de pensar na Horda saqueando suas casas. Mas não sucumbiriam ao desespero. Não mais. A sobrevivência impossível de Malfurion lhes daria esperança. A ferida se fecharia.

*Mesmo nesta hora tão sombria,* eles diriam*, Eluna ainda zela por nós.*

E não deixava de ser verdade, não é mesmo? Eluna tinha *de fato* intervindo. Quem sabe não fora ela quem detivera o golpe de misericórdia de Saurfang? E ela não seria a única força por trás da Aliança a se opor ao verdadeiro objetivo de Sylvana.

A raiva da morta-viva arrefeceu.

Ela já sabia que aquilo ia acontecer. Só tinha sido mais rápido do que o esperado. Simples assim.

Caminhou até o mar, ignorando as últimas escaramuças e os lamentos dos kaldorei que tiveram a infelicidade de não conseguir escapar da Costa Negra. Observou a silhueta da Teldrassil, que se agigantava diante dela, banhada pela luz das luas. Em breve, a árvore estaria nas mãos da Horda.

"Tomem a praia", ordenou. "Preparem-se para invadir a árvore."

*Uma ferida que não se fecha.* Precisava pensar em uma nova forma de abrir tal ferida. Não havia mais volta.

"Por quê?"

A voz desviou a atenção que Sylvana prestava à árvore. Pertencia a uma sentinela mortalmente ferida, a mesmíssima sentinela que Sylvana derrubara há coisa de poucos minutos. Ela tossia. Fraca. Moribunda.

"Por quê? Você já venceu", disse a elfa noturna, pelejando para pronunciar cada palavra. "Só tem gente inocente na árvore."

Aquilo era bom de saber, caso fosse verdade. Sylvana se ajoelhou diante dela. "Isto é guerra", disse.

Saurfang e Nathanos já discutiam a logística do próximo passo da batalha. Ela deixou que conversassem. Diante dela, uma elfa morria pelo seu povo.

Uma elfa que lembrava bastante a própria Sylvana.

◆ ◆ ◆

Saurfang expedia as ordens sem perder tempo. Ele organizou as equipes de artilharia na praia e certificou-se de que ficassem com a Teldrassil na mira. Sem dúvida, devia haver batedores observando a Horda do topo da Árvore do Mundo. A intenção era que avisassem que a Horda podia abrir fogo a qualquer momento.

Ele fitou a chefe guerreira. Sylvana se ajoelhava diante de uma comandante elfa noturna à beira da morte. Um interrogatório de improviso, imaginou o orc. *Tomara que arranque alguma informação útil.*

Nathanos conversava a um canto com alguns soldados que tinham experiência no mar, instruindo-os a varrer a costa atrás de todos os barcos e botes noctiélficos.

"Você pode ir na primeira leva, Nathanos", disse o orc.

Os olhos do morto-vivo brilharam sob o capuz. "Eu não preciso da sua permissão. Tenho o aval da chefe guerreira. Tenho lugares que quero ver. Pessoas que quero conhecer."

*Azar o delas,* pensou Saurfang, ignorando o desprezo do outro. Uma cena esquisita no mar chamou sua atenção: dois navios noctiélficos navegando muito próximos da praia. "O que é aquilo?"

Nathanos forçou as vistas. "Nenhuma bandeira noctiélfica. Devem ter sido capturados. A chefe guerreira tinha mencionado essa possibilidade."

Verdade, Saurfang conseguiu divisar a silhueta esverdeada de uma orquisa ao leme de um deles. Ele ergueu o machado no ar. A orquisa acenou de volta. O lorde supremo reprimiu uma risada.

"Isso vai facilitar bastante as coisas para nós, Arauto da Praga", comentou o orc. "Quantas pessoas você consegue enfiar em cada navio?"

Nathanos abriu um sorriso. "Um monte."

"Descubra quem sabe navegar. Pelo visto, eles vão precisar de ajuda. Depois monte uma equipe de ataque." Saurfang já visualizava a investida na sua cabeça. Ainda havia muito trabalho a fazer. Ele precisaria de saqueadores na frente, forças de apoio logo atrás, talvez algumas mantícoras para proteger o espaço aéreo entre a Costa Negra e Darnassus.

Alguns dos melhores soldados encontravam-se exaustos por causa da batalha na Costa Negra. Eles ficariam desapontados de ficar para trás, mas soldados descansados mostrariam mais serviço naquela primeira leva crucial, caso os elfos noturnos oferecessem resistência.

*Eu me pergunto se teremos tempo…*

"Queimem-na."

As palavras da chefe guerreira atravessaram os pensamentos do orc. Ele se virou para encará-la.

*Queimar… o quê?*

Nathanos parecia tão confuso quanto ele. Os dois trocaram olhares. Sylvana os encarava com uma raiva ardente nos olhos.

Ela berrou a ordem outra vez, ignorando Saurfang: "Queimem-na!"

Sem dizer palavra, Nathanos se virou para as equipes de artilharia e fez um gesto.

Aconteceu tudo muito rápido. Tão rápido que Saurfang não teve tempo sequer de entender.

Um mago troll incendiou os projéteis e, com o simples movimento de uma dúzia de alavancas, as armas de cerco da Horda produziram uma tempestade mortal.

"Não", sussurrou Saurfang. Ele viu as bolas de fogo traçarem um arco sobre o mar.

Cada um dos projéteis acertou bem no alvo. Labaredas alaranjadas começaram a se espalhar pela Teldrassil.

Um silêncio total recaiu sobre a Horda. Até mesmo os gritos dos elfos noturnos capturados sumiram. Todos assistiam à cena incrédulos.

"Não", sussurrou o orc novamente, desta vez mais alto.

A segunda saraivada voou pelos ares, rompendo o estado de choque que o paralisava. "Não!", rugiu ele. "Parem de atirar! Parem!"

Era tarde demais. A segunda saraivada acertou o alvo e, dentro de instantes, a parte de baixo da Árvore do Mundo foi engolida pelas chamas. O fogo se retorcia como se estivesse vivo, escalando a árvore, trepando-a rumo a cidade que se erguia sobre seus galhos.

"Por quê… por quê?", ofegava o orc. Ele se voltou para Nathanos outra vez. Nunca vira o Renegado com os olhos arregalados daquele jeito.

De costas para o orc, Sylvana observava o fogo se espalhar. Ele tentava desesperadamente racionalizar a ordem dada por ela.

*Será que aquela elfa moribunda lhe contou alguma coisa? Eles planejavam resistir? Os reforços da Aliança estão prestes a chegar?*

Um punhado de explicações diferentes se passou pela sua cabeça. Nenhuma vingou. Não se viam bandeiras inimigas no mar. Um par de navios kaldorei se afastava às pressas da Árvore do Mundo, enquanto os galhos em chamas despencavam sobre eles. Até os navios capturados já davam um jeito de sair do caminho. Eles não esperavam aquilo.

Ninguém esperava.

*E quanto a Sylvana?*

O pensamento deixou Saurfang perplexo.

*Será que esse era o plano dela o tempo todo?*

Não. Não podia ser. Ela tinha uma estratégia em mente. Conquistar a Árvore do Mundo, tomá-la intacta, teria sido uma manobra brilhante. Já destruí-la…

*…era loucura.*

A árvore inteira já tinha sido engolida pelas chamas. Labaredas azuis e brancas se erguiam e desapareciam à medida que o incêndio se espalhava mais e mais. O fogo fechava o cerco. Por fim, a cidade de Darnassus começou a arder em chamas.

Saurfang ouvia os gritos. O calor chegava do outro lado da água, junto do fedor horrível dos incêndios descontrolados. Os elfos noturnos capturados na Costa Negra, ululantes como fantasmas, já começavam a implorar à Horda para *entrar* na árvore depressa e salvar suas famílias da morte certa.

Os sons se misturavam numa sinfonia de horrores.

Elfos, elfas, crianças… o fogo não faria distinção. O fogo não tinha honra, nem juízo, somente a gana de consumir tudo até que não restasse mais nada.

Todos que ainda estivessem em Darnassus morreriam.

E junto com eles, qualquer esperança que a Horda ainda tivesse de vencer uma guerra limpa contra a Aliança. Era para a Teldrassil ser a fenda que destruiria Ventobravo. Agora, ela serviria de mote para unir cada nação da Aliança enquanto a Horda não fosse reduzida a pó.

Anduin Wrynn declararia guerra imediatamente e todos os seus aliados atenderiam ao chamado. A Aliança não desistiria por *nada* de obter sua vingança.

"Não existe honra nisto!" rugiu ele para Sylvana.

Ela finalmente tirou os olhos da Árvore do Mundo. Um olhar firme, sem nenhum resquício de raiva. O que restara no lugar daquele sentimento? O vazio? Satisfação? Saurfang não conseguia compreendê-la. Talvez nunca a tivesse compreendido.

"Eles virão atrás de nós agora. Cada um deles!" insistiu.

"Eu sei." Ela estava calma, como se não houvesse nada de errado. "Eles atacarão a Cidade Baixa como forma de retaliação. Você terá que planejar as nossas defesas. Comece a evacuar o meu povo."

As palavras fugiam ao orc. Por fim, por puro ódio acabou cuspindo uma condenação: "Você condenou a Horda por milhares de gerações. Cada um de nós. E a troco de quê? A troco de *quê*?".

A expressão dela permaneceu inabalada. "Foi a *sua* batalha. A sua estratégia. E o seu fracasso. O prêmio nunca foi Darnassus. O prêmio era a fenda que dividiria a Aliança. A arma que destruiria toda esperança. E você, meu mestre estrategista, abriu mão disso para poupar um inimigo que *você mesmo* derrotou. Eu recuperei. Quando vierem atrás de nós, virão com dor, não com glória. Essa pode ser a nossa única chance de vencê-los."

Ele queria matá-la. Queria declarar mak'gora e derramar-lhe o sangue na frente da Horda e da Aliança inteira.

Mas ela tinha razão.

*Uma ferida que não se fecha.* O plano sempre fora esse. E Saurfang não conseguira abri-la. A história da sobrevivência milagrosa de Malfurion se espalharia entre os exércitos da Aliança como prova de que eles lutavam por uma causa abençoada.

A guerra viria de qualquer jeito. Isso estava certo a partir do momento em que a Horda pisou no Vale Gris. E seria exatamente como ele mais temia: um moedor de carne que consumiria vidas aos montes para resultar em quase nada, condenando as gerações futuras a uma guerra sem vencedores, que só terminaria em lamúrias. Mais uma vez, Sylvana enxergara algo de que ele não fora capaz.

E assim…

Ela dera um recado. Aquela guerra não terminaria num impasse. Não desta vez. Tanto a Aliança quanto a Horda saberiam que as únicas opções eram a vitória ou a morte. Lok-tar ogar. Darnassus não seria a última cidade a arder em chamas. As perdas de ambos os lados se acumulariam por causa daquela atrocidade. E ele carregaria tudo isso nas costas. Cada segundo seria um pesadelo.

Sylvana tornou a se virar para ver a Árvore do Mundo queimar. O próprio Saurfang também fez questão de ver as chamas consumirem a cidade e seus moradores. Não podia virar o rosto, ou seria ainda mais desonra.

Os gritos continuavam, recordando-o de Shattrath. Ele tinha adorado ouvi-los, na ocasião.

A fumaça se espalhava pelo ar, recordando-o de Ventobravo, de correr pelas ruas enquanto as construções pegavam fogo ao seu redor, de topar com humanos encolhidos e de exterminá-los enquanto eles imploravam por misericórdia. Tinha adorado a matança, na ocasião.

E tinha adorado aquela guerra também, não tinha?

Permaneceu imóvel por horas, até os gritos cessarem e as chamas se reduzirem a brasas. Diante de seus olhos, jazia a carcaça carbonizada do que outrora fora uma grande civilização. Dentro dele, um sentimento de desespero, um sentimento de vergonha. A corrupção já não existia mais para turvar as cenas de horror.

Saurfang se recordaria daquele momento nos seus sonhos para sempre. Reviveria aquela vergonha e todas as outras que estavam por vir, noite após noite.

"Você liderou a Horda a serviço da morte." Foi o que Malfurion dissera.

Como poderia encarar os soldados que havia levado àquela guerra? Como poderia explicar-lhes o que haviam feito?

Não poderia. Jamais saberia como.

Mas o fardo seria seu para sempre, até o fim dos seus dias.

Ao dar as costas, o orc torceu para que esse fim chegasse logo.

# CRÉDITOS

*NOVELA CRIADA POR:*

Alex Afrasiabi, Hector Bolanos, Caroline Wu Bonti,
Robert Brooks, Michael Carrillo, Sean Copeland,
Steve Danuser, Keith Ewing, Cate Gary,
Adam Heine, Erik Jensen, Julie Kimura,
Christi Kugler, Brianne M Loftis, Allison Monahan,
Ken Murayama, Justin Parker, Glenn Rane,
Yuri Riccaldone, Chris Robinson, Robert Simpson,
Edmo Suassuna, Varnish Studio, Inc.

*AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:*

World of Warcraft Team
Story and Franchise Development
Creative Services
Localization and Quality Assurance